



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

ELIONAY RODRIGUES MARQUES

GÊNERO E *FAKE NEWS*: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA

**FLORIANÓPOLIS
2024**



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

ELIONAY RODRIGUES MARQUES

GÊNERO E *FAKE NEWS*: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Janine Gomes da Silva

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

FLORIANÓPOLIS
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Marques, Elionay Rodrigues
GÊNERO E FAKE NEWS: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA
/ Elionay Rodrigues Marques ; orientadora, Janine Gomes da
Silva, 2024.
140 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. fake news. 3. ideologia de
gênero. 4. ensino de História. I. Silva, Janine Gomes da.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Ensino de História. III. Título.

Elionay Rodrigues Marques

GÊNERO E FAKE NEWS: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 26 de março de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Janine Gomes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Nucia Alexandra Silva de Oliveira
Universidade Estadual de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann
Coordenador do ProfHistória/UFSC

Profa. Dra. Janine Gomes da Silva
Orientadora

Florianópolis, 2024

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação aos professores e professoras que acreditam que é somente através da educação de qualidade que podemos oferecer um futuro digno aos nossos estudantes.

Dedico aos estudantes das escolas públicas e espero que todos e todas possam ter acesso a uma educação de qualidade, com professores e professoras motivados que os levem ao pensamento crítico.

E, por fim, dedico ao meu filho Daniel e ao meu irmão Angelo, que são alunos da escola pública... que eles encontrem em suas caminhadas educacionais professores e professoras que os levem a questionar a nossa sociedade e eles façam parte da construção de uma sociedade mais justa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores e professoras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que mesmo em meio a uma pandemia, proporcionaram encontros virtuais tão ricos e inspiradores em cada uma de nossas aulas.

Agradeço à minha orientadora, Janine, por estar comigo nessa caminhada e por não ter me deixado desistir quando as coisas ficaram difíceis.

Agradeço à minha banca de qualificação e defesa, Professora Núcia e Professor Sandor, por terem se disponibilizado a ler meu trabalho e trazer apontamentos tão importantes.

Agradeço aos meus colegas de profissão, que se tornaram grandes amigos, que me inspiram na luta por uma educação de qualidade e por serem um apoio diante de tantas batalhas enfrentadas. Bia, Rita, Juliano, Fer... obrigada!

Agradeço aos meus alunos e alunas, por me ouvirem e lutarem comigo por um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

Agradeço à minha família por ser meu porto seguro e por acreditarem tanto em mim, mesmo quando eu não tinha mais forças para continuar. Ao meu marido, Raoni, por ser um pai maravilhoso para o nosso Daniel e cuidar de tudo quando eu precisava me ausentar para escrever. À minha mãe, por ser uma professora inspiradora e por ter cuidado do Daniel para que eu pudesse finalizar a dissertação. À minha irmã Izabela, por ser minha inspiração e me passar uma segurança ímpar sempre que eu preciso. À minha madrinha por acompanhar toda a minha trajetória acadêmica. Ao Daniel, o grande amor da minha vida, meu filho. Foi tudo por você, meu amor, que um dia você possa se orgulhar da mamãe!

RESUMO

Esta dissertação discute o contexto da pós-verdade e a ascensão das *fake news* no Brasil principalmente durante as eleições presidenciais de 2018 e 2022, aliadas ao conservadorismo. As *fake news* pesquisadas concentram-se sobre o tema gênero, mais precisamente todas aquelas que envolvem a chamada “ideologia de gênero”, amplamente disseminadas nas redes sociais e articuladas pelo site Escola Sem Partido. O site em questão é analisado em relação ao teor sensacionalista de seus textos e o pânico moral que despertou na sociedade ao disseminar a ideia de que estudantes são doutrinados nas escolas por professores e professoras. As *fake news* verificadas pelas agências de checagem Aos Fatos e Agência Lupa sobre questões de gênero também foram utilizadas para demonstrar o fenômeno. A dissertação possui uma análise sobre a importância do debate sobre as questões de gênero em sala de aula, em busca de uma educação crítica que desenvolva a consciência histórica dos estudantes. Esta discussão leva em conta como o trabalho docente vem sendo atacado pelas informações fraudulentas que circulam sobre ideologia de gênero. A dimensão propositiva do trabalho tem o objetivo de auxiliar professoras e professores da educação básica do 9º ano do Ensino Fundamental a trabalhar com as questões de gênero em sala de aula, desconstruindo *fake news* sobre o assunto. Esta dimensão apresenta-se no formato de sequência didática, a partir de reflexões de notícias verídicas e falsas sobre as questões de gênero no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: *fake news*, gênero, ideologia de gênero, ensino de história.

ABSTRACT

This Dissertation discusses the context of post-truth and the rise of fake news in Brazil specifically during the 2018 and 2022 presidential elections and its link with conservatism. The fake news analyzed by this research refer mainly to gender, more specifically those regarding the so-called “gender ideology”, widespread through social media and organized by the website Escola Sem Partido (“Party-less School”). Said website is analyzed regarding the shock value of its articles and the moral panic it triggered in society as it spread the idea that students are indoctrinated in schools by their teachers. The fake news checked by the agencies Aos Fatos and Agência Lupa regarding gender issues were also utilized to demonstrate this phenomenon. This Dissertation displays an analysis of the importance of debating gender issues in classrooms as a condition for a critical education capable of developing historical awareness in students. The discussion considers how docent work has been under attack by slandering information involving “gender ideology”. This work’s propositive approach seeks to support teachers of the 9th grade when they have to discuss gender in their classrooms, dismantling the fake news surrounding this matter. This approach is presented through following teaching started by reflections about false and true news about gender issues in Brazil and worldwide.

Keywords: fake news, gender, gender ideology, history teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Site Escola Sem Partido – Ideologia de gênero	24
Figura 2: Texto Lavagem cerebral.....	25
Figura 3: Twitter Roberta Simão	26
Figura 4: Twitter Escola Sem Partido	28
Figura 5: Tweet fixado Escola Sem Partido	29
Figura 6: E-mail professora	30
Figura 7: Carta "Pais católicos reagem"	33
Figura 8: Apelo de compartilhamento	34
Figura 9: Fake News sobre o kit gay	48
Figura 10: Vídeo kit gay.....	49
Figura 11: Material didático – kit gay	50
Figura 12: Fake News de Bolsonaro sobre “kit gay”	51
Figura 13: Fake News sobre o PSOL	52
Figura 14: Fake News veiculadas por Damares Alves	53
Figura 15: Fake News banheiro unissex.....	54
Figura 16: Lista de projetos falsos.....	55
Figura 17: Fake News 2017.....	56
Figura 18: Fake News G1	57
Figura 19: Mamadeira com bico em formato de órgão genital	58
Figura 20: Facebook Olavo de Carvalho	59
Figura 21: Carlos Bolsonaro Twitter	60
Figura 22: Nova postagem de Olavo de Carvalho.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Notícias discutidas pelos estudantes.....	81
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADPF – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CONAE – Conferências Nacionais de Educação
CONEB – Conferência Nacional da Educação Básica
DF – Distrito Federal
ENADE – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
ESP – Escola Sem Partido
GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
LDB – Lei de diretrizes e bases da educação nacional
LGBT – Lésbica, gay, bissexual, transgênero
LGBTB – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
LGBTQI+ – Lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexual e mais
MESP – Movimento Escola Sem Partido
ONG – Organização Não Governamental
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PL – Projeto de lei
PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNDH – Programa Nacional de Direitos Humanos
PNE – Plano Nacional de Educação
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
PP-GO – Partido Progressista-Goiás
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PT – Partido dos Trabalhadores
PT-PR – Partido dos Trabalhadores-Paraná
SD – Sequência Didática
STF – Supremo Tribunal Federal
SUS – Sistema Único de Saúde
TSE – Tribunal Superior Eleitoral
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UNIVEM – Centro Universitário Eurípides de Marília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O FENÔMENO DAS FAKE NEWS E A IDEOLOGIA DE GÊNERO	18
1.1 Fake News e o conservadorismo	18
1.2 Escola sem Partido e a desinformação.....	21
1.3 Agências de checagem e a desconstrução das <i>fake news</i>	44
2. A DISCUSSÃO DE GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA	62
2.1 <i>Fake news</i> como objeto de análise.....	62
2.2 A construção da “ideologia de gênero” na história.....	64
2.3 Gênero como categoria de estudos aliado à construção de uma educação crítica	70
3. DIMENSÃO PROPOSITIVA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS.....	98
APÊNDICES	118

INTRODUÇÃO

O trabalho docente nas escolas públicas e privadas no Brasil vem sofrendo uma desqualificação e sucateamento. Grandes jornadas de trabalho, por vezes em escolas diferentes, com remuneração insuficiente, falta de apoio e incentivo a formação continuada, salas superlotadas e problemas de indisciplina de alunos e alunas são alguns dos problemas enfrentados. Entretanto, devido a onda conservadora que cresce a passos largos no Brasil, outro problema sério tem ganhado destaque: ataques aos profissionais da educação por pessoas de outras áreas, influenciadas por informações falsas, descontextualizadas e criminosas. A ideia de conservadorismo discutida aqui pode ser entendida a partir de Barroco (2009) quando ele destaca que a família é vista como um dos pilares morais dentro desse conservadorismo, tendo a mulher como fundamental na educação moral dos filhos, enquanto os “movimentos femininos” desintegram a família. O conservadorismo busca restaurar a ordem, autoridade, papel da família, valores morais e costumes tradicionais.

Vários temas trabalhados em sala de aula com respaldo nos documentos oficiais da educação viraram alvos de ataques. Dentre os temas pode-se destacar desigualdades sociais, racismo, gênero, entre outros. Ao trabalhar com algum desses temas (ou outros considerados “de esquerda”), alguns estudantes e pais se revoltam e acusam professores e professoras de “doutrinação ideológica”. Esses ataques não são realizados de forma isolada, mas articulados e inflamados por figuras públicas da extrema direita, que utilizam a internet para divulgar desinformações.

Para desqualificar o trabalho docente e atrapalhar o desenvolvimento de estudos que visam debates críticos sobre a sociedade, as informações falsas, categorizadas como *fake news*, devido a sua estrutura, são peças-chaves na generalização da confusão. Divulgadas pelas redes sociais, essas *fake news* circulam em velocidade recorde e chegam sempre aos grupos que deveriam chegar através de algoritmos.

Apesar de não ser um fenômeno recente, as *fake news* tomaram forças nas últimas décadas, principalmente durante as eleições presidenciais de 2018 e 2022 no Brasil. O candidato da extrema-direita, Jair Messias Bolsonaro, utilizou-se desse recurso durante toda a sua campanha em 2018 e teve a mesma postura em 2022, inclusive, reutilizando as mesmas desinformações da eleição anterior. O candidato fez sua caminhada política pautada no ódio a minorias e desqualificando o fazer docente, na qual as *fake news* foram suas grandes aliadas. Várias pessoas, instituições e partidos políticos foram atingidos por essas informações

fraudulentas, principalmente os partidos da esquerda e suas principais lideranças. Infelizmente ele não foi o único a utilizar essa narrativa da desinformação, outros candidatos a outros cargos políticos fizeram o mesmo¹.

Um dos focos das *fake news* amplamente divulgadas durante as eleições no Brasil foi a educação. Imagens, vídeos e textos circularam em páginas de blogs e redes sociais com conteúdo falso e apelativo. Grande parte desse conteúdo visava colocar a sociedade contra os professores e professoras, criando a ideia de que eles estavam doutrinando os estudantes a serem “esquerdistas”.

Outro foco dessa “doutrinação” que se espalhou pelas *fake news*, partia da ideia da “ideologia de gênero”. Segundo essa falácia, estudantes eram induzidos a tornarem-se homossexuais e as crianças aprendiam sobre sexo na escola, recebendo inclusive material para isso, mais conhecido como “kit gay”. Para endossar essa fala, as desinformações circulavam sobre os currículos escolares, os materiais didáticos e a formação de professores e professoras ainda na universidade. Os ataques também aconteciam diretamente aos docentes.

A “ideologia de gênero” não possui nenhuma validade científica, entretanto grupos conservadores da sociedade e produtores e disseminadores de *fake news*, utilizam o termo para causar pânico moral². Assuntos atrelados a ideologia de gênero circulam sempre com a justificativa de destruir a família.

As desinformações circularam de forma muito rápida devido as imagens e textos apelativos e de fácil entendimento. A partir disso, professores e professoras começaram a ter seu trabalho questionado. Outro fator que contribuiu para essa confusão generalizada foi o Movimento Escola Sem Partido, idealizado em 2004, mas que cresceu dando coro ao discurso contra a ideologia de gênero nas escolas. O site do movimento foi como um “ponto de encontro” de pessoas indignadas perseguindo e ameaçando o trabalho docente.

Na educação básica, a discussão sobre gênero também acontece na disciplina de História. O ensino crítico da história vai ao encontro da discussão sobre a consciência histórica

¹ É importante destacar que essa veiculação de notícias falsas não acontece somente em momentos de disputas políticas eleitorais, mas é uma prática diária desses grupos conservadores.

² Para conceituar ideia de pânico moral, Assis (2022) realiza um profundo estudo do tema. De forma resumida e amparada em suas palavras, ao trabalhar com o conceito de pânico moral neste trabalho é necessário pensar na ideia de pânico moral sexual, discutido por Stanley Cohen em seu livro "Folk Devils and Moral Panics" de 1972. Nesta obra Cohen analisa a delinquência juvenil e o medo associado, contribuindo para a compreensão desse fenômeno e servindo de base para pesquisas futuras. Destaca-se a validade das categorias para analisar pânico sexuais atuais, evidenciando um padrão de repetição em diferentes contextos históricos. Diversas estratégias e discursos são empregados, com grupos específicos identificados como fontes desse pânico. Cohen categorizou o pânico moral em cinco pontos-chave, destacando a divisão entre "nós" e "eles" estabelecida, especialmente em relação às sexualidades não-cis-heterossexuais. O pânico moral é descrito como inconstante e sujeito a evoluções ao longo do tempo, principalmente no contexto sexual (Assis, 2022).

desenvolvida por Rüsen. Segundo ele, “a consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária” (Rüsen, 2001, p. 56). É necessária uma discussão aprofundada deste ponto dentro da problemática das *fake news* sobre gênero. É na escola que estudantes trarão suas impressões previamente construídas para o debate e serão orientados da “diferença entre liberdade de expressão e discurso de ódio” (Seffner, 2020, p. 79), por exemplo.

O papel da escola nesse momento é construir um “*modus vivendi* de justiça social” (Seffner, 2020, p. 79), em que os alunos convivam de forma harmoniosa e com respeito às diversidades nela presentes, pautando-se na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. A base do trabalho desenvolvido em sala de aula é justamente a desconstrução de falácias, sendo professoras e professores guiados pela ciência histórica, que é realizada a partir de métodos e análises de fontes que desenvolvem a consciência histórica dos estudantes, fazendo sentido a ela/es, conforme apresenta Rüsen (2010, p. 110):

A atividade de consciência histórica pode ser considerada como aprendizado histórico quando produz a ampliação da experiência do passado humano, aumento da competência para a interpretação histórica dessa experiência e reforço da capacidade de inserir e utilizar interpretações históricas no quadro da orientação da vida prática.

Ao suscitar debates, amparando-se na ciência histórica e nas bases legais do ensino, sobre as temáticas de gênero, a/os estudantes conseguem interpretar a sua vida prática. Ainda citando Rüsen (2001, p. 59):

A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar as intenções de agir conformes com a experiência do tempo. Esse trabalho é efetuado na forma de interpretações das experiências do tempo. Estas são interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida.

Ao despertar a consciência histórica da/os estudantes, tem-se o propósito de desconstruir preconceitos e compreender as bases que sustentam a sociedade. No momento conturbado em que se vive, o conservadorismo expande seus tentáculos de variadas formas. Uma delas – e muito eficiente – é a disseminação de *fake news* sobre a real intenção em trabalhar a categoria gênero na sala de aula. A partir da reflexão sobre a temática, muitas questões históricas e sociais podem ser repensadas, possibilitando “o entendimento de que os sujeitos se constituem na e com as relações sociais em um constante processo de desenvolvimento de atividade humana” (Souza; Noleto, 2018, p. 2010).

As relações de gênero permeiam a vida humana e é necessário que o debate sobre o assunto seja realizado de forma satisfatória. Ainda que o trabalho com o tema traga desafios, o mesmo deve acontecer e, inclusive, é amparado nas leis e diretrizes escolares esta abordagem. Professoras e professores devem estar preparada/os para lidar com todas as questões emocionais, morais e religiosas que o tema suscita, e ao dialogar com Rösen (2001, p. 59) é imprescindível ponderar que: “Elas carecem de interpretação porque são sofridas”, neste caso, pela/os estudantes. Transformar o conhecimento em supressão de carências da vida prática da/o estudante é o grande desafio. Esse desafio amplia-se ao levar em conta a sensibilidade do tema e o fato de trabalhar com uma desconstrução de tudo aquilo que a/os estudantes ouviram sobre gênero até então. Tratar desse assunto não é simplesmente estabelecer a cientificidade do tema (Seffner, 2020).

Para um trabalho adequado com o tema, e que prepare a/os docentes para desconstruir o discurso baseado em *fake news* que a/os estudantes estão acostumados, é necessário, antes de tudo, entender a importância da categoria gênero na história. Ao considerar o gênero como categoria útil de análise, Scott (1995, p. 74) responde questões que ainda são decisivas neste debate: “Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?”.

Baseando-se na análise do termo realizada por Scott (1995) é necessário, de início, identificar o real sentido da palavra “gênero”. Esta palavra que causa arrepios ao setor conservador da sociedade, retirada de diversos planos de ensino e demozinada por grupos religiosos, não tem relação nenhuma com aquilo que é propagado dela. Para Scott (1995, p. 75) “o termo ‘gênero’ torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Partindo do pressuposto que homens e mulheres têm seu comportamento predeterminado pelo sexo biológico, o gênero tenta entender como isso acontece em determinadas sociedades. Ao trabalhar com a categoria em sala de aula, pretende-se realizar questionamentos desses papéis sociais que recaem sobre meninas e meninos, superando o debate de que pessoas são definidas única e exclusivamente pelo sexo biológico.

É importante que o corpo docente esteja cada dia mais preparado para o enfrentamento de discursos de ódio e da postura de pais e estudantes que chegam com argumentos baseados em discursos de ódio presentes em sites como o Escola Sem Partido e outras páginas que disseminam *fake news*. A/os estudantes têm o direito de conhecer a história segundo a perspectiva crítica que perpassa as relações de gênero para a sua própria constituição enquanto sujeito.

Partindo da premissa que o papel da escola, das professoras e professores é despertar o senso crítico da/os estudantes, é necessário o desenvolvimento de habilidades que tratem adequadamente de fontes midiáticas, fontes estas que servem de veículos da propagação de *fake news*. Segundo a BNCC:

A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fake news*, da manipulação de fatos e opiniões têm destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas (Brasil, 2017, p. 134-135).

Ao analisar essa questão especificamente dentro da disciplina de História, reitera-se que a “percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania” (Brasil, 2017, p. 398).

Ainda sobre a formação crítica que a/o estudante deve desenvolver na escola, Leite (2017, p. 14) discute que:

O ensino que se atém ao conteúdo não será significativo na medida em que, para que o aluno não fique limitado pela pós-verdade e não contribua para violências vindouras, é necessário que ele entenda que deve questionar as verdades impostas a fim de exercer sua cidadania.

Ao despertar tal criticidade, há o comprometimento em lutar contra um mundo baseado em mentiras organizadas que circulam com velocidade astronômica, possibilitando um acesso de qualidade a ciência e a história, sendo o trabalho docente um ato político contra todo tipo de manipulação (Nascimento, 2020).

Diante disso, o presente trabalho realiza no primeiro capítulo uma discussão sobre o fenômeno das *fake news* num contexto de “pós-verdade”, em que realidades paralelas são criadas e vão em direção oposta a tudo aquilo que a ciência apresenta. As *fake news* tem uma estrutura específica e utilizam as redes sociais para divulgação em massa. Junto ao movimento conservador no Brasil, busca-se entender como esses pilares apoiaram-se na desqualificação do trabalho docente.

Em seguida, a discussão é feita a partir da análise de textos do site Escola Sem Partido que usaram a ideologia de gênero para causar pânico na sociedade, bem como os perfis no *Twitter* de quem assinou os textos. A análise também passa pela estrutura dos textos enquanto uma narrativa sensacionalista atrelada às *fake news*. Por último, ainda no primeiro capítulo, são

analisadas *fake news* sobre gênero e educação que foram verificadas por duas agências de checagem: Aos Fatos e Agência Lupa.

No segundo capítulo a análise gira em torno das relações de poder que envolvem a disseminação de *fake News*, trabalhando a noção do tempo presente e o confronto do historiador no trabalho com essa temática. Ao trabalhar o conceito de *fake news* é imprescindível que se retome a história do tempo presente, visto que esta é “uma contínua presença e uma necessidade do discurso historiográfico” (Silva, 2017, p. 101) e as suas metodologias sejam analisadas.

Ainda no segundo capítulo, é discutida de forma mais aprofundada o que é a “ideologia de gênero”, quando e onde surgiu, como e por quem ela é disseminada no Brasil, bem como ela impacta na educação. A partir daí o foco do capítulo recairá sobre a importância dos estudos de gênero na educação básica para a construção do conhecimento histórico, estabelecendo de forma clara a diferença entre estudos de gênero e ideologia de gênero.

Para que esse ensino aconteça de forma adequada, o terceiro capítulo desenvolve uma análise da importância em realizar o debate sobre gênero na sala de aula pautado em uma sequência didática³ sobre o assunto. A sequência tem a intenção de, além de trabalhar com a/os estudantes a importância de compreensão da categoria gênero, desconstruir *fake news* e estarem sempre atentos a verificação de informações sobre o assunto.

Nesta sequência didática, os estudantes farão análises de notícias e de desinformações sobre gênero e serão convidados a refletir sobre o que sabem do assunto, bem como desconstruírem os preconceitos de impressões advindas das *fake news* que circulam sobre o tema. Após as análises e reflexões, terão a oportunidade de produzir um infográfico sobre o assunto, pensando em como poderão incentivar a leitura crítica dos demais junto a checagem de informações.

Ao trazer as discussões de gênero enquanto categoria de análise da história, realiza-se uma análise crítica daquilo que é considerado “natural” pelos setores conservadores hoje. Para que essa discussão seja feita, longe das suposições e mentiras divulgadas sobre o assunto, é necessário um preparo teórico sobre ela pensando em como trazer o assunto para a sala de aula de forma que os estudantes compreendam seu real significado, sendo esta a dimensão propositiva do trabalho, presente no terceiro capítulo.

A dissertação também fez parte do projeto “A internet como campo de disputas pela igualdade de gênero”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado

³ A sequência didática é uma metodologia de ensino-aprendizagem organizada a partir de várias estratégias para auxiliar no entendimento de um conteúdo/tema/assunto. A discussão teórica da sequência didática é realizada no terceiro capítulo.

(FAPESC) e coordenado pela professora Cristina Scheibe Wolff. Parte da discussão aqui realizada faz parte do livro⁴ de mesmo nome do projeto, lançado em 2024.

⁴ MARQUES, Elionay Rodrigues; SILVA, Janine Gomes da. Ideologia de gênero e fake News no site Escola Sem Partido. In: WOLFF, Cristina Scheibe; SCHMITT, Elaine. A internet como campo de disputas de gênero. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024.

1. O FENÔMENO DAS FAKE NEWS E A IDEOLOGIA DE GÊNERO

1.1 Fake News e o conservadorismo

Apesar do termo “*fake news*” ser novo nos debates acadêmicos, principalmente em análises de processos democráticos, a prática não é tão nova assim. Entretanto, a internet facilitou ainda mais a disseminação dessas desinformações. No Brasil, durante as eleições presidenciais de 2018 e 2022 a prática foi amplamente popularizada e muitas das *fake news* produzidas e disparadas nesse período ainda estão presentes no imaginário de boa parte dos brasileiros e ainda circulam em redes sociais.

Ao trabalhar sobre o assunto *fake news*, deve-se ponderar que o termo é relativamente novo (mesmo que sua prática não seja) e encontra-se imerso nas discussões da chamada “pós-verdade”. O conceito de pós-verdade é discutido por D’Ancona (2018) que se apoia na definição do dicionário Oxford, no qual a pós-verdade, escolhida como palavra do ano de 2016, é definida como “circunstância em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (p. 20). Dentro da lógica da pós-verdade o que importa é a divulgação das informações (ou desinformações) e como ela é feita, visto que o seu conteúdo aparece sempre de forma apelativa, onde “o que importa não é a veracidade, mas o impacto” (D’Anconna, 2018, p. 25) que essa notícia vai causar no seu receptor.

Em uma pesquisa realizada pelo aplicativo DFNDR Security, quase 65% das 35 mil pessoas entrevistadas afirmaram ter recebido algum conteúdo falso em suas redes sociais como WhatsApp ou Facebook Messenger. Ainda segundo os dados apresentados pela mesma pesquisa, o grande número de pessoas que recebe essas falsas informações se dá pelo “tom alarmante ou sensacionalista e o fato de solicitar compartilhamento” (Pecson, 2018), reforçando que a emoção é o grande motor da repercussão das *fake news*.

Somado a isso temos, segundo a análise de Kozinets (2014, p. 10) que

Em 2009 o número de usuários de internet ao redor do mundo ultrapassou 1,5 bilhão, o que corresponde a 22% da população mundial. Além disso, esses usuários não estão consumindo conteúdo de forma passiva, como muitos estavam em 1996, eles estavam se comunicando ativamente uns com os outros.

Essa comunicação ativa apresentada por Kozinets (2014) permanece com as facilidades de compartilhamento que as redes sociais oferecem. Uma vez disponibilizada a desinformação, quem a recebeu rapidamente quer disseminá-la sem antes checar sua fonte ou

refletir sobre ela, traço fundamental que as *fake news* causam em sinônimo de sensibilização: o desejo de que cada vez mais pessoas indignem-se com aquilo que foi visto/lido.

Ao realizar um estudo sobre o tema, Marcondes Filho (2019, p. 20) explica que as *fake news* têm uma atuação em dois planos que são básicos. Analisando o primeiro plano temos o: “bombardeio a médio prazo, constante e intermitente, através de blocos monolíticos de pensamento (os estereótipos), de fácil absorção e nenhuma reflexão”. Ao considerar as eleições presidenciais do Brasil de 2018, por exemplo, momento em que as *fake news* tiveram grandes alcances, verificamos que um dos estereótipos que foram explorados e dão corpo a esse trabalho encontra-se na “defesa da família”, e que, segundo as principais *fake news* veiculadas, estava ameaçada por candidatos da esquerda e principalmente infiltrada nas escolas a partir da ideologia de gênero. O segundo plano básico de atuação das *fake news* ainda segundo Marcondes Filho (2019, p. 20) caracteriza-se na “ação pontual em momentos decisivos por meio do massacre volumoso de *posts* no Facebook, Twitters, Whatsapps de um grande círculo de pessoas”, chave fundamental para a difusão tão rápida da desinformação. Este segundo ponto também pode ser compreendido ao pensar em quando foi a grande disparada das *fake news* no Brasil: durante as campanhas eleitorais (principalmente em 2018 e 2022).

Outro ponto que merece destaque ao trabalhar com “pós-verdade” e *fake news* é justamente como a internet auxilia na chegada da informação (ou desinformação) a quem precisa através dos algoritmos. Em estudo realizado por Amaral e Santos (2019, p. 76), temos as seguintes informações:

Os autores alertam para o “viés da confirmação”, ou seja, a tendência que as pessoas têm de validar informação que confirme suas crenças pré-existentes, o que traduz uma exposição limitada a diferentes pontos de vista (Bakir & McStay, 2017). Na esmagadora maioria das vezes, este fenômeno ocorre sem o conhecimento dos utilizadores, atendendo à ubiquidade das plataformas digitais (Mollen & Dhaenes, 2018).

Os algoritmos facilitam a criação de “bolhas” nas redes sociais e uma vez inseridos nessas bolhas, as informações que chegam ali são aquelas que atendem as expectativas ideológicas e pessoais de quem as forma. Desta maneira, dificilmente uma pessoa que tem o mínimo de esclarecimento sobre o assunto chegará a uma *fake news* de que mamadeiras com bicos em formato de órgão genital são distribuídas em escolas, por exemplo. Os “*social bots*”, que são algoritmos automatizados, trabalham na distribuição de *fake news* e segundo Amaral e Santos (2019, p. 77) “são utilizados na manipulação direta de utilizadores. Estão

programados para publicarem conteúdos e interagirem com outros utilizadores, estabelecendo ligações sociais”. Atrelado à pós-verdade, essas bolhas facilitam a escolha de sua própria realidade (D’Ancona, 2018, p. 57).

Diante disso, devemos ter clareza que as *fake news* não se limitam apenas a disseminação de mentiras em momentos decisivos da política institucional, por exemplo, mas utilizam robôs para replicar essa ideia e “pressionam com centenas de milhares de *posts* buscando massacrar opiniões adversas” (Marcondes Filho, 2019, p. 19-20). Dito isso, percebe-se que existe uma construção diária e massiva de desinformação.

D’Ancona (2018) faz uma análise das eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016, entretanto, podemos comparar diversos pontos com as eleições presidenciais brasileiras de 2018 e 2022, visto que ambas tiveram as campanhas dos candidatos de extrema direita pautadas em *fake news*. Dentre as diversas *fake news* que circularam no Brasil durante as eleições de 2018, o foco dado aqui será àquelas sobre questões de gênero.

O discurso conservador sempre foi muito forte dentro da política brasileira e em 2018 esse debate foi ainda mais intenso. A “defesa da família” foi o grande holofote das campanhas dos candidatos conservadores, e justamente a defesa dela foi colocada em destaque porque várias *fake news* contavam que havia uma ameaça à família. Entretanto, é necessário destacar que a única família que interessa a ala conservadora é a cisheteronormativa e cristã. Para os candidatos conservadores era necessário reconstruir essa família, mas antes disso era necessário apontar o inimigo que a destruíra, no caso, a “esquerda”. A lógica conservadora alia-se às *fake news* e desenvolve uma narrativa que se complementa:

O conservadorismo se alia a esse movimento de práxis repetitiva, uma vez que uma ideia conservadora aparece para nós como natural, inquestionável, e em razão da sua natureza de manter em permanência o que está estabelecido (justamente porque conserva) faz com que apareça também como coerente à própria personalidade do sujeito (Ferreira, 2016, p. 170).

Uma vez naturalizada, essa lógica é replicada pelo setor conservador que, atrelado a facilidade que a internet proporciona, chega de forma muito rápida àqueles que acreditam nessa narrativa e, uma vez receptores, acabam replicando essas informações movidos pela emoção que lhe causam:

A lógica das *fake news* é antiga: destruir reputações, fomentar o ódio, provocar celeuma, obter vantagens com o prejuízo alheio, gerar confusão, obter prazer com a propagação daquilo que atrapalha o discernimento, etc. Novidade é a tecnologia de produção, montagem e disseminação do falso. Quando todos podem ser emissores e difusores de dados, não há mais limite para a circulação do inverídico. Nunca foi tão

fácil e rápido mentir para todos. A notícia falsa disputa com a verdadeira a atenção dos públicos. A sua vantagem é a liberdade que se dá para usar técnicas jornalísticas atreladas ao sensacionalismo para mexer com as emoções, mais especificamente as paixões, dos indivíduos (Silva, 2019, p. 43).

A utilização da família em seu modelo cisheteronormativo constituiu-se como base para ataques da ala conservadora do congresso, principalmente pela bancada evangélica. Tudo que pode questionar as bases patriarcais que sustentam a sociedade é visto como uma ameaça, como analisa Ferreira (2016, p. 174):

A definição de família como união entre homem e mulher proposto pelo famigerado Estatuto da Família, por exemplo, tem se apresentado como uma das grandes tendências do projeto político conservador em ascensão no Brasil através do apoio religioso fundamentalista. Uma das preocupações do conservadorismo e que é materializado em pensamentos imediatos do senso comum é que a “moda da homossexualidade e do feminismo” seja transmitida às crianças e jovens, que passem a não valorizar mais as tradições de subserviência familiar e rigidez patriarcal nos papéis hierárquicos destinados às famílias (Ferreira, 2016, p. 174).

Esses questionamentos e análises geralmente acontecem a partir de uma educação crítica nas escolas, apoiados nas propostas pedagógicas presentes na Base Nacional Comum Curricular e nos currículos de bases estaduais e municipais, o que foi alvo de críticas pelo setor conservador e encontrou forças no Movimento Escola Sem Partido.

1.2 Escola sem Partido e a desinformação

Segundo Manhas (2016, p. 17-18) a relação entre o movimento Escola Sem Partido e a “ideologia de gênero” concentra-se nos “fundamentalismos conservadores que tentam passar às pessoas suas ideologias e crenças”. O movimento em questão foi idealizado pelo procurador Miguel Nagib em 2004 e encontra-se disponível na internet no endereço <http://www.escolasempartido.org/>⁵. O site do movimento esteve fora do ar por um período entre o final de 2023 e início de 2024, entretanto, enquanto a presente dissertação estava sendo finalizada o site voltou a ativa.

A internet enquanto fonte primária é discutida por Almeida (2011) e ele conceitua esse tipo de fonte como “digitais exclusivos” que:

engloba aqueles documentos que não possuem outro suporte além do digital. Trata-se de uma enorme quantidade de informação que está sendo produzida e disponibilizada unicamente em formato digital, sobretudo na Internet. Nesse caso, os dados referentes a tais documentos têm na rede o seu único meio de publicação e arquivamento. Dessa forma, a rede mundial de computadores propicia uma existência “virtual” para esta

⁵ Acesso em 12 de maio de 2022.

documentação. Por exemplo, nos dias de hoje muitas pessoas possuem diários virtuais publicados em blogs da Internet. Contudo, os diários virtuais são voláteis e sua permanência na Internet (e nos discos rígidos dos servidores, onde encontram sua materialidade física) pode ser efêmera (De Almeida, 2011, p. 19).

Devido ao seu caráter efêmero, esse tipo de fonte pode sair do ar, o que foi o caso do site do Movimento Escola Sem Partido. Entretanto, mesmo fora do ar durante um período de tempo, tudo o que foi publicado ali ao longo dos anos, reflete ainda hoje na nossa sociedade e no entendimento da educação e dos professores e professoras como inimigos que devem ser perseguidos, material que deve ser amplamente analisado e discutido para pensar os desafios da profissão docente. A efemeridade da Internet ressalta a importância da consciência dos historiadores diante desta fonte. Deve-se levar em consideração que o acesso a esse tipo de fonte acontece por tempo limitado e o historiador deve responsabilizar-se pela sua preservação e “Não fosse a sua intervenção, o documento poderia ser perdido em caráter definitivo” (De Almeida, 2011, p. 16).

Em análise ao referido site, que foi uma expressão do Movimento Escola Sem Partido, pode-se perceber que ele não foi tão movimentado nos últimos anos. Entretanto no momento de sua fundação e em relação ao apoio que recebeu, teve força para apresentar-se como uma proposta da extrema-direita contra a suposta “doutrinação ideológica” promovida pela esquerda nas escolas públicas e privadas do Brasil. O site ainda conta com anteprojetos que podem ser facilmente acessados e editados para serem implementados em câmaras de todo o Brasil.

Algebaile (2017, p. 64) identifica o site do movimento como um “meio de veiculação sistemática de ideias, de instrumentalização de denúncias e de disseminação de práticas e procedimentos de vigilância, controle e criminalização relativos ao que seus organizadores entendem como ‘práticas de doutrinação’”. O site do movimento foi um dos grandes protagonistas na criação de uma confusão generalizada em relação à categoria teórica “gênero”, transformando-a em uma pretensa ideologia sem a problematização que o tema suscita (Manhas, 2016).

Ao analisar o fenômeno conservador no Brasil atrelado ao Escola Sem Partido, Sepulveda e Sepulveda (2020, p. 97) reiteram que:

Movimentos conservadores como “Escola sem Partido” (Mesp) e as teorias conservadoras baseadas no combate à tal “ideologia de gênero” vêm promovendo uma série de ataques ao campo educacional, seja por meio de projetos de leis nas diferentes câmaras legislativas ou através do pânico moral, produzindo um imaginário que compreende o gênero como alienígena, algo que estaria fora da escola e assim deveria permanecer.

O “pânico moral” citado acima deve ser considerado em relação aos estragos que pode proporcionar. Por mais que diversas *fake news* sobre gênero já tenham sido amplamente desmentidas, suas consequências permanecem, afinal, segundo Silva (2019, p. 43) “As falsas informações acabam sendo refutadas. O efeito que provocam, porém, dificilmente é desconstruído”.

Podemos identificar o site do movimento e quem publicava nele como uma “comunidade virtual”. O termo foi desenvolvido por Howard Rheingold em 1993 e é discutido por Kozinets (2014, p. 15) tendo por definição um conjunto de pessoas que discutem questões públicas com “suficiente sentimento humano”, formando redes de relacionamentos, o que se adequa a proposta do Escola Sem Partido.

O site conta com críticas à escola pública e a formação de professores e professoras em universidades públicas do país. Ao realizar a leitura dos textos que compõem o site foi possível a identificação do teor agressivo com que fazem suas “denúncias”. Os textos do site criticam tudo aquilo que consideram “de esquerda” em todas as disciplinas escolares. Essas críticas foram endossadas em relação aos documentos oficiais sobre o ensino no Brasil e nos estados, como a Base Nacional Comum Curricular e os Planos Curriculares, e aos materiais didáticos presentes nas escolas.

Penna (2017, p. 35) analisa que apesar de o fato do site trazer colocações e debates absurdos e infundados legalmente, a ideia se espalhou com muita força pelas redes sociais, visto que “utiliza-se de uma linguagem próxima a do senso comum, recorrendo a dicotomias simplistas que reduzem questões complexas a falsas alternativas e valendo-se de polarizações já existentes no campo político para introduzi-las e reforçá-las no campo educacional”. O autor ainda identifica a utilização do termo “ideologia de gênero” pelo site como “ideologia antifamília, uma tentativa de transformar os jovens em gays e lésbicas, um ataque à família” (2017, p. 45).

Ao realizar uma busca das palavras-chave “ideologia de gênero” no site do Movimento Escola Sem Partido, nove páginas de artigos e depoimentos foram filtradas (Figura 1).

Figura 1: Site Escola Sem Partido – Ideologia de gênero

ESCOLA SEM PARTIDO Home Quem somos Programa Escola sem Partido Blog Perguntas e Respostas

veio ao Brasil para participar de um mega evento...

[CONTINUE READING](#)

Porque os pais devem dizer NÃO à ideologia de gênero

Por Rejane Soares* Para a psicanálise freudiana as diversas psicopatologias -- neuroses, psicoses e perversões -- estão diretamente relacionadas às possíveis saídas que o complexo de Édipo comporta. É com...

[CONTINUE READING](#)

No IFPE, fanáticos da religião do gênero transformam banheiro feminino em banheiro trans

Doutrinação por imersão: além de bagunçar a cabeça dos alunos desde a educação infantil, os promotores da ideologia de gênero atuam para destruir a "lógica heteronormativa" que organiza o espaço...

[CONTINUE READING](#)

Agenda de gênero: redefinindo a igualdade

Recado do ativista cristão Júlio Severo: Pessoal, estou enviando, em arquivo PDF anexo, o documento "Agenda de Gênero", resumo de um livro sobre ideologia de gênero. O livro foi escrito...

[CONTINUE READING](#)

1 2 3 4 ... 9 >

Fonte: <http://escolasempartido.org/?s=ideologia+de+genero>

O Apêndice 1 traz todos os resultados encontrados nessa busca com os títulos dos textos, as datas das publicações em mês e ano, os autores (quando identificados no texto), e os respectivos links para acesso. Percebe-se na maioria dos títulos o teor sensacionalista que suscitam, sempre falando no imperativo ou com um ar de denúncia. Sodré (2019) faz uma análise sobre a forma em que as notícias se colocam que auxiliam na compreensão do seu formato:

Novidade e emoção represada são dois componentes afetivos de sua estrutura, que ajudam a explicar o seu funcionamento. A novidade mobiliza inicialmente a atenção do interlocutor, suscitando uma espécie de alerta. A emoção represada, em que atuam fortemente resquícios de imaginário coletivo, leva à aceitação acrítica do fato embutido na novidade e epidemicamente acelerado pela velocidade circulatória das redes. O efeito é análogo ao da contaminação viral. E havendo gratificação afetiva ou auto-satisfação narcísica, desaparece a antinomia entre verdade e mentira (Sodré 2019, p. 102).

Para despertar essa emoção, expressões como “lavagem cerebral”, “estupro”, “doutrinação”, “crime”, “tragédia”, “flagrante”, “satanismo”, “pedofilia”, “totalitarismo” são evocadas nos títulos.

Para tentar fundamentar a “legitimidade constitucional” do site, segundo o próprio administrador no texto “Fundamentos Constitucionais e legais do Escola sem Partido”, foi publicado um texto, apresentando um parágrafo como se fosse um artigo da constituição federal. Segundo o autor, na constituição consta que “o Poder Público não se imiscuirá no processo de amadurecimento sexual dos alunos nem permitirá qualquer forma de dogmatismo ou proselitismo na abordagem das questões de gênero”. Todavia, ressalta-se que este artigo não existe na constituição. E mesmo que apresentado como parte da legislação, não faz parte dela. Ao trazer o suposto artigo da constituição o autor do texto deixa implícito que a luta do movimento é contra quem age fora daquilo que ele coloca como “lei já em vigor”.

O texto “Lavagem cerebral com ideologia de gênero em escola particular de Brasília” assinado por Roberta Simão traz o que parece ser um depoimento de aluno com uma foto do livro didático. Na foto é possível observar o título do texto “Chico usa vestido: Carol cria o filho sem imposições de gênero”.

Figura 2: Texto Lavagem cerebral

The image shows a screenshot of a blog post from the website 'ESCOLA SEM PARTIDO'. The page header includes the site's logo and navigation links: 'Home', 'Quem somos', and 'Programa Escola sem...'. The main title of the post is 'Lavagem cerebral com ideologia de gênero em escola particular de Brasília'. Below the title, there is a metadata line: 'Roberta Simão - 20/04/2020 - Depoimentos - 0 Comments'. The main text of the post begins with a quote: "Já fizemos muitas redações que nos levam a escrever o que não queremos. Tenho que escrever sobre a imposição de gênero pela sociedade, e não posso discordar da ideia principal do texto." This is followed by a sub-header: 'Sou aluno de uma escola particular de Brasília, e gostaria de fazer um relato.' and another paragraph: 'Nós já fizemos muitas redações que nos levam a escrever o que não queremos. Um exemplo é a atividade abaixo'. Below this text is a photograph of a textbook page. The page is titled 'Texto II' and has a sub-heading: 'Chico usa vestido: Carol cria o filho sem imposições de gênero'. The text on the page discusses gender roles and mentions a journalist named Carol Patrocínio.

Fonte: <http://escolasempartido.org/blog/lavagem-cerebral-com-ideologia-de-genero-em-escola-particular-de-brasilia/>

As informações do relato falam brevemente que os alunos são obrigados a aceitar as imposições das atividades sobre gênero. Simão, que aparece como autora do texto, não

apresenta nenhum tipo de análise ou crítica sobre o assunto. Em sua conta no Twitter (@robertasimaocc) há apenas 32 seguidores e sua última postagem foi em janeiro de 2022 (Figura 3). Entretanto, entre os últimos *tweets* têm *retweets* de figuras da extrema direita como Rodrigo Constantino, Alexandre Garcia, Bia Kicis entre outros. Dentre suas postagens estão presentes críticas ao STF, denúncias de “cristofobia” e repostagens do Twitter do Escola Sem Partido, inclusive pedindo que as aulas sejam gravadas.

Figura 3: Twitter Roberta Simão



Fonte: <https://twitter.com/robertasimaocc/status/1287524348480430081>

Ao analisar o texto “A ideologia de gênero no banco dos réus”, escrita pelo fundador do site, Miguel Nagib em setembro de 2015, pode-se perceber vários elementos da narrativa das *fake news*. Nagib inicia seu texto falando sobre o 2º Seminário Internacional Desfazendo Gênero, promovido pela Universidade Federal da Bahia. Em suas palavras “O público-alvo, quase sempre, é formado de professores da educação básica; e o objetivo – que está sendo plenamente alcançado –, não podia ser mais claro: martelar esses assuntos nas cabeças dos professores para que eles os martelem nas cabeças dos alunos”. Nesta informação já percebem-se os equívocos que poderiam ser facilmente desconstruídos: ao realizar uma pesquisa no próprio site do evento no link “Apresentação” encontram-se as informações de como o evento foi idealizado e a quem se destina: “espaço de interlocução entre as pessoas que trabalham com os estudos queer, em sua interface com os estudos das subalternidades e pós-colonialidades”⁶,

⁶ Disponível em: <<http://www.desfazendogenero.ufba.br/>>. Acesso em: maio de 2022.

e não professores da educação básica como mencionado por Nagib. Entretanto, como já discutido por Silva (2019, p. 44) pode-se identificar que “A verdade exige tempo de apuração, de verificação e de ponderação. A falsificação ocupa os espaços vazios acelerando sempre mais o seu fluxo. Nessa perspectiva, a tecnologia deu ao falso o seu maior trunfo: a velocidade de difusão”. Neste caso, Nagib utiliza-se de seu site e das facilidades de difusão das desinformações dali para realizar uma manipulação que é aceita por sua bolha.

O tom de ameaça aos professores e professoras é visivelmente presente nas palavras de Nagib, que termina o texto com as seguintes palavras: “O professor é pessoalmente responsável pelos danos que causar no exercício das suas funções. Por isso, é melhor ficar esperto e pensar duas vezes antes de seguir as recomendações do MEC. Na dúvida, vale consultar um advogado”. Frases como esta fomentam o ódio aos professores e professoras que se amparam em bases legais para trabalhar com as questões de gênero em sala de aula, comprometendo o seu trabalho que fica sob ataque e constante vigília por alguns estudantes e seus responsáveis.

Apesar de a última postagem do site em formato de texto ter sido em 2020, uma conta no Twitter com o mesmo nome, Escola Sem Partido (@escolasempartid), continua sendo movimentada pelo fundador do site, Miguel Nagib. O perfil contava com 107.251 seguidores em novembro de 2022 (Figura 4). Entretanto, ao analisar suas postagens, a repercussão já não é tão expressiva. O *tweet* fixado, ou seja, aquele que fica em destaque para quem acessa o perfil, tem apenas 11 comentários, 87 *retweets* e 261 curtidas (Figura 5).

Figura 4: Twitter Escola Sem Partido



The image shows a screenshot of the Twitter profile for 'Escola sem Partido'. At the top, the profile name 'Escola sem Partido' is displayed with a back arrow on the left and '10,9 mil Tweets' below it. The profile picture is a circular logo with the text 'ESCOLA SEM PARTIDO'. The header image features a quote by Zé Dirceu: 'A PIOR AMEAÇA QUE NÓS VAMOS VIVER É O LA SEM PARTIDO'. Below the header, the profile name 'Escola sem Partido' and handle '@escolasempartid' are shown. A bio states: 'Conta do extinto movimento Escola sem Partido, administrada pelo advogado Miguel Nagib'. Location is 'Brasil', website is 'linktr.ee/escolasemparti...', and it was created in August 2009. It has 58 accounts it follows and 107,2 thousand followers. A note at the bottom says 'Não é seguido por ninguém que você segue'.

Escola sem Partido
10,9 mil Tweets

Zé Dirceu:
"A PIOR AMEAÇA QUE NÓS VAMOS VIVER É O LA SEM PARTIDO"

ESCOLA SEM PARTIDO

Escola sem Partido
@escolasempartid

Conta do extinto movimento Escola sem Partido, administrada pelo advogado Miguel Nagib

Brasil linktr.ee/escolasemparti... Ingressou em agosto de 2009

58 Seguindo 107,2 mil Seguidores

Não é seguido por ninguém que você segue

Fonte: <https://twitter.com/escolasempartid>

Figura 5: Tweet fixado Escola Sem Partido



Fonte: <https://twitter.com/escolasempartid/status/1561760554972233731>

O perfil pessoal no Twitter de Miguel Nagib (@miguel_nagib) é movimentado diariamente principalmente com *retweets* da conta do Escola Sem Partido. Dentre as últimas postagens é possível perceber um grande ressentimento pelo fim do movimento e queixas de que não há mais ninguém na luta por escolas livres da doutrinação.

Um caso a ser destacado, também presente no site do Escola Sem Partido como relato de um estudante, apresenta-se com o título “Não aguento mais receber trabalhos cujo objetivo é f*der com a mentalidade dos alunos”. O texto é assinado por Nagib e traz as palavras do estudante que realiza a denúncia:

Gostaria de expor algumas coisas que estão acontecendo em minha “escola”, mais precisamente no Google Classroom, que é o meio em que nós estamos tendo aula no

momento. Sou aluno do 1º ano do ensino médio da Escola Ernesto Dornelles, em Porto Alegre-RS.

Minha professora de Sociologia/Ensino Religioso está mandando tarefas à distância pelo site Classroom, assim como todos os outros professores.

Acontece que ela está mandando muitos trabalhos relacionados com Ideologia de Gênero/Machismo/Igualdade e tudo aquilo que uma professora de esquerda mandaria para doutrinar e alienar seus alunos.

Gostaria de saber se tem como fazer alguma coisa, porque eu não aguento mais receber trabalhos cujo objetivo é foder com a mentalidade dos alunos (desculpe a palavra, mas é que isso está me estressando mesmo).

O estudante não tem sua identidade revelada, entretanto, ao enviar imagens das atividades que critica, o e-mail da professora está presente (Figura 6).

Figura 6: E-mail professora

The image shows a screenshot of an email from 'ESCOLA SEM PARTIDO'. The email header includes the school's logo and navigation links: 'Home', 'Quem somos', and 'Programa Escola sem Pc'. The main content is titled 'ATIVIDADE 2' and instructs the student to read a reportage on patriarchy. It includes a URL: <https://economia.uol.com.br/videos/2020/05/12/instituto-maria-da-penha-alerta-sobre-violencia-domestica-em-quarentena.htm>. The text defines patriarchy as a system of power analogous to slavery, where men's power is legitimized in private and public spheres, justifying domestic violence and impunity for crimes against women. It also notes that patriarchy is expressed in the idea of men being superior to women, a hierarchy that permeates various social spaces. A citation '(Sociologia em Movimento, pag. 335)' is provided. At the bottom, it asks the student to research the 'Movimento Feminista' and its role in fighting violence and discrimination against women. The email concludes with a deadline: 'Entrega até dia 24/07' and the recipient's email: 'PARA NOVO email cristiane-vsilva@educar.rs.gov.br'.

Fonte: <http://escolasempartido.org/blog/nao-aguento-mais-receber-trabalhos-cujo-objetivo-e-fder-com-a-mentalidade-dos-alunos/>

Dentre as atividades que o estudante compartilha tentando “fazer alguma coisa”, percebe-se o uso de textos e interpretações dos mesmos em relação às questões de gênero, assuntos que fazem referência a uma das competências específicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Ensino Médio segundo a Base Nacional Comum Curricular: “Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos” (Brasil, 2018). A BNCC ainda traz uma reflexão acerca dessa competência:

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. Para a realização desse exercício, é fundamental abordar circunstâncias da vida cotidiana que permitam desnaturalizar condutas, relativizar costumes, perceber a desigualdade e o preconceito presente em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional (Brasil, 2018, p. 564).

Entre as atividades propostas pela professora, ela aborda as questões de sexo biológico, patriarcado, orientação sexual entre outros assuntos relacionados à categoria gênero e propõe reflexões. Não há por parte do aluno ou de Nagib nenhuma análise em relação às atividades que possam comprovar o seu teor de “doutrinação”. É possível perceber mais uma vez como a narrativa das *fake news* se faz presente: existe um ódio que já vem sendo alimentado em relação ao tema, entretanto não há uma explicação para tal. Ou seja, o estudante coloca-se de uma forma extremamente negativa em relação ao estudo do tema, mas não argumenta o motivo para isso.

Outro texto que se destaca no site é assinado por Percival Puggina em 2016 e tem o título “A pedofilia vai a escola”. O próprio nome do texto já desperta atenção e Puggina o redige em primeira pessoa cheio de indignações e nenhuma fonte apontada. Ele inicia falando inclusive do “kit gay”:

Você já parou para pensar sobre o motivo dessa farta produção de literatura voltada à educação sexual nas escolas? Não vou nominar obras para não fazer publicidade de lixo pedagógico, mas há de tudo. O famoso kit gay não foi o primeiro nem o último material pernicioso. O Ministério Público chegou a intervir, em alguns casos, para impedir a distribuição. Há publicações que, explicitamente, estimulam experiências auto-eróticas, heterossexuais e homossexuais. Um desses livrinhos vem com a recomendação, aos pequenos leitores, de que devem conservar o referido “material escolar” fora do alcance dos pais...⁷

Puggina também utiliza trechos do caderno de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 para “embasar” sua teoria. Entretanto, ele cita dois trechos do texto e não os problematiza ou trabalha na íntegra. Puggina também tem um texto publicado no site em que se dedica a criticar a BNCC. O perfil no Twitter de Puggina (@PERCIVALPUGGINA) é bastante movimentado e com vários *tweets* em apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

Em um texto de 2015 assinado por Thiago Cortês, intitulado “Guarulhos: onde a Marcha das Vadias se mete na educação de crianças” traz desde o início a retórica da família

⁷ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/a-pedofilia-vai-a-escola/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

cisheteronormativa em ameaça: “A Ideologia de Gênero é a nova arma dos movimentos que querem destruir a família”. Durante seu relato de como aconteceu a audiência pública em Guarulhos, o autor traz diversas críticas a quem se coloca a favor da “ideologia de gênero”. O teor sensacionalista presente na sua escrita é evidente em vários momentos, por exemplo: “Para os militantes que tomaram a Câmara de Guarulhos na fatídica noite de 20 de maio, os religiosos deveriam ser confinados em leprosários e autorizados a sair de lá apenas pagar os impostos que sustentam, inclusive, a estrutura de doutrinação”. Em relação ao seu discurso e principalmente onde ele se encontra, é possível perceber as técnicas de persuasão, sendo estas realizadas de forma intencional causando interpretações confusas em quem a informação está chegando (Jorge, 2019, p. 227). Em sua conta no Twitter, Thiago Cortês (@SouDescortes) tece críticas irônicas a esquerda a partir de *retweets* de sátiras e tem como referência figuras da extrema direita como Monark.

Klauber Cristofen Pires publicou no site Escola Sem Partido um texto em 2014 com o título “Pais católicos reagem!”. Ele inicia o texto com suas queixas em relação a “Doutrinação ideológica escolar, anti-catolicismo ou anti-cristianismo, educação sexual, pluralismo religioso, vacinação HPV e em breve, ideologia de gênero, são temas que estão se tornando comuns nas escolas brasileiras, entre as quais as próprias escolas católicas”⁸, e deixa um modelo de carta a ser enviado para as escolas que tiverem os mesmos “problemas” que ele descreve (Figura 7). Essa é uma prática muito comum no site: anexar modelos de como “buscar seus direitos”, seja a partir de cartas, gritos de ordem ou anteprojetos políticos. Não foi encontrada nenhuma conta no Twitter com o nome de Klauber Cristofen Pires.

⁸ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/pais-catolicos-reagem/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Figura 7: Carta "Pais católicos reagem"

ESCOLA
SEM PARTIDO

Home Quem somos Programa Escola sem P

Querido Arcebispo! Devido ao que tão resumidamente expusemos aqui, alguns pais do nosso grupo vêm solicitando a dispensa de seus filhos das aulas de ensino religioso, e isto nos causa uma tristeza tão pungente que um dos pais lembrou que em sua época de estudante, eram os judeus e protestantes a sair da sala de aula de ensino religioso, em respeito às suas respectivas convicções religiosas por parte das instituições de ensino católicas, enquanto que agora são seus filhos – católicos (!) – que saem das aulas de religião em um colégio – católico(!)

Em anexo, encaminhamos os seguintes documentos

1 – Requerimento de dispensa das aulas de ensino religioso;

2 – Carta à diretora do Colégio Nazaré;

3 – Artigo: O que você precisa saber sobre a vacina contra o vírus HPV e o governo omite

4- Artigo: Votação do PNE será em 2 de abril (de 2014), quarta-feira.

5- Livro: Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental, acompanhado de DVD com os respectivos capítulos gravados.

Respeitosamente, pedimos vossa benção e rogamos avaliar as nossas preocupações.

Belém, 31 de março de 2014.

(Assinam os pais)

<http://libertatum.blogspot.com>

Fonte: <http://escolasempartido.org/blog/pais-catolicos-reagem/>

Em outro ataque direto aos professores, uma publicação de 2013 intitulada “Engenharia comportamental nas escolas de Santa Catarina”⁹ critica o Quinto Concurso de Cartazes sobre Lesbofobia, Transfobia, Homofobia e Heterossexismo nas Escolas, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina em escolas públicas da região da Grande Florianópolis. Nas palavras do autor do texto (que não apresenta identificação nominal) temos a seguinte ponderação sobre o concurso: “operação de engenharia comportamental, destinada a fazer a cabeça dos estudantes para que eles repitam, sem questionar, as palavras de ordem do sindicalismo gay e o credo da ideologia de gênero”. O projeto que tem a intenção de trabalhar o assunto nas escolas e desenvolver debates sobre o tema é colocado como raso e doutrinador, com uma explicação simplista para um assunto complexo.

A ex-Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, é citada no site e tem um vídeo de um de seus discursos vinculado ao texto. No vídeo¹⁰ importado do YouTube, Damares fala em uma igreja evangélica sobre a educação no Brasil. O foco dela é “proteger as crianças” do que acontece na escola e logo no início do vídeo, aos 10’56” ela menciona que a ex-prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, gastou 2 milhões de reais com o

⁹ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/engenharia-social-e-comportamental-nas-escolas-de-santa-catarina/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BKWc0sUOvVM&t=1804s>>. Acesso em novembro de 2022.

Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) para ensinar professores das creches sobre ereção e masturbação em bebês. Ela fala ainda no vídeo que a prática de masturbar bebês na Holanda é comum, sendo iniciada nos meninos aos 7 meses e há material para ensinar os pais a fazê-lo. Damares Alves também apresenta várias imagens de cartilhas que, segundo ela, são distribuídas nas escolas públicas do Brasil para ensinar crianças desde os dois anos de idade como fazer sexo. O texto da página em que o vídeo está inserido faz o apelo de que “Vale a pena assistir e divulgar entre seus familiares e amigos” (Figura 8).

Figura 8: Apelo de compartilhamento



Fonte: <http://escolasempartido.org/blog/estao-detonando-as-nossas-criancas/>

O texto “Abade do Mosteiro de São Bento denuncia uso do sistema de ensino para a difusão de valores contrários à família” é um relato da conferência de Dom Mathias Tolentino Braga que aconteceu no dia 29 de novembro de 2012 com o tema “Crise no Ensino Fundamental e Médio põe em risco a educação que você dá para seus filhos”. O relato traz uma “análise” da “decadência do ensino” com as raízes já na Renascença, culpando a influência do Estado e do protestantismo na educação e a perda da autonomia da Igreja Católica. Para concluir essa ideia, o texto traz que “Esse processo chegou até nossos dias, em que o Estado suplantou a proeminência da Igreja no ensino e passou a controlar tiranicamente as instituições, impondo-lhes seu viés marxista e imoral”. Dentre as palavras que visam causar um pânico moral podemos perceber “tiranicamente”, “viés marxista” e “imoral”. A crítica

continua presente no texto que denuncia uma educação não moldada ao cristianismo: “as crianças que ainda aprendem em casa que casamento só existe entre um homem e uma mulher, quando chegam à escola têm de ouvir uma cantilena interminável baseada na ‘ideologia de gênero’.”¹¹ Como já discutido anteriormente, a “ideologia de gênero” permeia o centro das denúncias no site e é colocada para a população como uma das grandes vilãs do ensino.

O ensino de História é duramente criticado nesta mesma palestra de Dom Mathias e a reprovação estende-se principalmente aos materiais didáticos da disciplina:

Os livros devem suscitar a luta de classes, a consciência social (leia-se ideologia marxista) e a mais desabrida libertinagem (os chamados manuais de educação sexual). Com efeito, se os alunos não entrarem por essas sendas, serão mal classificados ou até desclassificados pelo ENEM ou pelo ENADE...¹²

O resumo da palestra encerra-se chamando as pessoas para lutar contra todas as mazelas do ensino, algo de praxe no discurso sensacionalista presente no site. Ao realizar uma busca sobre o palestrante em questão, Dom Mathias Tolentino Braga, vários sites trazem denúncias de abuso sexual no mosteiro que o referido padre comandava. As denúncias aconteceram em 2019.

Segundo os religiosos, o então abade Mathias Tolentino Braga, conhecido como Dom Mathias, teria sido informado sobre os abusos, mas preferiu acobertá-los. À época das situações descritas pelos jovens, ele era o principal responsável pela instituição. Desde 2019, um decreto assinado pelo Papa Francisco como uma resposta aos constantes escândalos de abusos na Igreja Católica obriga padres e religiosos a denunciarem às autoridades eclesásticas qualquer suspeita de crimes sexuais (Cavassa; César, 2021).

A reportagem do site Intercept_Brasil foi realizada a partir de denúncia de jovens que foram abusados dentro do mosteiro presidido por Dom Mathias e por monges que concederam entrevistas anônimas por medo de retaliações. Um dos monges entrevistados revela:

Segundo o monge, com o início da pandemia a situação piorou. Além das reuniões que deixaram de ser feitas, eles tinham que lidar com a postura negacionista do abade. “Costumo dizer que o Brasil tem Bolsonaro, e nós [tínhamos] o Abade Mathias”, disse. “Há cerca de dois anos, ele passou a repetir todos os absurdos e bobagens ditas pela extrema direita. Ele propagava um discurso de extrema virulência contra pessoas de esquerda e era contrário à linha de pensamento do Papa Francisco”¹³.

¹¹ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/abade-do-mosteiro-de-sao-bento-denuncia-uso-do-sistema-de-ensino-para-a-difusao-de-valores-contrarios-a-familia/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹² Idem.

¹³ Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2021/09/01/jovens-abuso-sexual-mosteiro-sao-bento/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Ao analisar a fala de Dom Mathias no site e sua postura dentro do mosteiro pode-se perceber que a aversão às questões de gênero que ele prega, na verdade, não tem nada a ver com “proteger as famílias” e sim com o medo de que esse debate crítico nas escolas revele possíveis abusos. Os debates sobre as questões de gênero realizados na escola têm como intenção justamente a proteção de crianças e adolescentes. Cada vez mais fica evidente a importância de o tema ser debatido com respaldo científico e embasamento legal, conforme os documentos de base educacional.

O texto “Ataque ao ESP revela falsos amigos das crianças e adolescentes”, de Miguel Nagib, analisa a postura de ONG’s que ajuizaram uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) contra o Escola Sem Partido. As ONG’s defendem uma educação crítica proposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O texto no site, como de costume, faz uma distorção das informações:

Trata-se de uma militância de matriz gramsciana que quer inculcar na sociedade determinados valores através da educação, isto é, da manipulação e exploração dos mais vulneráveis – visto que ainda estão em desenvolvimento de suas faculdades cognitivas –, as crianças e os adolescentes; e da violação aos direitos dos pais sobre a educação de seus filhos segundo suas próprias crenças e convicções, direito de nível supralegal no Brasil (quer dizer: hierarquicamente, abaixo apenas da Constituição). Portanto, não é que eles queiram uma “criança crítica”, mas uma criança que aceite, de forma devota, determinada posição ideológica, ainda que contrária às convicções de seus pais; não é que queiram “debater política” com os adolescentes, mas querem a liberdade do professor de fazer proselitismo político em sala de aula em vez de ministrar a sua disciplina, tarefa deveras mais difícil do que fazer politicagem, coisa que não exige qualquer formação; não é que queiram ensinar aos alunos “diversidade de gênero” ou “sexualidade”, mas querem deformar as bases morais e religiosas deles em prol de uma ideologia que tem tantos ou mais dogmas que uma religião – na maioria das vezes debaixo do falso pretexto de cientificidade. Para os que duvidam – incluídos aqui alguns Ministros do STF –, vale acessar as redes sociais do ESP e, então, encontrar um “corpo de delito” de abusos da liberdade de ensinar dos professores que não deixa qualquer dúvida acerca da constitucionalidade da pauta defendida pelo ESP¹⁴.

A interpretação maliciosa da LDB por parte do site levou a desinformação a várias pessoas que acreditavam nas atrocidades propagadas ali, causando confusão no entendimento de pessoas leigas no assunto. Interpretações equivocadas desse tipo de informação geram situações desconfortáveis dentro dos espaços escolares quando se questiona o trabalho de professores e professoras baseando-se nesse tipo de desinformação. A constante vigilância dos pais e estudantes sobre assuntos relacionados ao estudo da categoria gênero abre precedente

¹⁴ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/ataque-ao-esp-revela-falsos-amigos-das-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

para desconfiança no trabalho docente e do material didático utilizado, como é relatado em vários outros textos do site.

Uma das figuras mais criticadas no site do ESP é Paulo Freire. Em um texto escrito por Jonas da Silva Azevedo intitulado “Por que o pensamento pedagógico de Paulo Freire leva à doutrinação ideológica, política e partidária?” o autor diz analisar as obras *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*. Um dos focos de sua análise recai sobre as questões de gênero presentes nas obras de Freire. Segundo Azevedo:

Na concepção freireana, ensinar conteúdos clássicos, como gramática, aritmética, teorias epistemológicas e a cientificidade nas ciências naturais e exatas, é uma alienação. Se um professor de biologia disser que uma mulher é uma mulher, devido seu genótipo ser XX, isso pode ser considerado uma opressão-cientificista, pois, segundo os critérios pós-modernos, ser mulher é uma questão social, uma vez que não se nasce mulher, torna-se mulher; e não é a biologia que faz de um indivíduo mulher ou homem, mas sim sua condição de sujeito sócio-histórico; logo, usar a ciência da biologia para definir gênero é uma opressão segundo essa visão. Claro, todas as pessoas têm direito a definir o seu gênero social, já que isso é uma questão subjetiva delas, mas mesmo que elas mudem seus fenótipos, seus genótipos não serão mudados. Com efeito, a ciência não trabalha a favor da opressão ou dos burgueses; a ciência estabelece lógica e racionalidade a partir de fatos e evidências comprovadas de forma analítica e experimental que se chama conhecimento e método científico. A ciência não é um simples achismo intersubjetivo.¹⁵

Ao analisar o texto identifica-se a confusão proposital que o autor faz. Ao cruzar informações de forma tendenciosa para causar desentendimento, Azevedo cita Simone de Beauvoir e não a referencia e ainda confunde informações em relação a ciência e o método de Paulo Freire. Essa confusão proposital que Azevedo traz pode ser identificada por quem conhece suas obras, entretanto, ao realizá-la no site do ESP, que é lido por pessoas que já tem seu juízo de valor formado sobre o assunto, frases como essa somente reforçam aquilo que se quer acreditar e propagar, sem nenhuma checagem de informação ou, neste caso, leitura de Paulo Freire diretamente em sua obra e não por terceiros. Penna (2016, p. 95-96) descreve os discursos como estes presentes no site como algo que desqualifica “o trabalho complexo de pensadores importantes através do recurso não da crítica, mas da calúnia e difamação de cunho pessoal”. Não foi encontrada nenhuma conta no Twitter com o nome de Jonas da Silva Azevedo.

O texto “Escola sem limites: o papel das universidades na crise da autoridade docente” foi escrito a partir da palestra do sociólogo e jornalista José Maria e Silva no 1º Congresso Nacional sobre Doutrinação Política e Ideológica nas Escolas, em julho de 2014. Segundo ele:

¹⁵ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/por-que-o-pensamento-pedagogico-de-paulo-freire-leva-a-doutrinação-ideologica-politica-e-partidaria/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Hoje, quando a universidade brasileira tornou-se obcecada por essa estranha mistura de Paulo Freire com Michel Foucault, a esquerda já não quer saber de reivindicar para o proletariado o acesso à alta cultura – o que esses marxistas pós-modernos querem é simplesmente destruir a cultura, transformando a escola numa terra devoluta, onde esperam cultivar o homem novo, fazendo das crianças verdadeiras cobaias de seus experimentos revolucionários. A guerra selvagem contra o sexo biológico, travada pelos corrosivos estudos de gênero, é um exemplo cabal dessa transformação das crianças em cobaias dos engenheiros sociais.¹⁶

Como de costume, a página utiliza discursos que lhes agradam, sem nenhum tipo de fonte ou embasamento sobre o que é dito, afinal o que conta aqui é a convicção e não a racionalidade (D’Ancona, 2018). Para que o pânico moral surta maiores efeitos, as questões de gênero são levantadas e atreladas às crianças. O mesmo autor também assina o texto “Plano Nacional de Educação irá aprofundar doutrinação no ensino”. O texto inicia com uma contextualização:

Durante uma audiência pública da Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal, realizada em 22 de outubro do ano passado, o economista e professor Cláudio de Moura Castro, ao término de sua palestra, resolveu apresentar uma proposta ao Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020). Professor visitante de renomadas universidades estrangeiras, Ph.D. em Economia pela Vanderbilt University, nos Estados Unidos, e conceituado pesquisador da educação, com vários livros publicados, Moura Castro, com um ligeiro sorriso no rosto, anunciou: “Já que todo mundo botou um negócio no plano, um artiguinho, eu também quero propor um artiguinho no plano: um bônus para as caboclinhas de Pernambuco e do Ceará conseguirem se casar com os engenheiros estrangeiros, porque aí eles ficam [no País], e aumenta o capital humano no Brasil, aumenta a nossa oferta de engenheiros”¹⁷.

Ao citar a frase extremamente preconceituosa e machista do professor Cláudio de Moura Castro, o autor do texto, José Maria e Silva, fala da repercussão negativa da fala, alvo de manifestações de repúdio por mais de 50 entidades. Entretanto, logo em seguida minimiza as suas palavras em:

O humor pode não ser o forte do professor Cláudio de Moura Castro e sua declaração revela certo mau gosto. Como carioca, ele poderia propor o bônus para as calipígias passistas das escolas de samba que se expõem muito mais ao olhar estrangeiro do que as caboclinhas do sertão nordestino, poupando Pernambuco e Ceará de uma referência gratuita. Mas é um exagero considerar uma mera frase infeliz como discriminatória, preconceituosa e machista, até ameaçando o professor com processo judicial, sobretudo quando se conhece o contexto em que foi formulada.¹⁸

¹⁶ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/escola-sem-limites-o-papel-das-universidades-na-crise-da-autoridade-docente/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

A partir dessa primeira análise, entende-se que a “ideologia de gênero” que apavora os leitores em vários textos do site não passa de uma falácia. Ao tratar de forma branda o que foi dito por Cláudio de Moura Castro, Silva demonstra que a grande preocupação com a inocência das crianças é apenas uma desculpa para disseminar o pânico moral, afinal, mais importante do que é dito, a caça às bruxas realizada pelo site é por quem diz. O texto continua com uma análise do Plano Nacional de Educação e críticas ao mesmo.

O foco aqui recairá sobre a crítica em relação as questões de gênero propostas no plano:

Outro ponto polêmico do plano é a questão de gênero, que já constava do projeto original do Executivo, mas de forma menos radical, falando apenas em “implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão”. Na Câmara, acrescentou-se a esse texto a discriminação racial. Como se não bastasse a incitação à guerra de raças, os deputados tornaram o texto mais prolixo, acrescentando novas diretrizes ao plano, entre elas a “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”. Percebem a brutal diferença? Não se trata mais de combater a possível discriminação de um aluno homossexual, mas de promover a “igualdade de gênero”, o que significa igualar ao sexo biológico as mais variadas fantasias de desajustados sexuais, perseguindo o que os ideólogos chamam pejorativamente de “heteronormatividade”, isto é, o sexo papai-e-mamãe, que deve ser discriminado na escola em nome das relações homem-com-homem, mulher-com-mulher, trans-com-todos etc.

Para se ter uma ideia da importância que a maioria petista da Câmara dá à questão, essa diretriz é a terceira, logo depois da “erradicação do analfabetismo” (primeira) e da “universalização do atendimento escolar” (segunda) e à frente de “melhoria da qualidade da educação” (quarta) e “formação para o trabalho e a cidadania” (quinta). O Senado bem que tentou corrigir essa insanidade e, onde a Câmara falava em preconceito de gênero e raça, os senadores falam em “políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito”. Já no trecho em que a Câmara falava em “promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”, o Senado, agindo com bom senso, sintetizou: “com ênfase na promoção da cidadania”. Agora que o Plano Nacional de Educação voltou à Câmara, o relator do substitutivo oriundo do Senado, deputado Angelo Vanhoni (PT-PR), já recomendou, em seu relatório, que o texto aprovado na Câmara seja restabelecido, com a ênfase na questão de gênero – para gaudio das minorias de estimação do PT e desespero da bancada evangélica, talvez o único setor da sociedade a perceber, até agora, o grande perigo da ditadura gay¹⁹.

É evidente a interpretação equivocada e maliciosa realizada pelo autor ao trazer esse ponto, deixando de lado todas as questões que envolvem a importância em trabalhar as questões de gênero em sala de aula. Ao invés disso, como estratégia de assustar quem é leigo no assunto e lê o texto, o autor incita as pessoas a esperarem por uma “ditadura gay”. Outro ponto

¹⁹ Idem.

duramente criticado concentra-se no fato do texto remeter-se aos gêneros masculino e feminino ao mencionar os sujeitos a quem se refere:

O preciosismo ideológico da maioria petista na Câmara é tanto que o projeto do Executivo foi reescrito na novíngua orwelliana: sempre que apareciam expressões como “os estudantes”, “os alunos”, “os profissionais da educação”, foram acrescentadas as partículas “os/as”, tornando o texto ilegível: “os(as) estudantes”, “os(as) alunos(as)”; “os(as) profissionais de educação”. O Senado, primando pela boa técnica legislativa e pelo bom senso antropológico, suprimiu todos esses penduricalhos feministas do texto, para indignação do deputado Ângelo Vanhoni (foto), que, em seu relatório, já recomendou a recomposição da vulgata feminista da Câmara. Caso o Plano Nacional de Educação seja aprovado, em definitivo, com essa redação sexista (isso mesmo: sexista), a nação brasileira corre o risco de ter sua língua sequestrada pelos ideólogos de esquerda. Não tardam e hão de querer revisar o texto da própria Constituição para adicionar-lhe esses penduricalhos de mau gosto.²⁰

Percebe-se o incômodo do autor ao mencionar o assunto e chamar de “redação sexista” as menções a ambos os sexos no texto. Ele continua sua crítica infundada ao uso do “X” ao invés da identificação do gênero masculino ou feminino, algo que não é mencionado no Plano Nacional de Educação. Ele ainda reitera que o uso do “X” seja mais para “agradar o sexo cambiante dos gays do que para valorizar, de fato, as mulheres”, demonstrando sua completa ignorância em relação as questões de identidade de gênero e orientação sexual.

Ao propor uma “solução” para o assunto, Silva desenvolve um raciocínio machista e elitista em relação às profissões:

Uma opção seria variar o gênero da palavra principal. Mas como decidir os critérios para essa escolha? Contabilizando quantos homens e mulheres há na categoria mencionada e optando pelo gênero que fosse a maioria? Ainda assim, o suposto machismo não iria desaparecer – apenas mudaria de lugar, transferindo-se da língua para a sociologia. As funções e profissões socialmente valorizadas, nas quais os homens são a grande maioria, continuariam sendo escritas primeiramente no masculino: neurocirurgião(ã), engenheiro(a), ministro(a), juiz(a); enquanto para as mulheres sobrariam: “doméstica(o)”, “enfermeira(o)”, “educadora(or)”. Isso mostra que a língua é complexa demais para caber na lógica mecanicista da luta de classes ou no ressentimento maniqueísta das minorias de estimação.²¹

Silva finaliza seu texto falando da linguagem neutra, abrindo margem a interpretação de que o Plano Nacional de Educação traz propostas neste sentido. Estratégia amplamente utilizada pela narrativa das *fake news* em causar confusão no entendimento e induzindo os leitores ao erro na interpretação do documento que sequer é citado na íntegra ou apresenta link para seu acesso.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

Ao querer neutralizar as palavras de suas eventuais cargas negativas, a esquerda revela seu espírito totalitário, pois uma língua que não soubesse exprimir desigualdade, preconceito e ódio não seria uma linguagem humana e mataria seus falantes de angústia. A propósito, os ideólogos que não acreditam nas determinações sociais do sexo biológico e acham que tudo é construção de gênero saberiam me dizer se o masculino de “babá” é “babão”? Como se vê, um Plano Nacional de Educação que, no país do analfabetismo funcional, negligência o mérito, incita a escola contra a família e, em vez de estimular a leitura, polícia as palavras, transformando a língua num instrumento de opressão ideológica, nada tem a ver com ensino – é apenas uma doutrinação totalitária que tenta fazer da escola uma incubadora de subversões.²²

O tom do parágrafo final é mais agressivo e incisivo que o adotado no início, levando o leitor a sentir desprezo por aquilo que ele mesmo determinou que seja o Plano Nacional de Educação. As informações presentes no texto são facilmente desconstruídas ao realizar a leitura do documento, entretanto, ao invés de realizar a leitura, a informação vai sendo divulgada por aqueles que desejam que aquilo seja verdade. Não foi encontrada nenhuma conta no Twitter com o nome de José Maria e Silva.

Ainda sobre o Plano Nacional da Educação, o texto “Plano Nacional de Educação: o que está acontecendo no Congresso”, assinado por Luiz Gomes Jardim, faz uma análise das revisões do texto propostas pelo senado em comparação a câmara. As modificações e suas interpretações têm o foco nas questões de gênero e como ela aparece no texto e é interpretada. Ao analisar uma das mudanças propostas pelo senado, os temas transversais vêm à tona sem maiores explicações:

No inciso V do mesmo artigo 2º, a Câmara estabelece como diretriz apenas a formação para o trabalho e para a cidadania. A modificação feita pelo Senado, mais uma vez, reforça os valores da família e da sociedade, quando qualifica a formação com foco no trabalho e na cidadania “com ênfase nos valores morais e éticos que fundamentam a sociedade”. O Senado restaura o princípio de que educação desvinculada de valores morais da sociedade não é uma boa estratégia.

Caso deixasse a referência sobre igualdade de gênero, a ideologização das crianças seria introduzida pelos temas transversais. Tema transversal é usado pela pedagogia para a formação da cidadania de maneira sutil. Enquanto o aluno tem aula de matemática ou português, os livros e o professor aproveitam o tema principal para educar sobre a sexualidade e sobre os tipos ideológicos de família.

Enquanto antes se aprendia a somar maçã com maçã, hoje as escolas aproveitam a aula de matemática para ensinar transversalmente os diferentes tipos ideológicos de família, como pares de homem com mulher; homem com homem e mulher com mulher. Podendo também somar outros na família como homem com mais de uma mulher; ou mulher com mais de dois homens; ou como a criatividade permitir. Este tipo de educação já ocorre nas escolas públicas, com livros didáticos figurando os exemplos citados²³.

²² Idem.

²³ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/plano-nacional-de-educacao-o-que-esta-acontecendo-no-congresso/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

O texto deixa claro que o que é mencionado já acontece e está presente nos livros didáticos, entretanto, não apresenta nenhuma imagem ou referência que comprove a afirmação. Outro ponto que merece destaque é quando o autor fala de temas transversais e não apresenta qualquer informação sobre a sua definição. Ao invés disso, diz que ele é usado para trabalhar determinados temas, no caso o gênero, de “maneira sutil”. Não foi encontrada nenhuma conta no Twitter com o nome de Luiz Gomes Jardim.

Um dos textos presentes no site, intitulado “3 – Farinha do mesmo saco?”, escrito por Julio Severo faz uma discussão sobre o “kit gay”. O termo aparece 11 vezes neste texto. A crítica se concentra a uma organização da sociedade civil chamada ECOS, instituição que, segundo o autor, desenvolveu o “kit gay”. No site da ECOS a própria organização se identifica como:

A ECOS é uma organização da sociedade civil que trabalha com diferentes grupos na perspectiva da interseccionalidade pela igualdade de gênero e étnico-racial, pelos direitos sexuais, e pela autonomia e justiça social prioritariamente com adolescentes, jovens, mulheres, população LGBTQI+, educadores e profissionais de saúde²⁴.

Além das críticas direcionadas ao ECOS, Severo também discute que o PSDB vem sendo conivente com a implementação desse material considerado subversivo e que pode “minar a sexualidade das crianças”:

Se você duvida do poder da ECOS para mudar o comportamento dos jovens, é só considerar que ECOS já estava aliada ao governo FHC mais de uma década atrás. Considere também que seus materiais, hoje muito mais “avançados” e depravados, fazem parte do kit gay do PT e são oficialmente recomendados pelo guia aprovado pelo PSDB.²⁵

O texto continua sua crítica em relação aos temas transversais e como eles seguem avançando e ganhando espaço. As palavras que o autor utiliza para falar sobre o assunto são minuciosamente utilizadas para que o pânico moral seja instalado:

Na transversalidade, o professor é treinado a inserir temas sexuais quentes em outras disciplinas, como matemática, ciência, português, etc. Hoje, ao se tratar de bullying na sala de aula, a transversalidade traz a questão da normalização homossexual diretamente no foco da atenção. Essa estratégia evita choque da população, principalmente dos pais, desestimulando a resistência. Essa é a razão principal por que a agenda gay avança com tanto sucesso em São Paulo sob o PSDB.

²⁴ Disponível em: <<https://www.ecos.org.br/quem-somos>>. Acesso em novembro de 2022.

²⁵ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/farinha-do-mesmo-saco-3/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Não dá para torcer pelo PT. Mas se o PSDB ganhar, a agenda gay avançará em São Paulo como está avançando há muitos anos: tranquilamente e sem resistência. Algum eleitor poderia dizer: “O PT vai estuprar meu filho 30 vezes. Mas o PSDB vai só dar dois estupros! Por isso, prefiro o mal menor!”²⁶

A utilização da palavra “estupro” continua sendo utilizada no decorrer do texto e com pedido de que a população se mobilize contra, inclusive trazendo o que a população deve pedir:

A solução é os cidadãos saírem às ruas para protestarem contra a falta de opções e dizerem: “Não queremos o candidato Haddad, com sua agenda gay descarada. Não queremos também o candidato Serra, com sua agenda gay diplomática e macia. Não queremos ECOS ameaçando nossos filhos nas escolas!”²⁷

Como mencionado anteriormente, o título do texto, “Farinha do mesmo saco?” faz referência a influência da organização ECOS e do seu respectivo “kit gay” nos governos do PT e PSDB e a uma fala de Silas Malafaia sobre o material em questão. Outra crítica se estende a Reinaldo de Azevedo, colunista do Escola Sem Partido. As críticas atribuídas a Malafaia e Azevedo se dão pelos mesmos não perceberem o teor “destruidor” do material produzido pela ECOS. Severo era conhecido no meio evangélico por suas críticas e faleceu em maio de 2021. Ele mantinha um blog²⁸ em que falava de questões relacionadas a fé e política, e também um perfil no Twitter (@juliosevero).

Dentre as denúncias presentes no site concentram-se queixas à escola pública e às universidades. No depoimento de Beatriz Hidalgo ela queixa-se de “perseguição” e “censura” por ser de direita desde a escola até a faculdade de História em uma universidade privada. Ela finaliza o texto dizendo que leva a pauta do Escola Sem Partido onde quer que vá²⁹. Em outra denúncia que não tem o nome do aluno divulgado, ele se apresenta como estudante do Ensino Médio e diz que estuda por conta própria sobre o marxismo cultural e vê traços de doutrinação em seus professores que, segundo ele, não são muito honestos. As críticas são dirigidas também aos materiais didáticos e o texto termina com uma mensagem de apoio ao fundador, Miguel Nagib³⁰.

O depoimento de Dorcas é dirigido à Universidade Estadual de Goiás, local em que ela cursou algum tempo do curso de História. Ela relata com grande indignação os posicionamentos

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ Disponível em: <<http://juliosevero.blogspot.com/?zx=84866cd1b5d75069>>. Acesso em novembro de 2022.

²⁹ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/depoimento-de-beatriz-hidalgo-12-11-2016/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

³⁰ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/depoimento-de-m-s-s-30-07-2015/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

políticos dos professores e, em relação a categoria gênero diz que “Durante a semana do calouro, fomos recepcionados e assistimos a várias palestras, tudo voltado para a ideologia de gênero; professores gays falando sobre homossexualismo”³¹.

O site também conta com mensagens de apoio de seus apoiadores que, convencidos pela ideia de que as escolas e universidades são locais de doutrinação, lutam contra isso e aplaudem a iniciativa do site e ainda oferecem apoio. Dentre as mensagens presentes temos:

Total apoio ao posicionamento de vocês contra a ditadura intelectual, que não deveria restringir-se só à ditadura de esquerda, mas também à neoliberal, à darwiniana, à anti-vida (pró aborto) e anti-família (pró discriminação da família-padrão e do direito ao recato, como tenta estabelecer o projeto de lei atualmente discutido no Senado que quer impor a proteção dos gays e lésbicas, atribuindo-lhe alguns “direitos” que pretendem ferir o direito de todos os demais cidadãos). Parabéns pelo posicionamento. Se eu puder ajudar, contem comigo. Noé Pereira de Campos, escritor (Curitiba, PR) (...)

Quanto à pornografia, ela é toda esquerdista para perverter as almas e a sociedade, no que cabe dizer que hoje as crianças vão as escolas para aprenderem a fazer sexo, porque só se fala em coisas eróticas na escola, ou então em defender MST e congêneres que ensinam a cobiçar as coisas alheias e até a morrer como martir da causa socialista...³²

Os textos analisados até aqui são os que trazem explícitas as questões de gênero apresentadas de forma equivocada pelo site. Os demais textos que complementam a busca das palavras-chave “ideologia de gênero” por vezes falam de ideologia “esquerdista” ou trazem a palavra gênero em outro contexto.

1.3 Agências de checagem e a desconstrução das *fake news*

Entre os textos analisados e os perfis dos autores disponíveis no Twitter é visível a estrutura da desinformação que propagam. A internet traz a facilidade no compartilhamento e bombardeia informações falsas o tempo todo. Ciavatta (2017, p. 9) analisa o fenômeno como “inverdades reproduzidas, curtidas, compartilhadas nas redes sociais. O critério de verdade é abandonado em favor de rumores e opiniões que ajudam na difusão de inverdades e na organização das forças sociais com base em suposições”. Para barrar esse tipo de desinformação, muitas agências de checagem trabalham nesse sentido. Essas agências estão disponíveis também nas redes sociais como Instagram e Twitter.

³¹ Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/depoimento-de-dorcas-j-alves-da-silva-via-facebook-24-05-2016/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

³² Disponível em: <<http://escolasempartido.org/blog/mensagens-de-apoio-5/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Duas agências foram escolhidas para serem analisadas no presente trabalho, são elas Agência Lupa³³ e Aos Fatos³⁴. Cada uma delas possui site e contas em redes sociais. A escolha delas foi pelo alcance que ambas têm, contando com vários seguidores em suas redes sociais.

A primeira agência a ser discutida aqui é a Agência Lupa. Ela foi fundada em 2015, especializada em *fact-checking*, que consiste em realizar “a verificação de fatos por meio do confronto de histórias com dados, pesquisas e registros e tem como objetivo qualificar o debate público através da apuração jornalística”³⁵. Hoje a atuação da agência foi ampliada para a educação, contando com treinamentos e oficinas oferecidos em universidades, instituições e empresas (Lupa, 2022).

Ao buscar as checagens sobre temas relacionados a gênero no site da agência encontra-se o “kit gay” retornando ao debate político em 2020. Na checagem: “FactCheckLab: Programa de governo de Renata Souza (PSOL) não incluiu ‘kit gay’ e ‘liberação de drogas’”, Costa e Guimarães discutem sobre o uso dessa *fake news* que foi novamente trazida à tona por Marcelo Crivella, candidato a prefeito do Rio de Janeiro, em debate na BAND.

O assunto mencionado pelo atual prefeito remonta a um discurso que tomou conta das eleições presidenciais de 2018, quando o então candidato Jair Bolsonaro (sem partido) dizia que Fernando Haddad (PT) tinha instituído o “kit gay” durante sua gestão como ministro da Educação (2005-2012). O projeto a que Bolsonaro se referia, porém, era o Escola Sem Homofobia, que não era destinado a crianças nem sequer foi implementado, devido ao veto da ex-presidenta Dilma Rousseff.

O programa de governo registrado por Renata Souza no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não cita o “kit gay”, tampouco o Escola Sem Homofobia. O projeto também não previa qualquer ação que incentiva a sexualização de crianças ou a liberação de drogas. O que a candidata propõe é a criação de um programa de formação continuada de professores para combater a LGBTfobia na educação.³⁶

Apesar do assunto sobre o “kit gay” ter sido identificado já em 2018 como falso, ele continua ecoando como ferramenta política de disseminação de pânico moral. Muitas pessoas que recebem a notícia falsa não têm acesso ou conhecem às agências de checagem, sendo indispensável o trabalho na educação básica de desconstrução de *fake news* a partir do debate adequado sobre o tema.

³³ Site: <<https://lupa.uol.com.br/>>; Twitter: <<https://twitter.com/agencialupa>>; Instagram: <https://www.instagram.com/agencia_lupa/?next=%2F>.

³⁴ Site: <<https://www.aosfatos.org/>>; Twitter: <<https://twitter.com/aosfatos>>; Instagram: <<https://www.instagram.com/aosfatos/?next=%2F>>.

³⁵ Disponível em: <<https://apublica.org/checagem/2017/06/truco-o-que-e-fact-checking/>>. Acesso em 28 fev. 2024.

³⁶ Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/11/27/fact-check-lab-sudeste-rio-kit-gay-drogas>>. Acesso em 28 fev. 2024.

Outra checagem que o site realizou foi de uma fala de Jair Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional em agosto de 2018. Na entrevista o então candidato à presidência disse: “Tinham acabado o 9º Seminário LGBT infantil. Repito: 9º Seminário LGBT infantil”. A informação foi verificada como falsa pelo site com a seguinte justificativa:

Nunca houve no Congresso um “seminário LGBT infantil”. O que há, anualmente, é um encontro para discutir questões relacionadas à comunidade LGBT, com um tema diferente a cada edição. Em 2012, o tema era “Infância e sexualidade”. As discussões propostas pela Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT, que promove o debate, diziam respeito ao combate à violência doméstica contra crianças e adolescentes “que não se enquadram em papéis de gênero”. O Seminário LGBT de 2018 ocorreu em junho e abordou o envelhecimento da população LGBT. Procurado, Bolsonaro não retornou.³⁷

O candidato fez essa fala em rede nacional para causar uma reação na população. Quando proferidas, as *fake news* sobre ideologia de gênero geralmente usam as crianças para indignar a população. Como visto, a informação era falsa e descontextualizada. Quem acredita ou deseja que a informação seja verdadeira, não vai checar a informação para entender e sim replicar a fala no seu círculo social através das redes sociais.

Outra fala de Jair Bolsonaro trouxe nesta mesma entrevista sobre o mesmo tema foi: “O Plano Nacional de Promoção da Cidadania LGBT: são 180 itens, entre eles a desconstrução da heteronormatividade, ensinando (...) que homem e mulher está errado”. A informação foi verificada pela agência como exagerada. Para basear a checagem, Marés et al. (2018) complementam:

O Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT, lançado em maio de 2009 pela então Secretaria Nacional de Direitos Humanos, lista “diretrizes e ações para a elaboração de Políticas Públicas voltadas para o público LGBT”. São 51 diretrizes e 121 ações estratégicas, definidas durante a 1ª Conferência Nacional LGBT, realizada em Brasília, de 5 a 8 de junho de 2008.

Apenas um tópico cita a “desconstrução da heteronormatividade” – e ele diz respeito exclusivamente ao Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo fixado por esse tópico é fazer com que famílias formadas por casais homossexuais, travestis e transexuais sejam incluídas no sistema de informação do SUS, assim como acontece com as formadas por casais heterossexuais.

Heteronormatividade é um conceito que pode ser popularmente resumido como a relação entre um homem e mulher sendo tratada como norma, fazendo com que todo outro tipo de relação seja considerada como desvio. Veja definição, em inglês, no dicionário Oxford.

Ainda vale destacar que o plano não classifica como “errada” a relação entre homem e mulher, como disse Bolsonaro. Textualmente, sugere ações que possam “contribuir para a implementação de políticas educacionais voltadas à superação do preconceito, da discriminação e da violência sexista e homofóbica”. Procurado, Bolsonaro não respondeu.³⁸

³⁷ Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/11/19/kiy-gay-coletanea>>. Acesso em 28 fev. 2024.

³⁸ Idem.

Mais uma vez a descontextualização maldosa das informações servem para descreditar projetos sérios com pautas que buscam minimizar as desigualdades de gênero no país, sustentando o ódio à população LGBTQIA+.

Em uma reportagem sobre mentiras recorrentes que Bolsonaro conta, ainda há mais duas falas de Bolsonaro verificadas no site por Nomura (2022) sobre ideologia de gênero. Em entrevista ao programa Pânico em outubro de 2018 ele diz que

Minha briga sempre foi [...] contra o material escolar. O [Fernando] Haddad era ministro da Educação. Ele que criou o ‘kit gay’. [...] [O aluno precisa] aprender física, química, matemática, geografia, português, e não sexo. Qual pai quer que o filho aprenda sexo a partir de seis anos de idade?». ³⁹

Outra fala é recente, em setembro de 2022 em entrevista ao Rede TV! News:

Tínhamos livros absurdos simulando crianças fazendo sexo. Ou seja, deturpamos o ensino fundamental via ‘ideologia de gênero’ [...] Tenha certeza que a garotada irá para a escola para aprender física, química, matemática, biologia, história, geografia, e não aprender a fazer sexo a partir de seis anos de idade. ⁴⁰

As falas sobre o assunto deram certo na campanha de 2018 e o candidato reutilizou a estratégia na campanha eleitoral de 2022. O mencionado “kit gay” fez parte do imaginário da extrema direita brasileira e foi apropriado por outros políticos com a mesma intenção de causar pânico moral.

Damares Alves – que já foi citada anteriormente neste trabalho por um vídeo de uma pregação sua no site do Escola Sem Partido – teve uma fala em entrevista ao GloboNews, em janeiro de 2019, checada pelo site. Na ocasião, a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos explica o que é ideologia de gênero: “O que é ideologia de gênero? Um grupo de pensadores chegou a uma conclusão, alguns anos atrás, de que a criança nasce neutra. Ela nasce neutra, cresce neutra e depois escolhe o que ela quer ser”. Para embasar a checagem da informação como falsa, Moraes e Afonso explicam que:

O termo “ideologia de gênero” foi criado por movimentos religiosos na década de 1990 para criticar os estudos sobre gênero feitos por pesquisadores da área. Uma das primeiras aparições ocorreu na Conferência Episcopal da Igreja Católica realizada no Peru em 1998, segundo a professora Jimena Furlani, da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc), que pesquisa o tema. As referências posteriores são, em geral,

³⁹ Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/10/21/mentiras-que-bolsonaro-counta-desde-2018>>. Acesso em 28 fev. 2024.

⁴⁰ Idem.

feitas por críticos dos debates e políticas públicas que discutem o assunto. Portanto, não há qualquer evidência de que um grupo de teóricos tenha inventado o conceito, como disse Damares.

As discussões científicas sobre gênero não negam a existência do componente biológico, mas muitos pesquisadores destacam que isso não é determinante para a definição do gênero, compreendido como uma construção social. Os estudos e análises sobre o tema na comunidade acadêmica também indicam uma pluralidade de visões.

Procurada, a ministra não retornou.⁴¹

Damares é uma figura que se destaca entre os evangélicos no Brasil e, antes mesmo de exercer o cargo de ministra, trabalhava como assessora parlamentar. O tom que ela utiliza em suas pregações ou palestras é sempre agressivo e explora o uso de termos e desinformações que causam indignação em seu público. A esquerda é sempre a grande culpada dos problemas que ela apresenta.

Ao analisar o site da agência Aos Fatos, mais notícias sobre o “kit gay” são desmentidas. O site traz *prints* das informações que verifica e, nas verificações mais recentes, as apresenta com uma marca d’água contendo o selo de falso (X) ou verdadeiro (✓).

Em 2018 o assunto foi uma grande polêmica durante a campanha eleitoral contra o candidato Fernando Haddad (PT) (Figura 9).

Figura 9: Fake News sobre o kit gay



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2018/10/10/haddadhomofobia.jpg

⁴¹ Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/01/09/damares-alves-augusto-helena>>. Acesso em 28 fev. 2024.

O kit gay mencionado faz referência ao projeto Escola Sem Homofobia, um caderno destinado a educadores e gestores.

No caderno, que conta com orientações sobre metodologia e atividades para os educadores, é possível ver as indicações de cada uma das peças sugeridas para os estudantes. Neles, a indicação do uso do material é para “a formação do espírito crítico em adolescentes e jovens estudantes” – não crianças (Moura; Cypreste, 2018).⁴²

Outra mentira desse conteúdo é colocar Haddad como criador do material, que na verdade foi “produzido por iniciativa de organizações não-governamentais ligadas às causas LGBTs com verba oriunda de uma emenda parlamentar”. Além de imagens, um vídeo também circulou pelo WhatsApp para sustentar ainda mais essa ideia (Figura 10):

Já a corrente de WhatsApp denunciada por leitores do Aos Fatos também reproduz o vídeo da reportagem da Record com o texto “Achei !!!! eu sabia que tinha isso guardado em algum lugar. Aqui está a prova cabal. Veja o JN em 2010!!! Haddad implanta o kit gay nas Escolas e Bolsonaro luta contra isso. Ajudem a compartilhar muito esse vídeo” (Moura e Cypreste, 2018).⁴³

Figura 10: Vídeo kit gay



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2018/10/10/haddadhomofobia1.jpg

⁴² Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

⁴³ Idem.

Muito comum entre os produtores de *fake news*, além da linguagem sensacionalista e apelativa é o pedido para compartilhamento.

O blog Rafresco em 2015 havia circulado imagens falsas atribuindo ao material didático escolar que fazia parte do kit gay (Figura 11). Em 2018 a imagem voltou a circular depois de declarações de Jair Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional.

Figura 11: Material didático – kit gay



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2018/08/31/kitgay.jpg

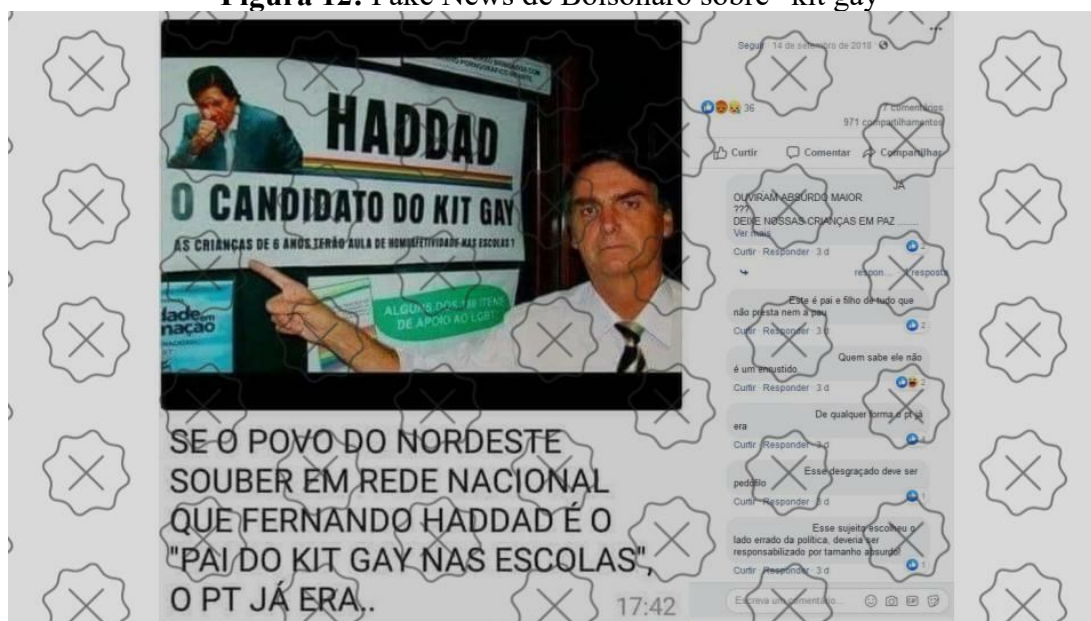
Dentre as falas de Bolsonaro na entrevista, ele diz que “Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT infantil. Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento do material para

combater a homofobia, que passou a ser conhecido como kit gay. Entre esse material estava esse livro ['Aparelho Sexual e Cia.'].”. Na entrevista ele levou um exemplar do livro. Cunha e Menezes (2018) verificaram a informação que circula desde 2013 e explicam que:

O livro nunca foi distribuído pelo Ministério da Educação nas escolas e nunca fez parte dos dois programas nacionais de distribuição de livros: Pnld (Programa Nacional do Livro Didático) e do Pnbe (Programa Nacional Biblioteca da Escola). O livro não aparece em nenhuma das listas de livros do Pnld, programa que de 2000 a 2014 distribuiu livros de literatura para escolas públicas. As compras de livros pelo programa foram interrompidas em 2014 e só deve ser retomado em 2019. Já os livros didáticos selecionados pelo Governo Federal para o Pnld são divulgados no Diário Oficial. Não foi encontrada nenhuma menção ao livro no Diário Oficial da União nem com relação ao Pnld, nem com relação a qualquer outra compra do governo.⁴⁴

Menezes (2020) traz a checagem da desinformação sobre outro momento em que a polêmica do kit gay foi atrelada a Jair Bolsonaro e apresenta a imagem que circulava pelo Facebook (Figura 12).

Figura 12: Fake News de Bolsonaro sobre “kit gay”



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2020/09/18/18-09-2020_haddad-kit-gay.jpg

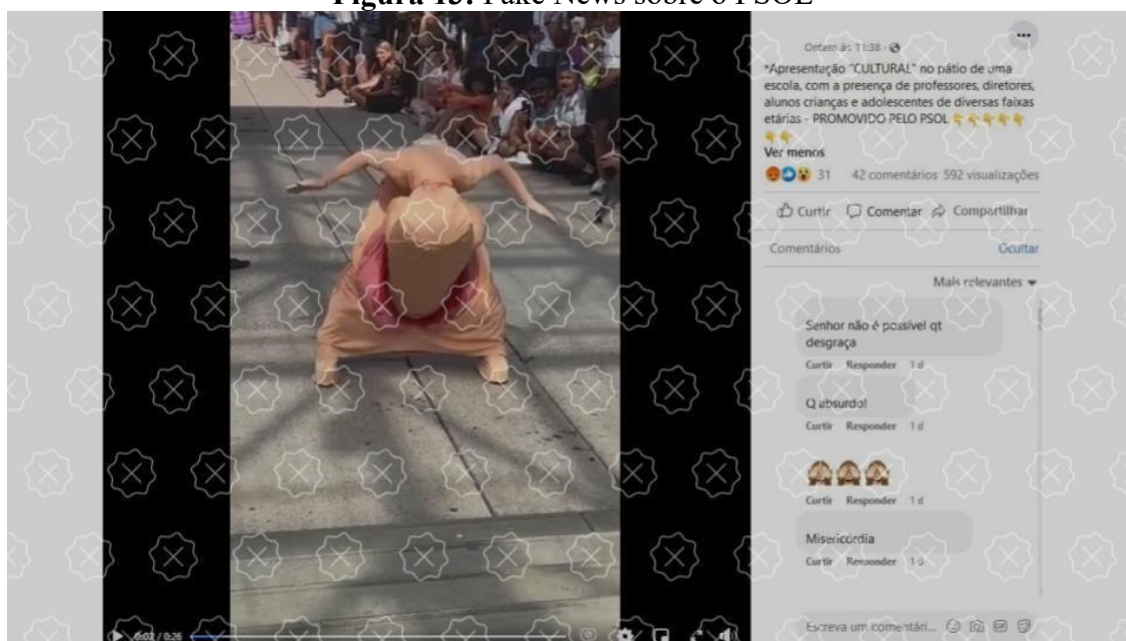
Ainda no texto sobre a verificação, Menezes (2020) afirma que a imagem é verdadeira e a foto foi tirada em 2012, na porta do gabinete de Jair Bolsonaro, onde ele colocou esse cartaz com a desinformação. Na ocasião ele ainda questionava: “As crianças de 6 anos terão aula de

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/checamos-declaracoes-de-bolsonaro-no-jornal-nacional-e-na-globonews/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

homoafetividade nas escolas?”⁴⁵. Isso aconteceu quando Fernando Haddad foi candidato à prefeitura de São Paulo, entretanto, mentiras como essa voltam a circular de forma recorrente, em vários contextos.

Outra característica muito marcante das *fake news* que circulam sobre o tema gênero, é a atribuição de “culpa” sempre à alguma figura pública ou a partidos políticos da esquerda. Esse foi o caso da desinformação que circulou em 2022 (Figura 13):

Figura 13: Fake News sobre o PSOL



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2022/07/11/11_07_2022_va_fantasia_penis_vagina.jpg

Segundo a checagem de Menezes (2022) “A publicação conta com ao menos 2.000 *retweets* e 1.000 compartilhamentos no Facebook. Ela também circula no WhatsApp (fale com a Fátima), onde não é possível verificar seu alcance”. A foto que viralizou trata-se de uma competição de dança que aconteceu em Toronto que tinha o “bizarro” como tema. A postagem veiculou com a desinformação de que a cena aconteceu no pátio de uma escola e foi promovida pelo PSOL⁴⁶.

Outras publicações verificadas circularam na página do Twitter de Damares Alves. Os textos utilizados por ela, como sempre, trazem crianças sendo ameaçadas por práticas que ela atribuiu aos partidos da esquerda. É importante destacar que todas as checagens ou menções a Damares Alves sobre esse tema são construídas em uma narrativa problema, que ela cria e

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/haddad-nao-e-o-pai-do-kit-gay-nas-escolas-desinformacao-volta-circular-nas-redes/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/fantasia-com-penis-e-vagina-gigantes-nao-foi-exibida-em-escola-no-brasil/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

fantasia, atribuindo à esquerda, e a soluções desses problemas por parte de candidatos da direita e principalmente ligados à igreja evangélica. Essa estratégia golpista adotada por ela foi analisada por Frigotto (2018, p. 31) como algo que já vinha acontecendo também com o site Escola Sem Partido:

Em nome de combater o terrorismo, institui-se o Estado policial que, como assinala Agamben, tem antes que criminalizar o inimigo ou adversário, para condená-lo a priori e justificar sua condenação ou, no limite, eliminá-lo. Do campo da guerra e do terrorismo, avança-se na criminalização dos movimentos sociais, culturais, sindicais e políticos que se opõem à violência da desigualdade, exclusão de direitos e do pensar divergente. Daí deriva-se para o que é científico neutro e deve ser ensinado nas escolas.

Figura 14: Fake News veiculadas por Damares Alves



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2022/08/12/falso_damares_cartilha_drogas1.jpeg

Menezes (2022) afirma em sua verificação que “O documento citado foi produzido em 2008, pelo programa de combate às infecções sexualmente transmissíveis e à Aids, e era voltado a usuários de drogas adultos. O objetivo do documento era reduzir os danos do consumo de psicotrópicos, não incentivar o uso deles”⁴⁷. A publicação chegou a mais de 2200 compartilhamentos no Twitter e algumas centenas de vezes no Facebook.

Outra *fake news* que ganhou força durante as eleições de 2022 faz referência a implantação de banheiros unissex em escolas públicas do país. Sempre que circulava a

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/cartilha-citada-por-damares-nao-ensina-criancas-a-usar-crack/>>. Acesso em 19 nov. 2022.

informação, ela era atribuída a um projeto do candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) (Figura 15).

Figura 15: Fake News banheiro unissex



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2022/10/05/va_falso_banheiro_unissex_lula_05102022.jpg

A checagem realizada por Pacheco (2022) afirma que “As publicações mostram uma placa de Campinas (SP), onde as escolas infantis contam com banheiro infantil unissex com fraldário para crianças de até três anos de idade”⁴⁸. Não existiu nenhuma menção de projeto com esse teor pelo PT e a informação foi desmentida inúmeras vezes.

Leite (2022) traz uma postagem no Facebook com uma lista de projetos falsos, a postagem em questão teve centenas de compartilhamentos. Essa imagem também circulou no WhatsApp e Telegram (Figura 16).

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-lula-propoe-criacao-de-banheiro-infantil-unissex-caso-eleito/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

Figura 16: Lista de projetos falsos



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2022/10/11/va_falso_pls_0510.jpg

Apesar das várias informações falsas, o foco aqui será em relação àquelas que tratam sobre questões de gênero relacionadas à educação. Em relação “Ideologia de Gênero nas redes de ensino. PL 8035/2010” presente na imagem, Leite (2022) explica que:

A “ideologia de gênero” não existe. O termo é usado por setores conservadores desde o final dos anos 1990 dentro de uma teoria conspiratória de que discussões relacionadas a gênero e sexualidade seriam parte de um plano para minar a heterossexualidade e a família cristã. Para embasar a alegação falsa, a peça cita um projeto de lei que foi alterado antes da sanção, o PL 8.035/2010, que trata do Plano Nacional da Educação⁴⁹.

Em relação ao banheiro unissex, apresenta-se a informação “Banheiro unissex. PL 0558/2017. Em escolas e repartições públicas, meninos e meninas, usarão o mesmo banheiro sob alegação de inclusão social”. Para explicar sobre o assunto, Leite (2022) traz a explicação de onde vem a confusão sobre o tema:

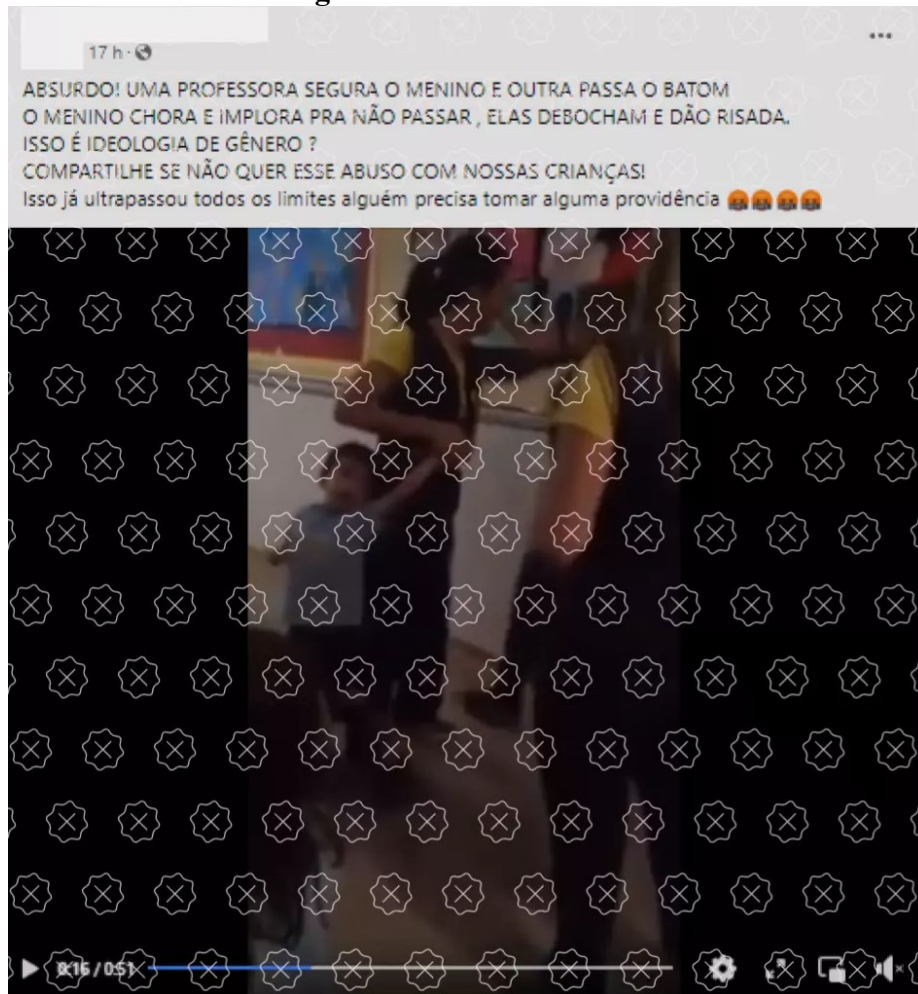
Não existe projeto na Câmara dos Deputados que obrigue meninos e meninas a usarem o mesmo banheiro sob alegação de inclusão social. O único projeto que trata de “banheiros unissex” é o 2.431/2022, do deputado José Nelto (PP-GO), e pressupõe que estabelecimentos comerciais disponibilizem essa opção para pessoas com deficiência ou crianças acompanhadas dos responsáveis, sem estabelecer

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/posts-inventam-projetos-sobre-incesto-pedofilia-liberacao-do-roubo-e-mudanca-de-sexo/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

obrigatoriedade para qualquer usuário. O projeto está em tramitação e não foi votado.⁵⁰

A confusão de informações é propositalmente divulgada para causar espanto na população. Outras informações falsas presentes na imagem em relação a gênero e religião dão corpo ao pânico causado. Leite (2022) também verifica um vídeo que circula pela internet desde 2017 sobre ideologia de gênero (Figura 17).

Figura 17: Fake News 2017



Fonte: <https://www.aosfatos.org/noticias/falso-professoras-menino-batom/>

O vídeo, que foi gravado em 2015 em Águas Claras (DF), na verdade trata-se de uma professora forçando um aluno a tomar uma cápsula de ômega 3. “A gravação foi feita por outra funcionária, e a denúncia de abuso chegou ao Ministério Público do Distrito Federal por meio da própria escola, que foi sentenciada a indenizar a família da criança em R\$ 30 mil por maus

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/posts-inventam-projetos-sobre-incesto-pedofilia-liberacao-do-roubo-e-mudanca-de-sexo/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

tratos”⁵¹. Mais uma vez é possível perceber a reutilização de material falso para causar confusão e pânico moral.

Apesar da prática de criação e disseminação de *fake news* ter se tornado atemporal, durante as eleições elas ganham ainda mais força. Em outubro de 2022 circulou pelo Facebook e WhatsApp a seguinte imagem:

Figura 18: Fake News G1



Fonte: <https://www.aosfatos.org/noticias/falso-lula-educacao-de-relacionamento-homoafetivo/>

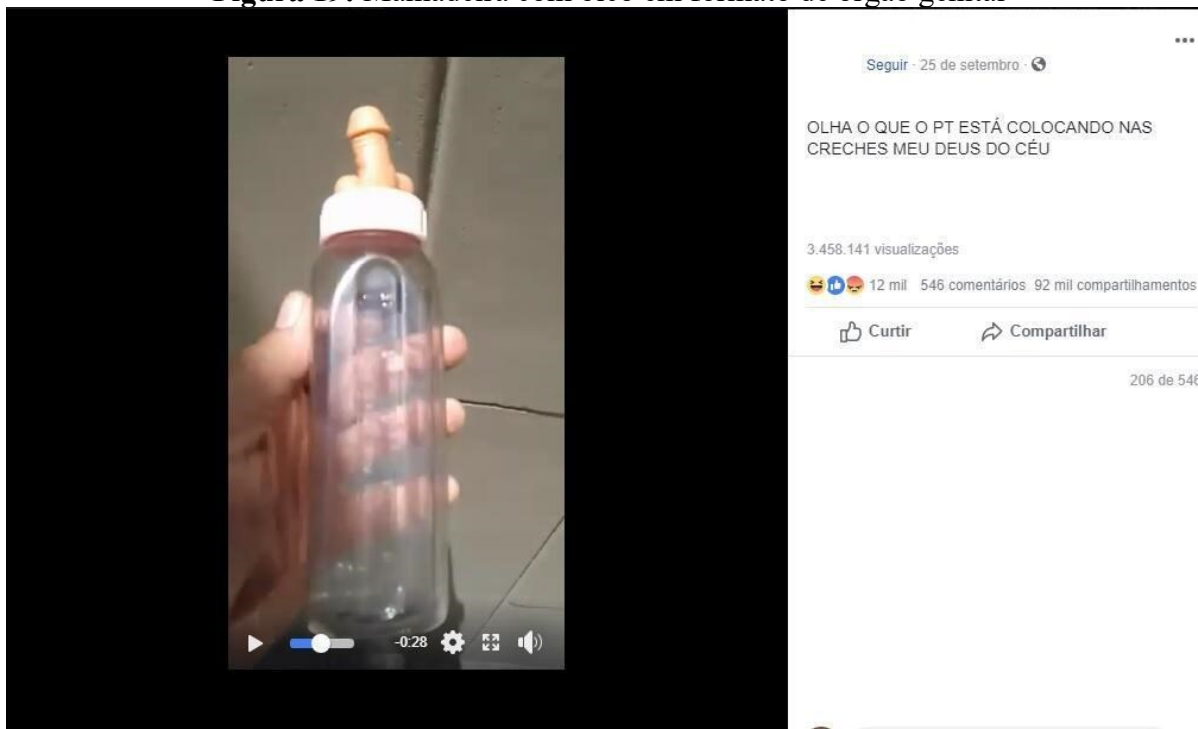
Não houve nenhuma declaração do candidato Luiz Inácio Lula da Silva sobre o assunto, tampouco projeto registrado em sua chapa. O G1 também declarou que nunca veiculou a referida notícia. Ao analisar a imagem, Faustino (2022) também chama a atenção para a prática de manipulação de manchetes de sites, algo recorrente. Em relação a estética da imagem também é possível perceber que “Não aparece, por exemplo, o nome do autor da notícia, e o título possui ponto final, o que está em desacordo com os padrões jornalísticos”⁵².

Em 2018, além do kit gay, a notícia de que mamadeiras com bicos em formato de órgão genital masculino foram distribuídas nas escolas foi uma das principais *fake news* veiculadas. A agência Aos Fatos já havia verificado a informação ainda em 2018 (Figura 19).

⁵¹ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-professoras-menino-batom/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

⁵² Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-lula-educacao-de-relacionamento-homoafetivo/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

Figura 19: Mamadeira com bico em formato de órgão genital



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2018/09/28/mamadeira.jpg

É possível identificar na imagem que o vídeo contava com 3.458.141 visualizações e 92 mil compartilhamentos na data em que foi analisado. Segundo análise do site:

Em um vídeo publicado por um usuário do Facebook, no dia 25 de setembro, o autor da gravação mostra o objeto e diz que a mamadeira é "distribuída em creche, para seu filho, com a desculpa de combater a homofobia". O vídeo não menciona em qual unidade de ensino, município ou Estado ocorreria a suposta distribuição. Ele ainda afirma que se trata de "parte do kit gay, uma invenção de Haddad", em referência ao candidato à presidência pelo PT, Fernando Haddad (2018).⁵³

Apesar de muitas pessoas terem encarado o vídeo como sátira, muitos acreditaram nessas informações e replicaram seu conteúdo em outras redes. Ainda segundo a verificação “Até a tarde desta sexta-feira, 28 de setembro, o Facebook informava que 5,4 mil pessoas que curtiram o vídeo haviam reagido com humor (Haha); outras 2,8 mil com indignação (Grr)”⁵⁴. A publicação aconteceu em meio a disputa eleitoral de 2018 e atribuía o feito ao candidato à presidência pelo PT, Fernando Haddad.

⁵³ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/mamadeiras-eroticas-nao-foram-distribuidas-em-creches-pelo-pt/>>. Acesso em 28 fev. 2024.

⁵⁴ Idem.

Para endossar às críticas ao candidato Haddad, outras publicações esdrúxulas foram realizadas atribuindo conteúdo falso a ele, como, por exemplo, a de Olavo de Carvalho no Facebook:

Figura 20: Facebook Olavo de Carvalho



Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2018/10/15/olavocarvalho_QYbAGnF.png

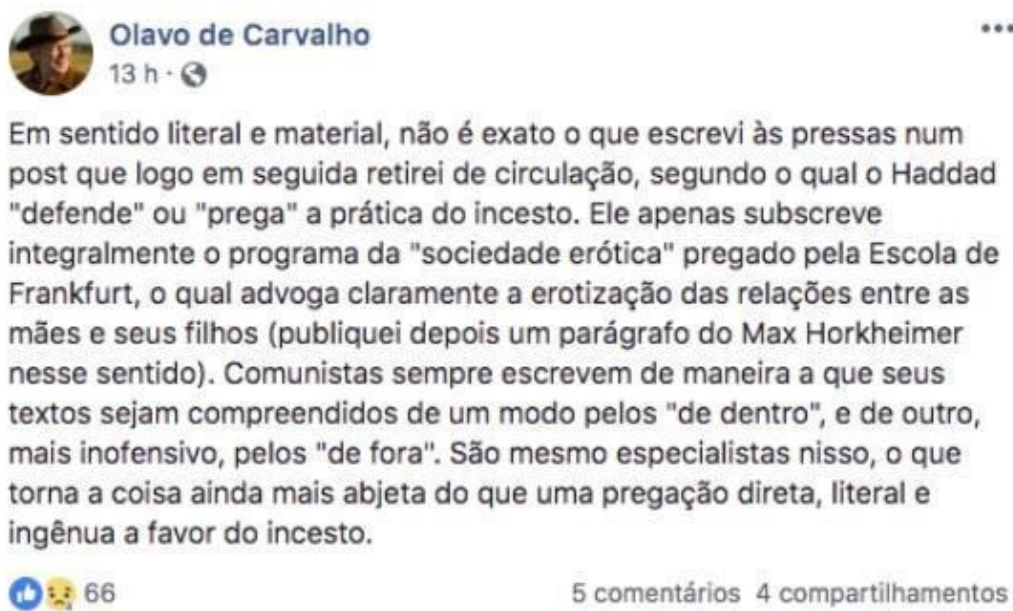
Olavo faz referência ao livro “Em Defesa do Socialismo”, que foi publicado pela editora Vozes em 1998. A obra faz uma análise do “Manifesto Comunista” de Karl Marx e Friederich Engels. “Aos Fatos teve acesso à íntegra da obra nesta segunda-feira (15) e pôde constatar que, em nenhum trecho, o livro cita “incesto” ou qualquer ideia que promova sexo entre familiares ou a dissolução da família nuclear” (Aragão, 2018)⁵⁵. A publicação foi apagada logo em seguida, porém, a sua repercussão já havia acontecido. Carlos Bolsonaro, por exemplo, já havia publicado em sua página no Twitter:

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-fernando-haddad-defendeu-em-livro-sexo-entre-pais-e-filhos/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

Figura 21: Carlos Bolsonaro Twitter

Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2018/10/15/carlosbolsonaro.jpg

Após Olavo de Carvalho apagar sua postagem, Carlos Bolsonaro também apagou seu tweet. Carvalho ainda fez uma outra publicação sobre o ocorrido, causando ainda mais confusão sobre o assunto:

Figura 22: Nova postagem de Olavo de Carvalho

Fonte: https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2018/10/15/olavocarvalho1.jpg

Apesar de se “desmentir”, ele deixa a dúvida para o leitor de que o conteúdo está presente de maneira implícita escrito por Haddad, e mesmo não apresentando nada contundente para sustentar seu argumento, a ideia permanece.

D’Ancona (2018, p. 110) ao discutir sobre a pós-verdade apresenta que “Nas circunstâncias corretas, uma mentira pode ser derrotada pela aplicação habilidosa dos fatos”. Neste caso, as agências de checagem auxiliam na verificação de informações de quem busca por elas. Entretanto, o fenômeno analisado deixa claro que o fato de querer que aquilo seja verdade é muito forte e, ainda segundo D’Ancona (2018, p. 110) “a pós-verdade é, acima de tudo, um fenômeno emocional. Diz respeito à nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade”.

É possível perceber entre as checagens analisadas que a racionalidade é deixada de lado para satisfazer a disseminação daquilo que se deseja ser verdade, sem a mínima busca pela veracidade dos fatos. Em alguns casos, simples buscas no próprio Google poderiam ajudar. O sentimento que as notícias evocam na população trouxeram e continuam trazendo grandes desafios aos professores e professoras na tarefa de trabalhar a categoria gênero em sala de aula.

2. A DISCUSSÃO DE GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA

2.1 *Fake news* como objeto de análise

A disseminação de *fake news* acontece em velocidade alarmante segundo as facilidades proporcionadas pela internet, como vimos anteriormente. Essas informações enganosas ou inventadas são sempre apresentadas como a “grande verdade” e têm a intenção de manipular a opinião pública e promover interesses particulares. O poder, seja político, econômico ou social, aproveita-se das *fake news* para manter ou aumentar sua influência.

Ao espalhar informações falsas, cria-se uma confusão de forma generalizada, danificando a credibilidade de fontes de informações confiáveis. Isso permite que aqueles que as disseminam controlem a narrativa e promovam sua própria agenda a partir da desinformação. Mesmo com o trabalho das agências de checagem – discutido no capítulo anterior – para desmentir o que se propaga, os estragos feitos por essas desinformações são desastrosos, manipulando a opinião pública sobre diversos assuntos.

As notícias falsas podem ser usadas para gerar medo, ódio ou apoio a determinados indivíduos, grupos ou ideologias. Através da manipulação emocional, pilar fundamental para a disseminação de informações falsas, aqueles em posições de poder, ou que anseiam por essa posição, podem influenciar as decisões e ações da sociedade. Quando informações falsas são amplamente divulgadas, a veracidade dos meios de comunicação é questionada e a própria existência da verdade é colocada em dúvida. Isso pode enfraquecer a democracia ao dificultar a tomada de decisões promovendo a polarização da sociedade, algo que vem tornando-se muito frequente nos últimos anos que faz parte do recorte temporal que abrange a História do Tempo Presente.

No campo da história, compreender o tempo presente e suas complexidades é um desafio constante para os historiadores. O papel do historiador não é apenas analisar eventos passados, mas também navegar pelo cenário em constante mudança do presente. Um dos desafios significativos enfrentados pelos historiadores nos últimos anos é o surgimento das *fake news* e seu impacto na formação da percepção pública dos eventos históricos. Esse desafio amplia-se em relação aos questionamentos ao trabalho em sala de aula, sejam pelos próprios estudantes ou pela comunidade escolar como um todo, baseados em *fake news* sobre diversos assuntos.

Ao analisar o assunto a partir da perspectiva da história do tempo presente, é necessário levar em conta a própria contemporaneidade da/o professora/historiadora do tempo presente

que, de certa forma, é uma contemporaneidade de segundo grau, visto que o presente é para ele um presente duplicado, o da escrita e o de seu objeto (Delacroix, 2018, p. 70-71). A urgência em compreender e interpretar os acontecimentos recentes têm levado a pesquisa histórica a se debruçar sobre o tempo presente em busca de conhecimento, reflexão e análise crítica. Esse deslocamento temporal traz consigo desafios singulares. A falta de distanciamento histórico e a imprevisibilidade dos desdobramentos dos eventos em curso implicam em sua abordagem. Além disso, a própria noção de verdade histórica é abalada, uma vez que vivemos em uma sociedade saturada por informações e interpretações variadas. Nesse contexto, as *fake news* surgem como uma ameaça à produção de conhecimento histórico bem como o seu questionamento na educação básica.

A história do tempo presente apresenta um desafio único aos historiadores/professores devido à presença das *fake news* e, ao lidar com diversas temporalidades, enfrenta a difícil tarefa de gerir essa multiplicidade. No entanto, a sua instabilidade e inacabamento, bem como a coexistência e confrontação entre historiadores e atores, reforçam as exigências comuns a todas as áreas da história, incluindo a necessidade de levar em conta o constante vaivém cognitivo entre passado e presente (Delacroix, 2018, p. 72-73).

Circe Bittencourt, ao analisar a história do tempo presente na sala de aula, destaca:

São intensos os debates acerca dos pressupostos de uma apreensão objetiva dos acontecimentos vividos no calor do momento, de um presente que envolve emocionalmente quem o analisa e que constitui, por essa razão, uma história descartada por muitos historiadores (Bittencourt, 2004, p. 151).

O “calor do momento” intensifica-se ainda mais quando os assuntos tratados são sensíveis na sociedade e minados por desinformações que não cessam, pelo contrário, são reformuladas, repaginadas e novamente divulgadas, como foram os casos de várias *fake news* que circularam em 2018, foram desmentidas, mas voltaram à tona durante as eleições em 2022. Assis (2023, p. 206) ainda destaca que durante as campanhas em 2022 “o espectro da ‘ideologia de gênero’ se ‘descongela’ e é trazido novamente à baila com mais vivacidade”.

A metodologia para trabalhar com esse assunto em sala de aula precisa ser cuidadosamente desenvolvida por tocar em questões emocionais que são despertadas pelas *fake news*:

a história do tempo presente possui exigências metodológicas e conceituais, para que não se transforme em repetições de ensaios jornalísticos pouco profundo nas análises. Um ponto crucial é situar essa história dentro do conceito de contemporâneo e situar sua periodização. Com base no conceito de longa duração, pode-se perceber que a

história do presente tem outras escalas de tempo e espaço. No que se refere ao tempo, a concepção de contemporâneo está associada a uma temporalidade de mudanças aceleradas, e, no que se refere ao espaço, trata-se de pensar em uma história mundial (Bittencourt, 2004, p. 153).

Neste caso, temos as *fake news* dentro de uma disputa de poder que é global, situada na era da pós-verdade.

Outro ponto que merece ser destacado ao trazer à tona a história do tempo presente, é justamente pensar que a história ensinada na escola é dirigida e orientada pelo tempo presente e constitui um traço importante no ensino de história. As práticas pedagógicas são constantemente refeitas a partir das situações cotidianas, colocando o presente no centro do conhecimento histórico. A partir do exposto, busca-se uma compreensão do passado, porém, se isso acontecer sem um discernimento crítico, o tempo presente pode impedir a reflexão sobre as permanências e estruturas históricas (Silva, 2017, p. 125-126). Para que esse entendimento aconteça de forma adequada e crítica em relação a importância em trabalhar a categoria gênero na educação básica, é necessário o entendimento das raízes das *fake news* sobre ideologia de gênero.

2.2 A construção da “ideologia de gênero” na história

Por “ideologia de gênero” compreende-se tudo aquilo que é rechaçado pela direita e extrema-direita no Brasil. O termo, que não possui nenhuma validade científica, está presente em vários discursos conservadores. Segundo Balieiro (2018, p. 9):

Entre a metade de 2014 e o final de 2015, a noção “ideologia de gênero” se difundiu nos noticiários e nas mídias sociais, quando novos empreendedores morais apareceram em cena, travando uma batalha para barrar iniciativas educacionais sob a perspectiva de gênero. Para seus críticos, “gênero” seria o nome de uma “ideologia”, de definição tão abrangente quanto difusa, de consequências nocivas a crianças e adolescentes. Nos posicionamentos mais diversos de seus opositores, diagnostica-se sua presumida indução à homossexualidade, à pedofilia e até mesmo ao comunismo.

O momento citado foi oportuno para o “debate” visto que tramitava no Congresso o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024). A versão final do documento não menciona gênero, mesmo após intensos debates sobre a “ideologia de gênero”. Posteriormente, políticos alinhados às frentes parlamentares evangélica e católica elaboraram projetos de lei para proibir o uso da “ideologia de gênero” na educação, gerando acaloradas discussões nas assembleias e câmaras. Como resultado, a menção a palavra “gênero” foi vetada nos planos estaduais e municipais de educação em 2015 (Balieiro, 2018).

Ao utilizar um discurso fantasiado de preocupação com as crianças, aqueles que se opõem à inclusão do respeito à diversidade sexual e de gênero usaram a estratégia de criar um pânico moral, utilizando as *fake news*, para ocultar suas posições restritivas às diferenças. Foi a partir disso que eles conseguiram impedir iniciativas de combate à homofobia nas escolas, e até mesmo o uso do termo gênero nos planos educacionais, tudo isso alegando ameaça às crianças. Isso aconteceu em meio a perseguições de professores e professoras, artistas e intelectuais que buscam construir uma sociedade mais justa, igualitária e menos violenta (Balieiro, 2018).

A perseguição ao termo gênero, transformado em ideologia, não acontece somente no Brasil e nem começou aqui. Em um estudo realizado por Machado (2018) baseado em extensa bibliografia, ela aponta que apesar do movimento feminista ter adotado o “gênero” como moldura conceitual nos anos 1980 para estudar os mecanismos de subordinação das mulheres, foi na década de 1990 que começaram os embates entre ativistas feministas e grupos religiosos em relação à categoria gênero. Para Assis (2023) essa construção do gênero como inimigo começa ainda antes pelos setores conservadores, entre as décadas de 1960 e 1970:

Esses anos foram marcados por ventos progressistas e conservadores. De um lado, o feminismo liberal dos anos 1970, no norte global, reivindicava os direitos socioeconômicos das mulheres. O feminismo liberal norte americano, impactado pela obra de Betty Friedan, *A mística feminina*, reivindicava autonomia às mulheres. Essa crítica, de Friedan e do feminismo, demonstrava o quanto as mulheres estavam infelizes ao exercerem, muitas vezes única e exclusivamente, o papel de esposas, mães e dedicadas donas do lar. Essa autonomia feminina não é bem-vista por setores mais conservadores da Igreja Católica, que viam na mulher, justamente, essa condição “natural” (Assis, 2023, p. 46).

O II Concílio do Vaticano, realizado entre 1962 e 1965, buscou modernizar e tornar a Igreja Católica mais aberta à realidade da época, com o lema "uma igreja pobre e serva". Esse evento teve impacto significativo na liturgia e nos dogmas da igreja, sobretudo na América Latina. Um dos resultados importantes foi o documento *Gravissimum Educationis*, de 1965, que originalmente tratava da Educação Sacerdotal, mas acabou abrangendo a Educação em instituições católicas e seculares, incluindo o ensino religioso. Além dos desafios enfrentados pela hierarquia católica, as sexualidades dissidentes também representaram uma questão para a Igreja (Assis, 2023, p. 47).

Assis (2023) também discute a escrita da carta encíclica *Humanae Vitae* em 1968. Ao analisá-la, Assis aponta que:

O que é novo nesse documento é a utilização de alguns termos que, segundo o próprio documento, a igreja não poderia deixar de se pronunciar. Embora o termo “Educação Sexual” não apareça no documento de forma explícita, a ilação no documento é óbvia, contendo palavras como: pais, educação moral, degradação (Assis, 2023, p. 47).

É importante destacar que a técnica de espalhar informações com palavras que despertam um sentimento de alerta no leitor não é recente. A construção desse inimigo da igreja e conseqüentemente dos seus fiéis não é recente, cada vez mais vem sendo explorada, como vimos os exemplos no primeiro capítulo.

O Vaticano começou a dar mais atenção aos temas de sexualidade ligados a educação sexual. Em 1983 foi divulgado o documento "Linhas Gerais para uma Educação Sexual", orientando que a educação sexual deveria ser trabalhada além do aspecto científico, considerando também suas “dimensões espirituais e humanas”. O documento foi direcionado inicialmente às escolas católicas, entretanto, a preocupação passou a abranger as escolas não religiosas, ressaltando que a educação sexual é responsabilidade das famílias e, em um contexto misto, a sua implementação cabe a igreja (Assis, 2023, p. 50-51).

Avançando temporalmente, durante a Conferência Internacional da Mulher da ONU em Pequim, em 1995, que teve como tema “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”⁵⁶ representantes do Vaticano e delegadas de ONGs cristãs dos Estados Unidos contestaram a maioria dos trechos que mencionavam a expressão “gênero” nas propostas para o documento final, afinal “o termo gênero já era uma das principais preocupações do Vaticano” (Assis, 2023, p. 57). Nas negociações da conferência, a maioria das ativistas feministas e delegações oficiais utilizavam "gênero" para falar da situação das mulheres e lutar pelos direitos reprodutivos e sexuais. No entanto, representantes da Igreja Católica exigiram uma definição precisa para a categoria "gênero", com o objetivo de reafirmar a concepção de mulher ligada à biologia e aos papéis tradicionais de esposa e mãe. Enquanto as feministas defendiam uma leitura construcionista do gênero, a Igreja Católica argumentava que o termo deveria estar fundamentado na identidade sexual biológica de homens e mulheres.

Durante a Conferência de Pequim, houve uma luta interpretativa em relação ao termo "gênero", que acabou sendo vagamente mencionado no documento final. A solução adotada não agradou representantes da Santa Sé e ONGs cristãs que tentaram desqualificar o movimento feminista, associando-o à "cultura da morte" e à homossexualidade. Ao final da conferência,

⁵⁶ Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/#:~:text=1995%20%E2%80%93%20IV%20Confer%C3%Aancia%20Mundial%20sobre,o%20respeito%20a%20esses%20direitos.> Acesso em: 04 nov. 2023.

“se reconheceu que a desigualdade da mulher é um problema estrutural e só pode ser abordada de uma perspectiva integral de gênero” (Miskolci e Campana, 2017, p. 727).

Na década de 1990, sacerdotes e teólogos criaram um discurso para combater a perspectiva de gênero trabalhada cientificamente nas universidades. A Igreja Católica relacionou a perspectiva de gênero com ideologias seculares e formas de sexualidades alternativas ao padrão cristão, representando uma inversão argumentativa dos embates ocorridos na Europa do século XIX. Os elaboradores do discurso sobre a "ideologia de gênero" utilizaram uma concepção de ideologia para desqualificar toda uma linha teórica que delineava as ações políticas das militantes no plano internacional (Machado, 2018). Ao disseminar que gênero era uma ideologia, todo o debate acadêmico e estudos sobre o assunto eram prontamente desqualificados e desacreditados, criando uma confusão generalizada sobre o termo para difundir a visão cristã. A estratégia utilizada seguia todos os padrões utilizados pelas *fake news*, em que algo é colocado como vilão na sociedade e, a partir daí, busca-se uma solução para combater essa mal.

Em 1997, Dale O’Leary⁵⁷ lançou o livro "*The Gender Agenda: Redefining Equality*" nos Estados Unidos, discutindo a influência do pensamento marxista em acadêmicas feministas e a radicalização do feminismo. Uma tradução condensada está disponível, inclusive, no site do Escola Sem Partido⁵⁸. Suas ideias foram difundidas entre sacerdotes e teólogos da América Latina e Europa, e incorporadas em documentos da Igreja Católica. Neste livro ela defende:

dentro de uma linguagem e um discurso conspiracionista, que as “feministas radicais” ou de gênero estariam encabeçando, juntamente com “neo-marxistas”, defensores do politicamente correto, o lobby gay, pós modernistas desconstrutivistas etcetera, e mais diretamente com a própria ONU, a promoção “esquemas perigosos” de desconstrução do homem e da mulher e mais notadamente da família e do casamento cristão (Assis, 2023, p. 62).

Outro documento que deu base para as críticas foi "*La ideologia de género: sus peligros y alcances*", escrito pela Comissão Episcopal do Apostolado Laical e a Conferência Episcopal do Peru “associando a perspectiva de gênero ao marxismo, ao ateísmo e à ‘visão construcionista’ que negaria a dimensão natural e instintiva de homens e mulheres” (Machado,

⁵⁷ ”Ideóloga representante dos conservadores dos Estados Unidos conta com um currículo que possivelmente agradou a Igreja Católica. Dale é integrante da Opus Dei e da Associação Médica e Nacional Católica dos Estados Unidos de Investigação e Terapia da Homossexualidade, que promoveu, e promove, a ‘terapia reparativa’ da homossexualidade” (Assis, 2022, p. 56)

⁵⁸ Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/blog/agenda-de-genero-redefinindo-a-igualdade/>>. Acesso em 4 jan. 2023.

2018, p. 4). O documento pode ser acessado no site Aciprensa⁵⁹. Esse documento influenciou as formulações discursivas da Santa Sé e, em 2000, o Pontifício Conselho para a Família elaborou um novo documento identificando a difusão da "ideologia de gênero" como um dos fatores que explicariam a gradual desestruturação do casamento nas últimas décadas do século XX (Machado, 2018).

Em 2004 a Congregação para a Doutrina da Fé enviou uma carta aos bispos da Igreja Católica, refutando as afirmações da antropologia moderna sobre a construção social dos gêneros e defendendo uma "antropologia cristã", enquanto em 2010 o advogado argentino Jorge Scala publicou um livro defendendo que a ideologia de gênero é uma imposição utilizada pelo sistema educativo e se baseia na falsa suposição de que o gênero é uma construção social. Em seu livro, Scala argumenta combater “o que denomina como ‘ideologia’ o que justificou manifestações que vão desde movimentos a favor da família tradicional até manifestações contra políticas de governos de esquerda” (Miskolci e Campana, 2017, p. 726). Scala e demais autores que não encontraram respaldo em espaços acadêmicos pela falta de lógica em seus escritos “se utilizam de ferramentas de fácil acesso por todos para divulgar suas ideias: o Youtube e Facebook” (Assis, 2023, p. 110)

No Brasil a confusão criada sobre o termo gênero é analisada por Machado (2018) desde os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998 e 1999-2003), momento em que houve uma política de aproximação do poder executivo brasileiro com o movimento feminista. Em seu primeiro ano de mandato, Fernando Henrique instituiu o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) como política governamental, com o objetivo de promover a concepção de direitos humanos como um conjunto de direitos universais, indivisíveis e interdependentes. O PNDH-II (2002) permitiu que feministas e ativistas de movimentos sociais debatessem sobre iniquidade de gênero e discriminação, propondo ações para a promoção da igualdade e eliminação da violência, inclusive sexual, contra grupos de diferentes orientações sexuais.

Durante os dois governos de Luiz Inácio Lula da Silva, o poder executivo manteve diálogo com movimentos feministas e LGBTT e diversas iniciativas foram tomadas em favor dessas minorias. Algumas dessas iniciativas incluem a realização da 1ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres e o lançamento do programa "Brasil sem Homofobia" em 2004, a instalação de uma Comissão Tripartite de Revisão da Legislação Punitiva sobre o Aborto em 2005, a realização da primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais em 2008, entre outras. Essas ações geraram reações de atores políticos

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/controversias/genero.htm>>. Acesso em 5 nov. 2023.

religiosos que passaram a fazer discursos contra a "ideologia de gênero" e apresentar propostas de leis contrárias à agenda feminista e dos movimentos LGBT (Machado, 2018).

Lacerda (2016, apud Machado, 2018) em sua análise sobre o fenômeno da “ideologia de gênero” no Brasil, afirma que o Plano Nacional da Educação e o PL 8035/2010 foram usados para que a desinformação sobre o termo gênero tomasse grandes proporções. A incorporação dos termos gênero e orientação sexual na proposta apresentada pelo poder executivo gerou uma grande mobilização de parlamentares católicos e evangélicos no Congresso Nacional e na sociedade civil brasileira.

Durante os anos em que este projeto tramitava nas duas casas do Congresso Nacional, uma série de eventos foi realizada naquele espaço com o intuito de difundir o discurso da “ideologia de gênero” entre os parlamentares e fornecer subsídios para Projetos de leis que pudessem impedir a adoção da perspectiva de gênero nas políticas educacionais. O fortalecimento político dos pentecostais na Câmara de Deputados, primeiro com a indicação do deputado e pastor Marco Feliciano para a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias e, depois, com a eleição de Eduardo Cunha para o cargo mais importante daquela casa, favoreceu também os grupos católicos comprometidos com a cruzada à ideologia de gênero no Brasil que passaram a ser convidados a expor suas ideias em diferentes situações (Machado, 2018, p. 7).

É importante destacar que o PL 8035/2010⁶⁰ só deu ainda mais força para o movimento conservador no Brasil, apoiado pela bancada evangélica. Ele foi somente o ponto de partida para as críticas que levaram a perseguição de professores, professoras e todos aqueles que defendiam a ideia de uma sociedade mais justa e equitativa para todos e todas. Foi a partir daí que eventos e discussões pautadas por essa interpretação maldosamente equivocada do termo gênero que a confusão se espalhou pelo país e tomou forças, principalmente, pelo movimento Escola Sem Partido a partir de seu site, alimentado pela estrutura das *fake news*, que mexem principalmente com a emoção de quem lê. O site, inclusive, conta com diversos anteprojetos para serem aplicados em níveis municipal e estadual contra a “ideologia de gênero”.

Machado (2018) destaca alguns dos eventos e seminários promovidos para a disseminação dessa desinformação e, em um deles, que aconteceu em maio de 2014, chamado “Gênero, Aborto e Sociedade”, em comemoração ao dia da Família, foi discutida a defesa da vida e a interpretação naturalista dos gêneros masculino e feminino foram questionadas. As formulações discursivas foram apresentadas como originárias do pensamento marxista, que supostamente tem o intuito de destruir a família e revolucionar a sociedade. A categoria gênero,

⁶⁰ Redação final do PL disponível em:

<https://sfo3.digitaloceanspaces.com/institutocampanha/media/acervo/documentos/aporvacao_pne_4out2012_ccj.pdf?AWSAccessKeyId=DO00CQJMTQUFUEUWT6VA&Signature=AAoKXvVyPshsF1%2BUVt2joZvqUrE%3D&Expires=1710091197>. Acesso em 10 mar. 2024.

trabalhada enquanto ciência, a partir de estudos e análise da sociedade e adotada como linguagem de política pública global, é vista por alguns segmentos religiosos como um recurso ideológico pernicioso para a ordem social. Há uma busca por fundamentação no campo científico para contrapor o discurso feminista, com a argumentação de que a ideologia é uma mistificação ou falseamento da realidade.

Se expandindo para além da reação católica, a “ideologia de gênero” tornou-se receptáculo e transmissora de variadas concepções reacionárias, que utilizam a retórica dos valores morais em nome do combate a qualquer forma de reivindicação dos direitos das mulheres e dos sujeitos cuja orientação sexual e identidade de gênero desafiem a heteronormatividade estabelecida (Guimarães, 2020, p. 12).

Depois de toda confusão propositalmente criada sobre o referido plano o resultado foi uma aprovação com grandes mudanças na sua ideia original, que foi debatida por especialistas da área.

A ofensiva ao Plano Nacional de Educação (PNE) foi pelo seu conteúdo. A primeira versão do PNE representava um documento democrático, constituído e construído por várias instituições participantes, intensa participação de movimentos feministas, das sexualidades dissidentes e do movimento negro, educadores(as) e profissionais da educação que haviam debatido nas conferências estaduais e municipais – Conferência Nacional da Educação Básica, a Coneb e as Conferências Nacionais de Educação, a Conae – a inclusão da diversidade de gênero, diversidade sexual e as questões étnico-raciais. Tanto nos documentos das conferências estaduais e municipais quanto no documento final, a preocupação da base conservadora é o conteúdo do documento, o fim das desigualdades de gênero e o respeito à orientação sexual, racial e pela erradicação de todas as formas de discriminação (Assis, 2023, p. 126).

Mesmo após a aprovação do plano com as referidas ressalvas, a categoria gênero continua como um “problema” a ser combatido e resolvido pelos conservadores no Brasil. Toda essa narrativa criada em torno da palavra gênero constituiu um terreno fértil para novos “fiscais” da ideologia de gênero se difundirem, principalmente nas escolas. A partir disso, urge cada vez mais a necessidade de trabalhar com essa categoria em sala de aula desde a educação básica.

2.3 Gênero como categoria de estudos aliado à construção de uma educação crítica

Apesar de toda a confusão estrategicamente disseminada sobre a categoria gênero, é necessário explorar como a mesma é trabalhada cientificamente, dando subsídio para um trabalho adequado em sala de aula. Antes de tudo, é necessário trazer a definição adequada à categoria gênero:

que se refere aos aspectos culturais, históricos e sociais de como se classificaram as pessoas a partir das diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1990) e que categoriza as pessoas como femininas ou masculinas (cisgêneros), transgêneros (trans-homem, trans-mulher) ou não binárias e que também se relaciona com o que tem sido chamado de “expressão” ou “papel” sexual, ou seja, como as pessoas performatizam ou representam seu gênero (Wolff e Saldanha, 2015, p. 30).

O termo “gênero faz parte das relações sociais, assim como classe, raça, geração e outras categorias”, “é construção, ou seja, ele não é algo que venha da natureza”, “está relacionado à cultura, à história e à forma social”, podendo ter seus aspectos “modificados, transformados, repensados”, “Gênero é poder, é hierarquia. As sociedades estabelecem lugares sociais que são demarcados em termos de gênero, classe, raça, geração, religião, entre outros” (Wolff e Saldanha, 2015, p. 35-36).

Ao constatar que a categoria gênero relaciona-se com a ideia de poder, pode-se esclarecer o motivo de tanto “medo” em explorar o termo pelos setores conservadores da sociedade, visto que, ao estudar a história a partir dessa categoria, somos convidados a repensar os papéis a que foram submetidos homens e mulheres, por exemplo. Ao realizar tais questionamentos, Miskolci e Campana (2017, p. 743) concluem que

[...] tudo indica que os empreendedores morais contra a “ideologia de gênero” são grupos de interesse conservadores que buscam distanciar os movimentos feminista e LGBT, e mesmo seus simpatizantes, das definições de políticas públicas e tomar o controle sobre elas. Sobretudo, [...], buscam delimitar o Estado como espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional.

Alguns dos componentes discursivos utilizados para justificar a dominação masculina sobre o feminino, a concepção de que há apenas machos e fêmeas na espécie humana e a concepção de que a reprodução é a função básica do ato sexual contribuem para a manutenção de estruturas (Wolff e Saldanha, 2015, p. 43). Estruturas essas que conservam a sociedade com as mulheres em seus papéis de subordinação em relação aos homens. Ao analisar como o gênero influenciou os sistemas sociais, econômicos e políticos, os estudantes compreendem as complexidades das relações de poder. Essa compreensão promove empatia e incentiva os estudantes a desafiarem estruturas opressivas. Enquanto educadores, temos o papel de trazer para os estudantes tais questionamentos a essa construção. Baseando-se na ideia de educação crítica de Paulo Freire (1996, p. 13) temos que “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”.

Ao analisarmos tais estruturas, nos deparamos com a importância que os estudos de gênero desempenham na educação básica, uma vez que contribuem para a construção do conhecimento histórico. Ao examinar o impacto das questões referentes a categoria gênero nas sociedades ao longo da história, os estudantes adquirem uma compreensão mais profunda de como as normas de gênero e as dinâmicas de poder moldaram o mundo em que vivemos hoje. Ao integrar os estudos de gênero na educação básica, os estudantes são expostos a uma compreensão mais abrangente da história e da sociedade.

O papel da escola, das professoras e professores é despertar o senso crítico da/os estudantes. Para que isso aconteça é necessário o desenvolvimento de habilidades que tratem adequadamente de fontes midiáticas, fontes estas que servem como veículos da propagação de *fake news*. Segundo a BNCC:

A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de fake news, da manipulação de fatos e opiniões têm destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas (Brasil, 2017, p. 134-135).

Ao analisar essa questão especificamente dentro da disciplina de História, reitera-se que a “percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania” (Brasil, 2017, p. 398). Ainda sobre a formação crítica que a/o estudante deve desenvolver na escola, Leite (2017, p. 14) discute que:

O ensino que se atém ao conteúdo não será significativo na medida em que, para que o aluno não fique limitado pela pós-verdade e não contribua para violências vindouras, é necessário que ele entenda que deve questionar as verdades impostas a fim de exercer sua cidadania.

Ao despertar tal criticidade, há o comprometimento em lutar contra um mundo baseado em mentiras organizadas que circulam com velocidade astronômica, possibilitando um acesso de qualidade a ciência e a história, sendo o trabalho docente um ato político contra todo tipo de manipulação (Nascimento, 2020).

Na educação básica, o debate sobre gênero também ocorre no contexto da disciplina de História. O ensino crítico da história converge com a reflexão sobre a consciência histórica proposta por Rüsen. De acordo com o autor, a consciência histórica é a base que permite

compreender a natureza da história como ciência e sua necessidade (Rüsen, 2001, p. 56). Uma análise mais aprofundada desse ponto é vital no enfrentamento das *fake news* relacionadas ao gênero.

Um dos principais benefícios dos estudos de gênero na educação básica é sua capacidade de desafiar estereótipos tradicionais. Por meio do exame de eventos e figuras históricas, os estudantes aprendem como as expectativas de gênero têm limitado as oportunidades para alguns indivíduos e perpetuado a desigualdade. Ao questionar esses estereótipos, os estudantes desenvolvem habilidades de pensamento crítico e promovem a inclusão. Os estudos de gênero também ajudam os estudantes a entender as dinâmicas de poder dentro das sociedades. É na escola que os estudantes trazem suas visões preexistentes para discussão, sendo orientados sobre a distinção entre liberdade de expressão e discurso de ódio (Seffner, 2020, p. 79). O papel da escola é construir um ambiente de convivência harmoniosa, respeitando as diversidades, embasado na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A desconstrução de falácias é central no trabalho em sala de aula, guiado pela ciência histórica, que, segundo Rüsen (2010, p. 110), amplia a experiência do passado, fortalece a competência interpretativa e reforça a capacidade de aplicar interpretações históricas na vida prática.

Analisar a categoria gênero na educação básica aprimora as habilidades de pensamento crítico dos estudantes. Eles aprendem a questionar narrativas predominantes, analisar fontes e desenvolver argumentos baseados em evidências. Isso promove o crescimento intelectual e capacita os estudantes com as habilidades necessárias para lidar com questões históricas e sociais complexas. Ao suscitar debates embasados na ciência histórica e nas normativas educacionais, os estudantes conseguem interpretar sua realidade. Despertar a consciência histórica visa desconstruir preconceitos e compreender as bases sociais. Em meio a um cenário conturbado, a disseminação de *fake news* sobre gênero é uma tática eficaz do conservadorismo. A reflexão sobre essa temática permite repensar questões históricas e sociais, promovendo a compreensão de que os sujeitos se formam nas relações sociais em constante desenvolvimento de atividade humana (Souza; Noleto, 2018, p. 2010).

Por meio dos estudos de gênero, a educação básica pode se tornar um catalisador para a justiça social. Ao expor os estudantes às lutas enfrentadas por grupos marginalizados ao longo da história, eles são capacitados a tornarem-se agentes de mudança. Os estudos de gênero incentivam os estudantes a desafiar a desigualdade, advogar por direitos iguais e trabalhar por uma sociedade mais justa. Para que essa mudança aconteça, a ideia de consciência histórica, desenvolvida por Rüsen (2001), auxilia nessa compreensão. O conceito de consciência histórica refere-se a capacidade de compreender e refletir sobre a natureza da história e como ela

influencia nossas vidas. Rüsen propõe que a consciência histórica é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e para a formação de cidadãos críticos e comprometidos.

Trabalhar a categoria gênero na sala de aula permite aos estudantes compreender e questionar os estereótipos de gênero que existem em nossa sociedade. Através de atividades e discussões, eles são incentivados a refletir sobre como esses estereótipos influenciam nossas vidas e nossas interações com os outros, despertando a criticidade. As relações de gênero permeiam a vida humana, exigindo um debate satisfatório. Apesar dos desafios, é fundamental abordar o tema, respaldado pelas leis e diretrizes escolares. Professores devem estar preparados para lidar com questões emocionais, morais e religiosas, conforme pontuado por Rüsen (2001, p. 59), reconhecendo a necessidade de interpretação de experiências vividas pelos estudantes.

A consciência histórica implica a compreensão de que a história não é apenas um conjunto de fatos isolados, mas é composta por narrativas e significados construídos por diferentes atores e perspectivas. Rüsen sustenta que a história é um processo de interpretação e seleção de informações, e que essas interpretações são fundamentais para compreender o passado e sua relevância no presente. Ao aliar o conceito de consciência histórica à análise da categoria gênero, permite-se que os estudantes desenvolvam uma consciência crítica sobre os papéis de gênero e promovam uma sociedade mais igualitária e respeitosa. Ao abordar esse tema, capacita-se os estudantes a serem agentes de mudança e a contribuir para a construção de um mundo mais justo e equitativo.

Entretanto, ao trabalhar com a temática em sala de aula, esbarra-se nas *fake news* sobre o assunto. Essa desinformação tem alterado drasticamente o contexto de produção e recepção do conhecimento histórico. O confronto dos professores e professoras com essa problemática é real e requer uma posição ativa no combate à desinformação.

Diante das notícias falsas que circulam o tempo todo, nós professores devemos ser capazes de selecionar e verificar as fontes, analisar seu conteúdo e contexto, e adotar uma postura crítica frente às informações em circulação. A necessidade de checagem e cruzamento de dados torna-se imprescindível para evitar equívocos e manipulações historiográficas e isso precisa ser feito na sala de aula. Ao lidar com eventos recentes em que informações falsas foram amplamente difundidas, como já discutido em relação à categoria gênero, precisa-se considerar a influência dessas narrativas na construção coletiva da memória histórica. A contextualização desses fenômenos é fundamental para entender seu impacto na sociedade e na formação de opiniões.

3. DIMENSÃO PROPOSITIVA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A dimensão propositiva do presente trabalho acontecerá em formato de uma sequência didática. Durante a sequência didática, várias abordagens podem ser realizadas na construção do entendimento do assunto a partir da abordagem científica e respeitando toda a sensibilidade que o assunto pode despertar. Esta sequência está relacionada aos desafios atuais na sociedade associada às notícias falsas e desinformação sobre questões de gênero. A partir dela, os estudantes explorarão como as notícias falsas podem perpetuar estereótipos e preconceitos de gênero, e como podem investigar, desmentir e combater a prática de disseminação de *fake news*, reconhecendo a importância do estudo da categoria gênero.

Ao introduzir o gênero como categoria de análise, realiza-se uma análise crítica dos padrões considerados "naturais" pelos setores conservadores. A preparação teórica é fundamental para abordar o tema na sala de aula, superando suposições e mentiras. O corpo docente deve estar pronto para enfrentar discursos de ódio, respaldado pela BNCC, que destaca a importância da análise crítica de informações, combate às *fake news* e promoção do respeito às diferenças.

A sequência didática é um elemento fundamental no processo de ensino e aprendizagem na educação básica. Esta metodologia surgiu na França nos anos 80 e visava aprimorar o ensino da língua materna, promovendo a integração e interconexão entre ortografia, sintaxe e gramática, superando um modelo fragmentado. Embora tenha enfrentado resistências iniciais, a proposta se consolidou ao longo do tempo, levando estudiosos a analisar e pesquisar os resultados alcançados com sua implementação no ensino do idioma francês. No Brasil a utilização da sequência didática se deu a partir da década de 1990 com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A princípio, foi adotada para o ensino do idioma materno (Oliveira, 2013). Hoje a sequência didática faz parte da metodologia de diversas disciplinas, podendo ser estruturada e aplicada em vários níveis de ensino, desde a educação básica até o ensino superior.

A sequência didática consiste em um planejamento ordenado e estruturado de atividades, reflexões e intervenções que permitem aos estudantes adquirir conhecimentos, habilidades e competências de forma progressiva e coerente. Ao trabalhar com essa metodologia, parte-se do princípio de que a aprendizagem é um processo gradual e sequencial, onde cada etapa ou atividade prepara o estudante para a próxima. Essa SD tem como objetivo principal facilitar a compreensão e assimilação dos conteúdos que envolvem a temática gênero pelos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, promovendo sua participação ativa e dando-

lhes a oportunidade de construir seu próprio conhecimento com bases sólidas sobre o assunto. Oliveira (2013, p. 40) sintetiza a realização da sequência didática em quatro passos básicos: “escolha do tema a ser trabalhado”, “questionamentos para problematização do assunto a ser trabalhado”, “planejamento dos conteúdos”, “objetivos a serem atingidos no processo ensino-aprendizagem” e “delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados”.

Uma sequência didática bem projetada tem vários benefícios na educação básica. Em primeiro lugar, permite ao professor organizar de forma eficaz os conteúdos a serem ensinados, estabelecendo uma estrutura lógica e coerente e que faça sentido também para os estudantes. Isso ajuda a evitar a dispersão e a falta de clareza na reflexão de conhecimentos. Esse ponto merece destaque visto que, muitas vezes, os próprios docentes se veem afogados em *fake news* sobre o assunto, ataques dos estudantes e pais que foram desinformados sobre o tema também por informações falsas. É necessária uma ordem lógica e cronológica para o trabalho eficaz sobre o tema para que não se perpetue ainda mais desinformações.

Ao ter uma ideia clara do que se trabalha, com começo, meio e fim, os estudantes perceberão o sentido e a relevância do que estão aprendendo, o que é fundamental para manter seu interesse e compromisso com o processo educativo. Outro aspecto importante da sequência didática é que facilita a avaliação da aprendizagem, seja ela qualitativa ou quantitativa. Ao seguir uma sequência ordenada, podemos identificar de forma mais precisa os avanços e dificuldades dos estudantes e realizar os ajustes necessários em seu ensino para garantir o alcance dos objetivos propostos.

É importante ter em mente que a sequência didática não deve ser entendida como uma rigidez ou uma limitação no planejamento das aulas. Pelo contrário, deve ser flexível e adaptável às necessidades e interesses dos estudantes, assim como aos contextos específicos de cada grupo ou situação educativa, tendo cada turma suas particularidades e subjetividades. Dito isso, seria muito fácil trabalhar com o assunto em uma turma em que os estudantes têm a dimensão da importância do assunto e não estão afogados em um mar de notícias falsas. Por outro lado, em salas com estudantes filhos de pais extremamente conservadores, que se alimentam de informações advindas de correntes de WhatsApp ou tem seus algoritmos favoráveis ao recebimento de desinformações, o desafio é imenso e deve ser trabalhado com cautela para que não haja ainda mais desgaste, principalmente para o professor ou professora que trabalha com o tema.

Esta SD é um projeto piloto para aplicação em turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental II, contemplando a seguinte habilidade: “(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência” (Brasil, 2018)⁶¹. A disciplina de História tem, ao todo, 36 habilidades e pode ser acessada na íntegra em seu site oficial⁶².

Ao trabalhar como professora de História no município de Joinville SC, fui inserida num contexto em que as sequências didáticas fazem parte do processo educativo. Os planejamentos são realizados de forma mensal e a organização se dá a partir de sequências didáticas. Essas sequências são desenvolvidas de forma individual por cada docente e enviadas a Supervisora que, por sua vez, realiza a leitura do Planejamento e faz apontamentos antes de colocá-lo em prática. Em consenso com as supervisoras que trabalho, cada planejamento contém hiperlinks com todos os sites apresentados bem como as atividades que serão impressas e apresentações de slides. Trabalhando dessa forma, percebi que as sequências didáticas são grandes aliadas ao processo educativo efetivo, proporcionando qualidade no desenvolvimento das aulas que foram desenvolvidas previamente a partir de reflexão sobre o assunto e com a análise de vários recursos disponíveis.

A SD desenvolvida tem aplicação planejada para o mês de dezembro (Apêndice 3). A escolha do mês foi ao encontro do Mapa de Progressão⁶³, que norteia o trabalho, a habilidade em questão tem previsão para seu trabalho no mês de dezembro. Entretanto, é necessário ressaltar que o trabalho de combate a desinformação acontece durante o ano todo.

A estrutura do planejamento prevê “Expectativa de aprendizado”, “Habilidade” e “Conhecimento Prévio”. As expectativas e conhecimentos prévios são propostas pelo Mapa de Progressão e construídas em conjunto com os professores da rede durante as formações continuadas que acontecem durante todo o ano, mensalmente.

Segundo Zabala (2014), a sequência didática é definida por “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (p. 24). Neste caso, os estudantes terão acesso a habilidade que será trabalhada e conhecerão de antemão o processo.

⁶¹ Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia-no-ensino-fundamental-anos-finais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>>. Acesso em 01 de março de 2024.

⁶² Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em 01 de março de 2024.

⁶³ Documento produzido pelos professores formadores de História no município de Joinville. O documento planifica as habilidades trabalhadas durante todo o ano letivo e apresenta sugestões de atividades e abordagens em cada mês. As habilidades são distribuídas mensalmente, sendo a Habilidade 36 da disciplina de História projetada para o mês de dezembro. O Mapa está disponível como Anexo 7.

A sequência didática será prevista para 06 aulas de 48⁶⁴ minutos cada. Em um primeiro momento, para sondagem dos conhecimentos dos alunos, a metodologia aplicada será a construção de uma nuvem de palavras. Essa técnica permite coletar informações de forma visual e rápida, facilitando a identificação dos conceitos-chave que os estudantes já dominam e aqueles em que precisam de mais apoio. Por meio do uso de algoritmos aliados ao site Mentimeter⁶⁵, são geradas visualizações gráficas em que o tamanho de cada palavra é proporcional à frequência em que ela foi mencionada pelos estudantes. A plataforma Mentimeter é uma ferramenta online que permite aos usuários criar e compartilhar nuvens de palavras de maneira fácil e rápida. A plataforma permite aos professores e estudantes interagirem de forma dinâmica durante as aulas. Uma das características é a possibilidade de criar uma nuvem de palavras em tempo real, onde os estudantes podem enviar suas palavras e vê-las formar uma imagem visualmente atraente.

Para usar o Mentimeter, é necessário criar uma conta em sua página da web. Para desenvolver a atividade é necessário que a professora esteja logada e clique em "Criar nova apresentação". Após, deve-se escolher o tipo de pergunta "Nuvem de palavras" no menu suspenso. Depois, o tema que os estudantes irão comentar deve estar em evidência, neste caso: "O que eu sei sobre gênero". Feita esta etapa, o Mentimeter irá gerar um código de acesso único que será compartilhado com os estudantes para que eles possam participar da sessão.

A ideia, com esta etapa inicial, é explorar os conhecimentos prévios dos estudantes:

No que se refere ao conhecimento histórico, essa posição torna-se ainda mais relevante, levando em conta as experiências históricas vividas pelos alunos e as apreensões da história apresentada pela mídia [...] por parte das crianças e dos jovens, em seu cotidiano. A História escolar não pode ignorar os conceitos espontâneos formados por intermédio de tais experiências. (Bittencourt, 2004, p. 189)

Entretanto, esses conceitos precisam ser reformulados a partir do conhecimento científico da sala de aula, visto que muitos desses "conhecimentos" são provenientes de desinformações. Neste momento, trabalhar com tais questões requer preparo científico sobre o tema, mas também, é preciso estar preparada para todas as questões emocionais que serão colocadas ali. Bittencourt, ao analisar os reflexos do conhecimento prévio dos estudantes, ressalta sobre o assunto:

Ainda sobre os conhecimentos do *senso comum*, devemos estar atentos às críticas associadas ao caráter ideológico e acrítico com que eles se manifestam. Existe uma

⁶⁴ As aulas da rede municipal de Joinville seguem o padrão de 48 minutos para os anos Ensino Fundamental II.

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.mentimeter.com/pt-BR>>. Acesso em 01 março de 2024.

“leitura de mundo” permeada por manipulações, de aprendizagens provenientes dos meios de comunicação de massa, e revestida de ideologia, condição que, por princípio, difere essencialmente do conhecimento e do domínio dos conceitos científicos. Pode-se dizer que existe uma espécie de “preconceito” sobre o conceito espontâneo. Este é entendido por muitos especialistas como um conhecimento impregnado de conservadorismo, falso, que precisa ser vencido pelo reconhecimento científico racional e objetivo. (Bittencourt, 2004, p. 190)

Desta forma, a nuvem de palavras irá captar esse conhecimento sobre a categoria “gênero” e será desenvolvida de forma anônima pelos estudantes.

Para que os estudantes consigam participar, eles deverão acessar o site do Mentimeter em seus chromebooks⁶⁶ (cada estudante tem acesso a um chromebook que, ao ser agendado o uso, fica disponível para uso na sala de aula com as turmas)⁶⁷. Assim que acessarem o site, serão instruídos a inserir o código fornecido para participar da sessão. Uma vez conectados, os estudantes poderão enviar palavras relacionadas ao tema “O que eu sei sobre gênero”. À medida que os estudantes enviarem palavras, o Mentimeter as coleta e as exibe em tempo real. As palavras mais frequentes aparecerão maiores na nuvem, permitindo visualizar as principais ideias ou tendências. A visualização em tempo real da nuvem de palavras permite aos professores e estudantes analisarem e discutirem os resultados de forma interativa. A partir da nuvem de palavras formada pelos estudantes é possível obter uma visão geral dos conhecimentos e experiências prévias da turma sobre a categoria gênero.

Após a conversa, será disponibilizado aos estudantes uma definição do conceito de gênero a partir do Dicionário Online, que traz:

Significado de Gênero
substantivo masculino

Conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum.

[Biologia] Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes; família, raça: o lobo é uma espécie do gênero canis.

Maneira de ser ou de fazer; estilo, tipo: é esse o seu gênero de se vestir?

Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.

[Gramática] Categoria gramatical que se baseia na diferenciação entre masculino, feminino e neutro.

expressão

⁶⁶ “Chromebook é um notebook que roda o Chrome OS, o sistema operacional do Google derivado do Chromium (o projeto por trás do navegador Google Chrome) para computadores”. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-chromebook/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

⁶⁷ Informações sobre a distribuição dos equipamentos nas escolas do município de Joinville disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/noticias/prefeitura-de-joinville-lanca-programa-somos-digitais-com-entrega-de-r-566-milhoes-em-equipamentos-para-rede-municipal/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

Gênero literário. Variedade da obra literária, classificada de acordo o assunto, o modo de o tratar, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático.

Gênero humano. Designação da espécie humana, do homem.

Gênero de vida. Modo de viver, de proceder; tipo de vida.

Etimologia (origem da palavra gênero). Do latim generu, genere, "nascimento, origem".

Sinônimos de Gênero

Gênero é sinônimo de: espécie, tipo, forma

Definição de Gênero

Classe gramatical: substantivo masculino

Separação silábica: gê-ne-ro

Plural: gêneros⁶⁸

Para facilitar a projeção de visualização aos estudantes, o recurso “Apresentações Google” será utilizado. Será destacado aos estudantes que, dentre toda a definição lida, o foco recairá sobre “Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais”.

Ao trazer esse comparativo das impressões prévias dos estudantes com a definição científica do termo, a ideia é que eles reflitam sobre a própria construção do conhecimento.

Segundo Zabala:

a aprendizagem é uma construção pessoal que cada menino e cada menina realizam graças à ajuda que recebem de outras pessoas. Esta construção, através da qual podem atribuir significado a um determinado objeto de ensino, implica a contribuição por parte da pessoa que aprende, de seu interesse e disponibilidade, de seus conhecimentos prévios e de sua experiência. Em tudo isto desempenha um papel essencial a pessoa especializada, que ajuda a detectar um conflito inicial entre o que já se conhece e o que se deve saber, que contribui para que o aluno se sinta capaz e com vontade de resolvê-lo, que propõe o novo conteúdo como um desafio interessante, cuja resolução terá alguma utilidade, que intervém de forma adequada nos progressos e nas dificuldades que o aluno manifesta, apoiando-o e prevenindo, ao mesmo tempo, a atuação autônoma do aluno. É um processo que não só contribui para que o aluno aprenda certos conteúdos, mas também faz com que aprenda a aprender e que aprenda que pode aprender. Sua repercussão não se limita ao que o aluno sabe, igualmente influi no que sabe fazer e na imagem que tem de si mesmo (Zabala, 2014, p. 84).

Por mais que a categoria gênero traga uma intensa carga científica e literária para discussão, é importante ressaltar que, para os jovens entre 14 e 15 anos (idade média dos estudantes que cursam o 9º ano do ensino fundamental) é necessário ater-se em uma definição mais “direta”, ainda mais pelo limite de tempo dedicado a sequência didática. Entretanto, a discussão da aula será guiada pela construção do conceito e a sua amplitude no meio acadêmico. Afinal, segundo Bittencourt “noções e conceitos precisam ser explicitados para que sejam empregados corretamente. Revoluções, burguesia, povo, rei, monarquia, sindicato, clero,

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/genero/>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

família, termos usados normalmente, parecem muitas vezes ter sempre existido em todos os lugares e em todos os tempos” e ela ainda complementa: “Para a utilização de muitos desses conceitos demanda-se muita prudência, advertem historiadores...” (Bittencourt, 2004, p. 193).

Após a leitura, os estudantes serão convidados a refletir se a definição do dicionário condiz com aquilo que eles entendiam previamente sobre o assunto e foi destacado na nuvem de palavras. A partir da reflexão deverão escrever um parágrafo no caderno falando sobre as suas impressões, com aproximações e divergências das informações iniciais e a definição discutida do termo “gênero”. Essa comparação de informações auxilia na visualização e reflexão do estudante para as primeiras mudanças no entendimento do conceito trabalhado.

A estrutura detalhada acima tem planejamento definido para uma aula de 48 minutos, que será retomada na aula seguinte para a continuação da atividade. Para o desenvolvimento da próxima etapa os estudantes serão orientados a organizarem-se em trios. A realização da atividade em grupos permitirá aos estudantes compartilhar ideias, resolver problemas e aprender de forma conjunta. O trabalho em grupo estimulará a criatividade e a capacidade de pensamento crítico, já que os estudantes podem discutir diferentes perspectivas e hipóteses para cada etapa do trabalho.

Após a definição e organização dos grupos, cada trio receberá uma notícia que tenha sido veiculada em redes sociais ou jornais eletrônicos sobre gênero. A depender da quantidade de trios formados na turma, uma mesma notícia será entregue a grupos diferentes, podendo gerar ainda mais debates no momento final de socialização das informações. As notícias serão as seguintes:

Quadro 1: Notícias discutidas pelos estudantes

Notícia 1: Projeto sobre gênero revela como trabalhar o tema dentro e fora da escola	https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/projeto-sobre-genero-revela-como-trabalhar-o-tema-dentro-e-fora-da-escola/?migrado=_portal_aprendiz
Notícia 2: Mutirão em Montes Claros promove retificação do nome e gênero para pessoas trans	https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2023/11/29/mutirao-em-montes-claros-promove-retificacao-do-nome-e-genero-para-pessoas-trans.ghtml
Notícia 3: Três escolas primárias da Alemanha vão instalar banheiros com “terceiro gênero”	https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/14320/tres-escolas-primarias-da-alemanha-va0-instalar-banheiros-com-terceiro-genero
Notícia 4: Escola traumatiza crianças de 5 anos com “teatro transgênero”	https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/7144/escola-traumatiza-criancas-de-5-anos-com-teatro-transgenero

Notícia 5: Professores da Califórnia recrutaram alunos para clubes LGBT, áudios revelam	https://sensoincomum.org/2021/11/29/professores-da-california-recrutaram-alunos-para-clubes-lgbt-audios-revelam/
Notícia 6: ONU Mulheres critica violência de gênero na Copa 2018	https://brasil.un.org/pt-br/80366-onu-mulheres-critica-viol%C3%Aancia-de-g%C3%AAnero-na-copa-2018

Fonte: elaborada pela autora, 2023

A escolha das notícias se deu a partir de buscas em sites que têm credibilidade para tratar os assuntos que divulgam. A notícia 1 (Anexo 1), presente no site Educação e Território, do grupo Cidade Escola Aprendiz⁶⁹ fala sobre a luta da comunidade escolar da EMEF Infante Dom Henrique, em São Paulo, para mudar o nome da instituição para “Escritora Carolina Maria de Jesus” em homenagem à autora negra que morou na região. Esta mudança de nome reflete o compromisso da escola e de seus integrantes com o território. Por meio do projeto “Roteiro de Aprendizagem Gênero e Diversidade – Um diálogo pedagógico e social”, a escola aborda questões de diversidade, machismo, racismo e homofobia. Os professores se envolvem no ensino interdisciplinar, incentivando a autonomia dos alunos e promovendo o trabalho em grupo. A notícia é de novembro de 2017.

A notícia 2 (Anexo 2) é de novembro de 2023, presente no site G1 Minas, assinada pela jornalista Nátila Gomes e traz que cerca de 21 pessoas tiveram os seus nomes retificados durante o Mutirão "Orgulho da Minha Identidade" em Montes Claros. O evento foi idealizado em parceria com a coordenadora Adjunta Estadual da Aliança LGBTIQAP+, Letícia Imperatriz, e é uma iniciativa da Defensoria Pública de Minas Gerais para garantir o acesso à justiça e promover a igualdade para a Comunidade Trans e Não-Binária no Norte de Minas Gerais.

As notícias 3 e 4 são desinformações provenientes do mesmo site, Jornal da Cidade Online, que se apresenta como “extremamente respeitado pelo seu público leitor por seu comprometimento com a análise dos fatos, material opinativo, pluralidade e compromisso com a verdade”⁷⁰. O site em questão foi escolhido entre uma relação de sites que disseminam *fake news*. O compilado de sites foi publicado pela jornalista Amanda Ribeiro (2019) para o portal Aos Fatos⁷¹. Segundo Ribeiro (2019) o Jornal da Cidade Online foi apontado segundo estudo

⁶⁹ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que contribui para o desenvolvimento de indivíduos e comunidades, por meio de experiências e políticas públicas voltadas à educação integral. A organização realiza programas em diversas cidades com atividades de pesquisa, desenvolvimento de conteúdo, formação de lideranças e contribuição para políticas públicas. Disponível em: <<https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/apresentacao/>> Acesso em: 12 dez. 2023.

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/paginas/institucional>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

⁷¹ Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/sites-de-fake-news-foram-os-mais-populares-em-grupos-de-whatsapp-nas-eleicoes/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

da Northwestern University, nos Estados Unidos, como um dos usuários de perfis falsos para ataques a políticos e juízes. A página também foi relacionada a difusão de notícias falsas e um dos meios de comunicação mais populares identificado.

Na notícia 3 (Anexo 3), assinada por Julio Gonzaga, que tem em sua descrição no site as seguintes informações: “Advogado graduado pelo Centro Universitário Eurípides de Marília – UNIVEM. Pesquisador principalmente em temas relacionados a guerra cultural nos Estados Unidos e os efeitos danosos do ativismo judicial para a democracia”⁷². A notícia fala que escolas na região de Munique estão oferecendo opções de banheiros de "terceiro gênero" para estudantes que não se identificam como homens ou mulheres. A proposta foi feita por um vereador e uma escola já está consultando arquitetos para implementar o projeto. O Ministério da Educação da Baviera confirmou que essas escolas serão as primeiras a adotar essa opção na região. Essa medida é apontada na notícia como parte da ideologia de gênero, que sustenta que o gênero biológico não importa e que a identidade de gênero é mutável ao longo da vida. A notícia ainda enfatiza que a Alemanha também estendeu essa política para outras áreas, como a opção de escolher um "gênero diverso" em documentos oficiais.

Já a notícia 4 (Anexo 4), que não traz nenhum nome de redator ou escritor, comenta que pais e alunos da escola americana *Rocklin Academy Gateway* ficaram chateados após uma professora impor uma atividade que mostrava a transição de gênero de outra criança. A atividade consistia em uma encenação na qual um menino voltava para a sala de aula vestido como menina. O resultado da dinâmica foi o abandono de pelo menos 73 alunos que deixaram a escola. Vários pais disseram que seus filhos foram traumatizados e que não foram informados sobre a tarefa. O texto ainda alerta que a prática está se espalhando por outras instituições de ensino.

A notícia 5 é proveniente do site Senso Incomum. A página em questão é mencionada em um compilado de “sites do governo a serviço de extremismo e fake-news”⁷³, realizado pela página Outras Mídias. Segundo as informações, um levantamento feito pela Agência Pública revelou que ministérios brasileiros direcionam *backlinks*⁷⁴ para sites ligados a desinformação e difusão do ódio. Portais de notícias conservadoras têm divulgado a atuação dos ministérios com

⁷² Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/14320/tres-escolas-primarias-da-alemanha-va0-instalar-banheiros-com-terceiro-genero>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

⁷³ Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/os-sites-do-governo-a-servico-de-extremismo-e-fake-news/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

⁷⁴ Links de uma página da internet direcionando para outra página, funcionando como uma referência dentro de conteúdo, por exemplo. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/backlinks/>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

textos elogiosos, que depois são compartilhados pelos influenciadores bolsonaristas em suas redes. Essas postagens são muitas vezes republicadas ou referenciadas em sites oficiais do governo (Rudnitzki; Scolfield, 2020).

A notícia em questão é assinada por Leonardo Trielli, que apresenta como biografia as seguintes informações: “Leonardo Trielli não é escritor, não é palestrante, não é intelectual. Também não é bombeiro, nem frentista, não é formado em economia e nem ciências políticas. Nunca trabalhou como mecânico e nem bilheteiro de circo. Twitter: @leotrielli”. A notícia relatada por ele diz que um áudio vazado de uma conferência de professores em Palm Springs, na Califórnia, revelou que alguns professores usam artifícios para esconder sua militância LGBT nas escolas. Os professores sugeriram que os pais que se recusam a chamar seus filhos pelos pronomes escolhidos pelas crianças devem ser presos e acusados de abuso infantil. A conferência incluiu professores mostrando a seus colegas como minar a autoridade dos pais e administradores escolares e ocultar deles atividades relacionadas a inclusão de gênero e orientação sexual. Após a divulgação do áudio, o clube "Você é Você" foi extinto e os professores estão proibidos de rastrear ou monitorar atividades online dos alunos.

Por fim, a notícia 6 é proveniente do site da ONU e informa que a ONU Mulheres emitiu uma nota pública condenando a violência de gênero durante a Copa do Mundo 2018, especialmente o assédio sexual de torcedores brasileiros contra mulheres. A nota afirma que tais comportamentos violentam mulheres em todo o mundo e reforçam a cultura do estupro. A ONU Mulheres Brasil manifestou sua solidariedade às mulheres russas e de todas as nacionalidades e pediu que grandes eventos, como a Copa do Mundo, coloquem a questão de gênero e os direitos das mulheres no centro dos encaminhamentos preparativos, adotando iniciativas de prevenção e conscientização sobre a violência de gênero. Por fim, a nota enfatiza a responsabilidade dos homens em criar um espaço seguro para todos na Copa.

Os estudantes receberão as notícias de maneira impressa para realização da leitura. Em cada uma das impressões haverá o nome do site, data de publicação e autor. Num primeiro momento, eles deverão realizar uma leitura geral da notícia. Após, receberão um roteiro com questões a serem analisadas do texto. A atividade de leitura guiada pelo roteiro de verificações parte da perspectiva do rompimento de uma leitura ingênua, identificada por Diogo (2019, p. 42) como “rasa, desatenta e superficial - [que] geralmente desconsidera, entre outros aspectos, o contexto de produção dos enunciados”. Em contrapartida a uma leitura ingênua, temos, a partir desta atividade, uma leitura crítica que vai “além do texto, buscando compreender os cenários prévios, o que envolve também conhecimento consciência do próprio papel do leitor no momento de interação com as produções” (Diogo, 2019, p. 42).

Essa leitura guiada pelo roteiro acontecerá com a realização de pesquisas sobre o assunto. As pesquisas serão realizadas nos Chromebooks⁷⁵ disponibilizados aos estudantes e reservados anteriormente para o uso na atividade. Levando os estudantes a realização de leitura e pesquisa sobre a informação (ou desinformação) fará com que eles se entendam parte do processo de construção de conhecimento. Apoiando-se na concepção de “pensar certo” de Paulo Freire (1996) temos que:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. (Freire, 1996, p. 14).

Ao final da análise os estudantes terão a dimensão da postura crítica que desenvolveram e poderão transformar a desinformação em um caminho de busca pela informação correta e científica. Desta forma farão questionamentos aos seus conhecimentos prévios sobre o assunto e poderão reconsiderar as interpretações que fizeram dele (Zabala, 2014, p. 87).

Os trios terão até duas aulas para a realização da leitura crítica da informação. O tempo dedicado a atividade não pode ser tão breve (apenas uma aula de 48 minutos) porque as pesquisas complementares levam tempo e precisam ser cuidadosamente analisadas. Ao final da terceira aula da sequência (e segunda aula dedicada a atividade) os estudantes deverão finalizar o checklist do roteiro e responder as duas questões de discussão.

A importância dessa leitura atenta centra-se na necessidade de verificação da procedência daquilo que se lê, para que haja compreensão da informação e, somente a partir disso, posicionar-se e ter opinião sobre o tema (Aro; Gomes, 2017).

Após essa etapa, o grupo que chegou a conclusão que leu informações verídicas deverá se juntar a um grupo que não encontrou validade na notícia lida. Para que cada grupo “se encontre”, será realizada uma discussão oral no início da quarta aula da sequência didática, na qual os estudantes trarão seus resultados preliminares. Após essa junção, os novos grupos (agora formados por seis estudantes: três de cada grupo anterior), irão discutir sobre como os

⁷⁵ Cada escola do município de Joinville possui Chromebooks para uso pedagógico em sala de aula. Mediante reserva, os chromebooks são levados na sala de aula e utilizados pelos estudantes. Cada estudante tem acesso a um Chromebook com acesso à internet.

textos analisados abordaram a categoria gênero. Essa nova discussão guiada deverá acontecer sempre com intervenção da professora, visto que:

Se à exposição não se acrescentam atividades de diálogo com os alunos ou entre eles, que permitam nos darmos conta da conveniência dos novos conteúdos, tanto em relação às dificuldades de compreensão como a sua capacidade, será um processo sem controle, no qual a aprendizagem dependerá apenas da capacidade pessoal de cada um dos meninos e meninas (Zabala, 2014, p. 86).

Para enriquecer ainda mais a discussão, a professora caminhará entre os grupos mediando as discussões e colocando novos questionamentos do tipo: “Já haviam visto outras desinformações como essa antes? Onde? Quando?”; “Quais as últimas notícias que viram sobre o tema gênero nas últimas semanas?”. Esses questionamentos serão iniciais para que as discussões aconteçam e se desenvolvam entre os grupos.

Após esse momento de interação, que deverá acontecer em cerca de 25 minutos, os estudantes serão convidados a refletir sobre o que são *fake news*. De antemão, serão questionados sobre o que sabem sobre o termo e poderão, inclusive, apontar as notícias lidas como *fake news*. Essa discussão do conteúdo será guiada por uma breve explicação do que são notícias falsas, qual a sua estrutura, como se espalham e suas consequências. Para facilitar o entendimento, exemplos conhecidos serão apresentados e discutidos. Essa explicação acontecerá de forma oral, apoiada em uma apresentação de slides através do recurso Google Apresentações (Apêndice 4).

Ao final da explicação, os estudantes serão convidados a pensar nos impactos que as *fake news* podem causar nas suas vidas, na educação e, principalmente, no desenvolvimento da história. Ainda de forma oral, retomaremos os exemplos de notícias falsas que circularam e ainda circulam sobre a categoria gênero e faremos uma reflexão baseada na importância de seus estudos, afinal, a implicação de não discutirmos o assunto em sala de aula, acaba por perpetuar estereótipos e a estrutura machista e rígida da nossa sociedade. As discussões serão desenvolvidas em rodas de conversa, deixando sempre que os estudantes tragam suas impressões e mediando qualquer conflito que o assunto possa despertar, bem como desconstruir falas equivocadas ou preconceituosas.

Nas aulas 5 e 6 da sequência didática, os estudantes irão produzir um infográfico na plataforma Canva⁷⁶ como síntese das discussões realizadas nas aulas anteriores. Os infográficos são uma forma eficaz de apresentar informações de forma visual e fácil de entender, com textos

⁷⁶ Disponível em: <https://www.canva.com/pt_br/>.

diretos e claros sobre o assunto estudado. Os estudantes do município de Joinville já têm familiaridade com a plataforma Canva, visto que a utilizam para desenvolver apresentações em outras disciplinas bem como a disciplina de História. Por se tratar de estudantes do 9º ano do ensino fundamental II, tem-se ainda mais facilidade com o trabalho, já que utilizaram o Canva em anos e trabalhos anteriores.

Os grupos serão orientados a se juntarem novamente e receberão as instruções de como desenvolver o infográfico. O termo “infográfico” é analisado por Ribas (2005, p. 3) enquanto conceito e, apoiado na definição de Pablos (1999) explica que a palavra é utilizada em dois contextos. Um deles relaciona a raiz "info" à informática, descrevendo-a como uma técnica para criar imagens por meio de um computador. O segundo contexto associa a mesma raiz à palavra "informação", derivada do inglês "*informational graphics*". Ribas (2005) conclui que

A infografia tem a função de facilitar a comunicação, ampliar o potencial de compreensão pelos leitores, permitir uma visão geral dos acontecimentos e detalhar informações menos familiares ao público, tendo como conteúdo explicações em diversos níveis de complexidade, apresentações de fatos ou acontecimentos, informações de funcionamento, descrições de processos (Ribas, 2005, p. 16).

A utilização do infográfico em trabalhos de síntese na educação básica tem justamente a função dos estudantes se comunicarem de uma forma mais clara e precisa, utilizando imagens para facilitar o processo. Com a ajuda de ferramentas online como o Canva, os infográficos são desenvolvidos de forma rápida e fácil, visto que existem vários *designes* na plataforma que podem ser editados, facilitando ainda mais o processo. Os estudantes criarão um infográfico para demonstrar sua compreensão de como verificar informações e evitar a propagação de notícias falsas sobre gênero. O infográfico deverá incluir pelo menos três estratégias para detectar notícias falsas e três dicas para evitar sua propagação. Os grupos deverão usar recursos confiáveis e citar suas fontes de informação.

A atividade será realizada em sala de aula, com a utilização dos chromebooks previamente agendados. Os estudantes ainda terão a possibilidade de desenvolver o infográfico de forma colaborativa, ou seja, todos editando ao mesmo tempo o mesmo arquivo, vantagem que a plataforma apresenta.

Como orientações iniciais, os estudantes terão as seguintes informações, disponibilizadas de forma impressa:

- Reúnam-se novamente com os grupos de discussão da aula anterior (6 estudantes);
- Acesse a plataforma Canva com o seu login e senha institucional;

- A partir do consenso do grupo, escolha um designe de infográfico que atenda as expectativas do trabalho;
- O infográfico deverá demonstrar a compreensão do grupo de como verificar informações e evitar a propagação de notícias falsas, principalmente sobre “gênero”, que foi o assunto discutido nas aulas anteriores;
- O infográfico deve incluir pelo menos três estratégias para detectar notícias falsas e três dicas para evitar sua propagação;
- Pontos-chave do infográfico:
 - O que são notícias falsas e por que é importante verificar as informações;
 - Estratégias para verificar a veracidade das notícias;
 - Dicas para evitar a propagação de notícias falsas;
 - Exemplos de informações falsas que circulam sobre “gênero” e apontamento dos seus equívocos;
 - Citar as fontes das informações encontradas.

Após a finalização do infográfico, os estudantes serão orientados a salvá-los no formato PDF, para que não haja desconfiguração no seu formato, e enviá-los no e-mail institucional da professora, identificando o nome de todos os integrantes do grupo. O envio deverá ser feito ao final da sexta aula da sequência didática.

Os infográficos serão lidos e analisados e devolvidos para os estudantes com as considerações necessárias. Para a avaliação, haverá o critério das informações apresentadas, seguindo os pontos que foram entregues para os grupos no início da atividade (início da aula 5). Os trabalhos que apresentarem todas as informações serão expostos nos murais da escola, depois de impressos no tamanho A3.

Dentro da disciplina de História, a percepção da diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania. Esses sujeitos só poderão ser percebidos com uma educação que os estimule a pensar além daquilo que acompanham na mídia e nas redes sociais.

A formação crítica do estudante, conforme Leite (2017, p. 14), implica questionar verdades impostas para exercer a cidadania. Esses questionamentos serão feitos durante a aplicação da SD e, para além da sala de aula, levará os estudantes a questionar também o conteúdo que consomem no dia a dia. Ao despertar essa criticidade, o trabalho docente se torna um ato político contra manipulações, possibilitando acesso à ciência e à história de qualidade

(Nascimento, 2020). Ao desenvolver essa SD, espera-se que os estudantes se tornem críticos ao consumir notícias, buscando sempre pela sua verificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão da pós-verdade e a propagação de informações falsas, especialmente relacionadas a suposta "ideologia de gênero", representam um desafio para a educação e a sociedade como um todo. Diante dessa problemática, a presente dissertação foi estruturada, analisando o impacto da disseminação de *fake news* sobre gênero no Brasil dando foco as disputas eleitorais de 2018 e 2022. Entretanto, para entender como o fenômeno foi tão impactante nesses momentos, a discussão procurou compreender toda a desconstrução da categoria gênero desde a década de 1960, com o “alerta” aceso pelo Vaticano em torno dos direitos reivindicados pelas feministas do norte global.

A “ideologia de gênero” é um termo sem validade científica que é rejeitado pela direita e extrema direita no Brasil e está presente em discursos conservadores. Propagou-se entre 2014 e 2015, gerando oposição as iniciativas educativas de gênero. O gênero foi contestado pela ala conservadora no Brasil alegando riscos para as crianças. As teorias da conspiração se espalharam como a destruição da família com o apoio do Movimento Escola Sem Partido.

A disseminação de notícias falsas, principalmente pela internet, é realizada em alta velocidade, com o intuito de manipular a opinião pública e favorecer interesses particulares. Isto cria confusão, prejudica a credibilidade de fontes confiáveis. As notícias falsas inspiram medo, ódio e apoiam determinados grupos, afetando a tomada de decisões de quem consome esse conteúdo e promovendo a polarização na sociedade. Foi pensando nesses perigos que a dimensão propositiva do trabalho foi estruturada.

Durante a pesquisa, identificou-se que as *fake news* abordam de maneira sensacionalista o tema de gênero, em particular as questões envolvendo a chamada "ideologia de gênero", propagadas em grande escala nas redes sociais e incentivadas pelo movimento Escola Sem Partido. A análise de artigos do site do Movimento Escola Sem Partido evidenciou ainda mais o teor alarmista de conteúdos relacionados a temática gênero, gerando um clima de pânico moral ao difundir a narrativa de que os estudantes estão sendo doutrinados nas escolas por professores e professoras. Entretanto, por mais que o medo das represálias seja cada vez mais evidente, deixar de trabalhar com a categoria gênero ou abordá-la de forma rasa não é o caminho. Enquanto professora, é necessário ter uma postura crítica e política, levando o gênero para a sala de aula e trabalhando-o segundo a perspectiva científica.

As agências de checagem Aos Fatos e Agência Lupa desempenham um papel fundamental na verificação e desmascaramento das *fake news* relacionadas as questões de gênero principalmente no Brasil, tornando-se grandes aliadas ao enfrentamento desse mal.

Entretanto, conforme discutido, por mais importante que seja o trabalho das agências de checagem, o que é desmentido ali não tem o alcance que as *fake news* tem. Logo, o trabalho precisa ser diário, e a sala de aula da educação básica pode ser o começo.

Isto desafia historiadores e educadores a abordar a pensar nas *fake news* como uma problemática da história do tempo presente. O manejo dessa questão em sala de aula requer uma metodologia criteriosa para abordar as emoções desencadeadas pelas notícias falsas. Foi considerando o impacto das notícias falsas na educação histórica e a necessidade de enfrentar estes desafios com abordagens conceituais apropriadas que a sequência didática foi proposta.

Devido a essa problemática, a dissertação destacou a relevância do debate sobre gênero em sala de aula como forma de promover uma educação crítica e desenvolver a consciência histórica dos alunos. É crucial reconhecer o impacto negativo que as informações fraudulentas têm sobre o trabalho dos docentes, minando a credibilidade do ensino e distorcendo conceitos fundamentais. Nesse sentido, a abordagem propositiva deste estudo visa auxiliar os professores do 9º ano do Ensino Fundamental a desmitificar as *fake news* sobre gênero, fornecendo uma sequência didática que estimula a reflexão crítica a partir de notícias verídicas e falsas sobre a questão de gênero no contexto brasileiro e global. As estratégias presentes na SD foram pensadas e coordenadas para auxiliar professores e professoras a trabalhar com esse tema buscando respaldo científico e pensando nas questões emocionais que o tema suscita

A conscientização e o combate ativo as *fake news* são essenciais para preservar a integridade do ambiente educacional e promover uma sociedade mais informada e justa. Ao desafiar os discursos distorcidos e incentivar a análise crítica, os educadores desempenham um papel fundamental na construção de um futuro baseado na ciência e na igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

ALGEBAILLE, Eveline. Escola sem Partido: o que é, como age, para que serve. In. FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

AMARAL, Inês; SANTOS, Sofia José. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Silvio (Org). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

AOS Fatos. '**Mamadeiras eróticas' não foram distribuídas em creches pelo PT**. 2018. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/mamadeiras-eroticas-nao-foram-distribuidas-em-creches-pelo-pt/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

_____. **Imagens que mostram capa e conteúdo do chamado 'kit gay' são falsas**. 2018. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/imagens-que-mostram-capa-e-conteudo-do-chamado-kit-gay-sao-falsas/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

ARAGÃO, Alexandre. É falso que Fernando Haddad defendeu em livro sexo entre pais e filhos. **Aos Fatos**. 2018. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-fernando-haddad-defendeu-em-livro-sexo-entre-pais-e-filhos/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

ARO, M, L, B; GOMES, S, N. As fake news como contribuição na formação do leitor crítico. **Revista Philologus**, ano 23, n. 69. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set-dez 2017. p. 509-515. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/69supl/038.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ASSIS, Felipe Menin. **Do global ao local, a onda conservadora sai do “armário”?** O debate sobre gênero e diferença sexual nas escolas do interior de Santa Catarina. 2023. 277 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Ensino Médio**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, (53), 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/KttdD5GkPYPjH69DZxw6VcL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVASSA, Caroline; CESAR, Janaina. Assédios sacros: Jovens do Mosteiro de São Bento acusam religiosos de abuso sexual. 2021. **The Intercept_ Brasil**. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/09/01/jovens-abuso-sexual-mosteiro-sao-bento/>>. Acesso em jun. 2022.

CIAVATTA, Maria. Resistindo aos dogmas do autoritarismo. In. FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

COSTA, Samuel; GUIMARÃES, Thays. FactCheckLab: Programa de governo de Renata Souza (PSOL) não incluiu ‘kit gay’ e ‘liberação de drogas’. **Agência Lupa**. 2020. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/11/27/fact-check-lab-sudeste-rio-kit-gay-drogas>>. Acesso em 19 nov. 2022.

CUNHA, Ana Rita; MENEZES, Luiz Fernando. Checamos as declarações de Bolsonaro no Jornal Nacional e na GloboNews. **Aos Fatos**. 2018. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/checamos-declaracoes-de-bolsonaro-no-jornal-nacional-e-na-globonews/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**. Trad. SZLAK, Carlos. 1 ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DE ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 3, n. 8, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 28 fev. 2024.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres?

DIOGO, Michel Martins Lacerda. **A leitura crítica de notícias falsas na internet: uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2019.

ECOS. Quem somos. Disponível em: <<https://www.ecos.org.br/quem-somos>>. Acesso em 17 nov. 2022.

FAUSTINO, Marco. Lula não disse que ‘educação de relacionamento homoafetivo’ será prioridade nas escolas. **Aos Fatos**. 2022. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-lula-educacao-de-relacionamento-homoafetivo/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

FERREIRA, Guilherme Gomes. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol. 20 n. 36, p. 166-178, jan./jun. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

GUIMARÃES, Géssica. Teoria de gênero e ideologia de gênero: cenário de uma disputa nos 25 anos da IV Conferência Mundial das Mulheres. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0107, jan./abr. 2020.

JORGE, Thais de Mendonça. Notícia versus fake news. A explosão discursiva das informações falsas e o mundo dos jornalistas. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Silvio (Org.) **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Trad. BUENO, Daniel. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEITE, Bruna. Posts inventam projetos sobre incesto, pedofilia, liberação do roubo e mudança de sexo. **Aos Fatos**. 2022. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/posts-inventam-projetos-sobre-incesto-pedofilia-liberacao-do-roubo-e-mudanca-de-sexo/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

_____. Vídeo mostra professoras forçando menino a tomar ômega 3, não a passar batom. **Aos Fatos**. 2022. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-professoras-menino-batom/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

LEITE, Patrícia Mara de Carvalho Costa. Ensino de Língua Inglesa em tempos de pós-verdade: o letramento crítico como uma perspectiva educacional. In: CHATES, Tatiane de Jesus (Org.). **Perspectivas educacionais em tempos de pós-verdade**. Série Estudos Reunidos, Volume 34. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2018, vol.26, n.2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/pywfvLVSDYNnH8nzJV3MmQk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 nov. 2023.

MANHAS, Cleomar. Nada mais ideológico que “Escola Sem Partido”. In: AÇÃO Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. Apresentação - Fake News: o buraco é muito mais embaixo. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Silvio (Org.) **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

MARÉS, Chico; et al. Erros e acertos de Jair Bolsonaro no Jornal Nacional e no Jornal das 10. **Agência Lupa**. 2018. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2018/08/28/jair-bolsonaro-tv-globo>>. Acesso em 19 nov. 2022.

MENEZES, Luiz Fernando. Cartilha citada por Damares não ensina crianças a usar crack. **Aos Fatos**. 2022. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/cartilha-citada-por-damares-nao-ensina-criancas-a-usar-crack/>>. Acesso em 19 nov. 2022.

_____. Fantasia com pênis e vagina gigantes não foi exibida em escola no Brasil. **Aos Fatos**. 2022. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/fantasia-com-penis-e-vagina-gigantes-nao-foi-exibida-em-escola-no-brasil/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

_____. Haddad não é o ‘pai do kit gay nas escolas’; desinformação volta a circular nas redes. **Aos Fatos**. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/haddad-nao-e-o-pai-do-kit-gay-nas-escolas-desinformacao-volta-circular-nas-redes/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 32, n. 3, Setembro/Dezembro 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

MORAES, Maurício; AFONSO, Nathalia. Erros e acertos de Damares Alves e Augusto Heleno, ministros de Jair Bolsonaro. **Agência Lupa**. 2019. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/01/09/damares-alves-augusto-heleno>>. Acesso em 19 nov. 2022.

MOURA, Bernardo; CYPRESTE, Judite. É falso que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos. **Aos Fatos**. 2018. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Fake News, Mentira Organizada e Educação: uma reflexão a partir do pensamento de Hannah Arendt. **ReDoc Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, Jan/Abr 2020.

NOMURA, Bruno. Cinco mentiras que Bolsonaro conta desde 2018. **Agência Lupa**. 2022. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/10/21/mentiras-que-bolsonaro-conta-desde-2018>>. Acesso em 19 nov. 2022.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

PACHECO, Priscila. É falso que Lula propõe criação de banheiro infantil unissex caso eleito. **Aos Fatos**. 2022. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-lula-propoe-criacao-de-banheiro-infantil-unissex-caso-eleito/>>. Acesso em 20 nov. 2022.

PECSON, Thaysi. Brasileiros acessaram fake news 4,8 milhões de vezes entre julho e setembro de 2018. **PSafe Blog**. 2018. Disponível em: <<https://www.psafe.com/blog/fake-news-no-brasil/>>. Acesso em 11 jun. 2020.

PENNA, Fernando de Araujo. O Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional. . In. FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

_____. O ódio aos professores. In: AÇÃO Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.) **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016.

RIBAS, B. M. Ser Infográfico - Apropriações e Limites do Conceito de Infografia no Campo do Jornalismo. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2005, Florianópolis - SC. **Anais do III Encontro da SBPJor** - CD, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2005_ribas_sbpjor_florianopolis_serinfografico.pdf> Acesso em 16 jan. 2024.

RIBEIRO, Amanda. Sites de fake news foram os mais populares em grupos de WhatsApp nas eleições. **Aos Fatos**. 2019. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/sites-de-fake-news-foram-os-mais-populares-em-grupos-de-whatsapp-nas-eleicoes/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

RUDNITZKI, Ethel; SCOFIELD, Laura. Os sites do governo a serviço de extremismo e fake-news. **Outras Mídias**. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/os-sites-do-governo-a-servico-de-extremismo-e-fake-news/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

RÜSEN, Jörn. Experiência do tempo e auto-identidade: a origem da consciência histórica. In: **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 56-67.

_____. As três dimensões de aprendizado da formação histórica. In: **História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 2010, p. 103-120.

_____. Narrativa histórica: fundamentos, tipos e razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p. 93-108.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, UFRGS/FACED, v. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. de 1995.

SEFFNER, Fernando. Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade: o delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir, resistir. **Retratos da Escola**, vol. 14, n. 28, jan/abr. 2020, pp. 75-90. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22420/rde.v14i28.1095>>. Acesso em 18 set. 2020.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antônio. Laicidade do Estado e da educação: Valorizando as discussões sobre gêneros e sexualidades nas escolas públicas. **Revista Retratos da Escola**, v. 14, n. 28, jan/abr. 2020.

SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 99-129. Jan./Abr. 2017.

SILVA, Juremir Machado da. Fake News, a novidade das velhas falsificações. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Silvio (Org). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

SODRÉ, Muniz. O facto falso: do factóide às fake news. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Silvio (Org). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

SOUZA, Luciana Pereira de.; NOLETO, Rafael da Silva. Formação docente para a diversidade sexual e de gênero: discutindo conceitos e encontrando possibilidades. In: IRINEU, Bruna Andrade; MAIA, Marcos Felipe Gonçalves (Orgs). **Gênero e diversidade na escola: cenas, contextos e indicadores educacionais na região do Tocantins**. Palmas: EDUFT, 2018.

WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades: Categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** [recurso eletrônico]; tradução: Ernani F. da F. Rosa; revisão técnica: Nalú Farenzena. Porto Alegre: Penso, 2014.

ANEXOS

Anexo 1

Notícia 1: Projeto sobre gênero revela como trabalhar o tema dentro e fora da escola

PUBLICADO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2017

Projeto sobre gênero revela como trabalhar o tema dentro e fora da escola

POR NANA SOARES

EMEF Infante Dom Henrique, localizada no Canindé, em São Paulo, quer ser “Escritora Carolina Maria de Jesus”. Há meses articulando a alteração do nome para homenagear a autora negra que viveu na região, a comunidade escolar ainda não conseguiu concluir o processo, mas segue lutando para oficializar uma mudança de valores que já ocorreu do lado de dentro.

A alteração do nome da unidade é um gesto que sintetiza a maneira que a escola e seus membros relacionam-se com o território em que estão inseridos. Uma relação de escuta atenta, humanizada e preocupada em discutir as questões que se mostram relevantes para aqueles que vivem no bairro.

Esse processo teve início com o projeto “Roteiro de Aprendizagem Gênero e Diversidade – Um diálogo pedagógico e social”. Ao conectar a demanda do entorno com as inquietações dos professores percebidas no convívio com os estudantes, a iniciativa conferiu à escola um papel central no combate ao machismo, ao racismo e à homofobia.

Diagnóstico

A educadora responsável pela iniciativa, Fernanda Zientara do Nascimento, relata que a necessidade de trabalhar o tema foi captada pelos representantes da EMEF nas reuniões mensais com atores locais, como a Unidade Básica de Saúde (UBS) e a escola de samba do Canindé. Nesses encontros mensais, os representantes das UBS revelaram que a violência doméstica se colocava como um problema de destaque na região, demandando ações de combate. Ao mesmo tempo, os professores da escola notaram muitas nuances machistas e homofóbicas nos comentários dos estudantes, especialmente do oitavo ano. Comentários que mostravam uma percepção de mundo no qual a mulher é vista como um objeto e LGBTs não são desejados como colegas de classe.

De posse dessas informações, os professores resolveram agir. “Pensamos então nos roteiros de aprendizagem, uma proposta pedagógica que já tínhamos a intenção de inserir mas ainda não sabíamos a melhor maneira”, descreve Fernanda. A ferramenta, já utilizada por outras instituições de ensino, é uma espécie de guia sobre o assunto ou tema, com o mínimo de intervenção possível do professor. O mote é ser interdisciplinar, não se limitar aos muros da escola e promover a autonomia dos estudantes.

Na EMEF Infante Dom Henrique, a decisão foi abordar grandes temas: além da diversidade, escolhida para o 8º ano, outras turmas já trabalharam tecnologia, sustentabilidade, globalização, vícios e compulsões, o que exigiu esforços de professores de diferentes áreas do conhecimento para englobar os temas às matérias lecionadas.

“A abordagem foi muito interessante por trazer esse desafio. A professora de matemática comentou que nem ela imaginava ser capaz de unir a lógica matemática à igualdade de gênero. Ela não imaginava e nem nós”, brinca Fernanda, professora de português do 6º, 7º e 8º ano. Além dela e dos docentes de Matemática, os professores de Ciências também abraçaram a ideia dos roteiros de aprendizagem.

Nesse modelo de intervenção mínima, o trabalho em grupo é fundamental, de modo que os estudantes debatem e tentam sanar as dúvidas entre si. Cada roteiro de aprendizagem tem a duração de um bimestre, embora a temática continue sendo trabalhada após o fim do período.

Temas permanentes

A ideia a partir de agora é tornar os roteiros de aprendizagem permanentes, fixando os temas a ser trabalhados com os estudantes de outros anos. Preocupações catalisadoras da iniciativa – a diversidade e a promoção da igualdade de gênero – continuam como um eixo importante na EMEF. Na festa junina de 2017, por exemplo, os alunos fizeram intervenções sobre o assunto.

“O tema da festa era ‘Mulheres brasileiras fortes’, conhecidas e anônimas e de todo lugar do país. Após trabalhar os roteiros de aprendizagem e, dado o contexto da escola, optamos por homenagear na festa duas mulheres em especial: Carolina de Jesus e a mulher boliviana, dada a grande população migrante e oriunda desse país que temos na comunidade”, rememora a professora. Banners e camisetas foram distribuídos no evento, graças à parceria com o Instituto Tomie Ohtake.



Os pais e responsáveis foram apresentados ao projeto – e também passaram por formações

Resultados e resistência

Em um período de retirada dos temas de gênero e diversidade dos Planos Nacional e Municipais de Educação e de propagação da equivocada noção de “ideologia de gênero”, falar de igualdade é um desafio e pode incorrer em resistência da comunidade. Para evitar que esses mal-entendidos atrapalhassem o andamento do projeto ou mesmo impedissem que ele se realizasse, os professores que coordenam os Roteiros de Aprendizagem realizaram formações prévias com as famílias.

Essa etapa do trabalho foi realizada ainda antes da implementação do tema para os alunos e consistiu em momentos formativos durante as reuniões de pais. Nessa sensibilização, eles assistiram vídeos sobre a Lei Maria da Penha, campanhas publicitárias e discutiram o assunto. Segundo Fernanda Zientara, não houve resistência. “Nós deixamos a comunidade a par do que seria feito na escola. A aceitação foi boa, em nenhum momento houve queixas sobre a abordagem desses assuntos, mas tivemos algumas mães emocionadas com o material”, relembra ela.

A estratégia mostrou-se bem sucedida também com os estudantes. Antes do início do projeto, eles entraram em contato com os mesmos vídeos sobre o tema, para que os professores pudessem mensurar o que deveria ser trabalhado. Durante o projeto, Fernanda avalia que a aceitação foi alta e os roteiros viraram companheiros dos adolescentes, já que eram utilizados em diferentes aulas.

A transformação ficou visível na etapa de avaliação, quando os alunos, divididos em grupos pequenos, refletiram e se auto-avaliaram, confrontando os resultados dos outros grupos. As meninas sentiram-se constrangidas com propagandas que objetificavam as mulheres, enquanto os meninos acharam normal. Já em imagens que colocavam o homem nas mesmas poses tradicionais de mulheres, as meninas acharam engraçado, enquanto eles se ofenderam. “Nesse momento houve troca de verdade. Eles perceberam quão ofensivas podem ser as atitudes e o discurso dominante”, narra Fernanda, que acredita que a reflexão trazida pelos roteiros de aprendizagem é o maior legado do projeto. “Apesar dos tempos sombrios, nós estamos mudando para melhor.”

Territórios Educativos

O projeto “Roteiro de Aprendizagem Gênero e Diversidade – Um diálogo pedagógico e social” foi um dos 10 contemplados pela 2ª edição do Prêmio Territórios Educativos, iniciativa do Instituto Tomie Ohtake em parceria da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e patrocínio da Estácio, que busca reconhecer e fortalecer experiências pedagógicas que explorem as oportunidades educativas do território onde a escola está inserida, integrando os saberes escolares e comunitários.

Este ano, o programa recebeu 67 inscrições oriundas de todas as Diretorias Regionais de Ensino de São Paulo e de diversos tipos de unidades escolares.

Endereço eletrônico da notícia: https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/projeto-sobre-genero-revela-como-trabalhar-o-tema-dentro-e-fora-da-escola/?migrado=portal_aprendiz

Anexo 2

Notícia 2: Mutirão em Montes Claros promove retificação do nome e gênero para pessoas trans
Pessoas que desejam fazer a retificação no Registro Civil e não têm condições de arcar com as despesas do Tabelionato, podem procurar a Defensoria Pública

**Mutirão em Montes Claros promove retificação do nome e gênero para pessoas trans
Pessoas que desejam fazer a retificação no Registro Civil e não têm condições de arcar
com as despesas do Tabelionato, podem procurar a Defensoria Pública**

Por Nátila Gomes, g1 Grande Minas
29/11/2023 16h25 Atualizado há um mês



Defensoria Pública em Montes Claros — Foto: DPMG

Cerca de 21 pessoas tiveram o nome retificado durante um mutirão de retificação de nome e gênero para pessoas trans, em Montes Claros.

O Mutirão “Orgulho da Minha Identidade” foi idealizado em parceria com a coordenadora Adjunta Estadual da Aliança LGBTIQAP+, Letícia Imperatriz, que procurou a Defensoria Pública Estadual, através do coordenador da Unidade, o defensor Dr. Cláudio Fabiano Pimenta. Os processos foram encaminhados ao Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania (CEJUSC) desta Comarca, ou ainda estão em desenvolvimento”.

Conforme a defensora pública, Maria Teresa Silveira Santos Chaves, o Mutirão "Orgulho da Minha Identidade" foi impulsionado pela iniciativa da Defensoria Pública de Minas Gerais em cumprir os deveres institucionais de garantir o acesso à justiça e promover a igualdade. “A motivação principal reside na compreensão das dificuldades enfrentadas pela Comunidade Trans e Não-Binária no Norte de Minas Gerais, que frequentemente é alvo de marginalização e discriminação. As pessoas trans e não binárias enfrentam obstáculos significativos no reconhecimento de suas identidades. Isso inclui questões relacionadas à retificação de nome e gênero nos documentos oficiais, um processo que muitas vezes é burocrático e que implica em despesas no Cartório de Registro de Pessoas Naturais”.

Quem deseja retificar o nome e gênero no Registro Civil e não tem condições de arcar com as despesas do Tabelionato, pode procurar a Defensoria Pública – Unidade Montes Claros, localizada na Rua Espírito Santo, 110, Ibituruna, das 8h às 17h, onde receberá orientação especializada, apta a garantir a concretização desses direitos.

Endereço eletrônico: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2023/11/29/mutirao-em-montes-claros-promove-retificacao-do-nome-e-genero-para-pessoas-trans.ghtml>

Anexo 3

Notícia 3: Três escolas primárias da Alemanha vão instalar banheiros com “terceiro gênero”

Três escolas primárias da Alemanha vão instalar banheiros com “terceiro gênero”

Julio Gonzaga

25/04/2019 às 15:03



Na região de Munique, as escolas pretendem dar aos alunos que não se considerem do sexo masculino ou feminino a escolha de optarem por banheiros de “terceiro gênero”, escreveu o Breitbart.

A proposta de instalação de banheiros com “terceiro gênero” veio de um conselheiro do município de Pullach, região de Munique, segundo reportou o jornal alemão Frankfurter Allgemeine Zeitung. Segundo a reportagem, uma escola no município de Taufkirchen já teria inclusive consultado uma empresa de arquitetura para levar o projeto do banheiro a cabo.

“As escolas seriam as primeiras na Baviera a adotar o banheiro de terceiro gênero, confirmou um porta-voz do Ministério da Educação da Baviera, que não estava ciente de outras escolas terem adotado a idéia ainda”, acrescentou o Breitbart.

A ideologia de gênero é uma ideia propagada por ativistas e políticos de esquerda (comumente chamados de “progressistas”) e parte do ponto de que o gênero biológico – masculino e feminino – é irrelevante; o que vale é como a pessoa se identifica, independentemente do sexo de nascimento. Daí, hoje, o conceito de gênero passou também a receber o adjetivo “fluído”, no sentido de que o gênero é, durante a vida, mutável ao gosto do possuidor.

Além da implementação da ideologia de gênero em escolas, a Alemanha tem estendido tal política “progressista” a outros campos da vida, como a opção de escolher “gênero diverso” em documentos oficiais.

Endereço eletrônico: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/14320/tres-escolas-primarias-da-alemanha-vao-instalar-banheiros-com-terceiro-genero>

Anexo 4

Notícia 4: Escola traumatiza crianças de 5 anos com “teatro transgênero”

Escola traumatiza crianças de 5 anos com “teatro transgênero”

27/09/2017 às 06:41



A professora resolveu impor uma atividade que mostrava a transição de gênero de outra criança.

Crianças do jardim de infância foram forçadas a assistir a uma encenação, na qual um menino foi inicialmente apresentado à sala com um nome masculino e, depois de ir ao banheiro, voltou com roupas de menina e foi apresentado novamente à sala de aula como tal.

Tais fatos ocorreram numa escola americana, a 'Rocklin Academy Gateway', na cidade de Sacramento (Califórnia, EUA).

O resultado imediato foi o abandono de pelo menos 73 alunos, que deixaram a escola.

Vários pais disseram que a atividade deixou seus filhos traumatizados e que não foram informados de antemão sobre a tarefa, ou seja, forçar crianças de cinco anos a fazerem uma lição sobre identidade transgênero.

Durante a atividade, a professora também leu "I'm Jazz", dedicado a ensinar sobre a ideologia de gênero, com uma linguagem infantil.

Alguns pais estão chateados porque não foram informados sobre a lição que deixou seus filhos perturbados e traumatizados. Muitas das crianças choravam enquanto perguntavam aos seus pais se elas também teriam que mudar de gênero.

Além disso, os pais ainda dizem que não sabem de tudo o que aconteceu na sala de aula, porque a professora e a coordenação da escola se recusam a contar, e o relato da coordenação difere do que vários pais dizem que seus filhos de cinco anos lhes contaram.

O fato é que a partir desse exemplo ocorrido numa escola americana, outras instituições de ensino também estão adotando a prática.

Parece que o negócio de forçar a barra e incutir na cabeça das crianças o tal conteúdo ideológico, está se alastrando.

Fonte: LifeSiteNews

Nota da Redação: A foto utilizada é meramente ilustrativa.

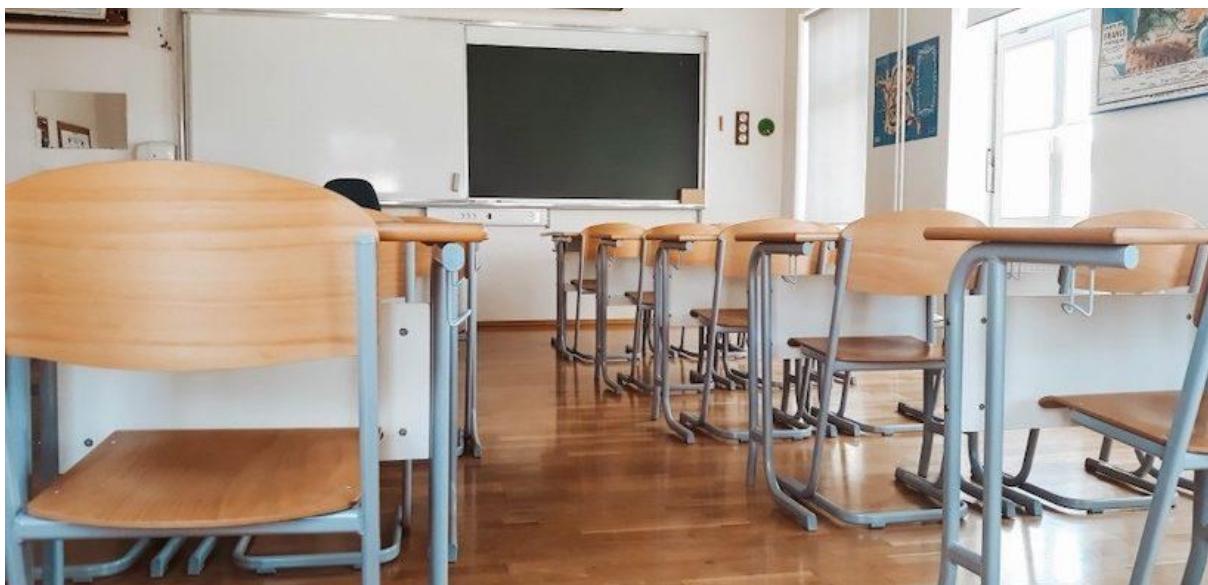
Endereço eletrônico: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/7144/escola-traumatiza-criancas-de-5-anos-com-teatro-transgenero>

Anexo 5

Notícia 5: Professores da Califórnia recrutaram alunos para clubes LGBT, áudios revelam

Professores da Califórnia recrutaram alunos para clubes LGBT, áudios revelam
Além de sugerir que pais contrários à agenda fossem presos e denunciados, professores usavam táticas para disfarçar militância em sala de aula

POR LEONARDO TRIELLI em 29/11/2021



Um áudio vazado de uma conferência sindical de profissionais da educação revela os artifícios que os professores usam para disfarçar sua militância e alguns deles zombando de pais preocupados com doutrinação LGBT e transgênero nas escolas.

Um participante da conferência, ocorrida em Palm Springs, Califórnia, gravou uma conversa reveladora entre dois professores.

“Foi horrível ouvir não apenas um professor, mas todos os professores em todos esses seminários, criticando os pais”, disse a fonte ao portal de notícias The Epoch Times.

A “Conferência 2021 LGBTQ+ Além do binário: identidade e possibilidades de imaginação,” foi realizada de 29 a 31 de outubro.

De acordo com o participante anônimo, a conferência incluiu professores mostrando a seus colegas como minar a autoridade dos pais e administradores escolares e ocultar deles atividades relacionadas à inclusão de gênero e orientação sexual.

Os professores também sugeriram que os pais que se recusam a chamar seus filhos pelos pronomes escolhidos pelas crianças devem ser presos e acusados de abuso infantil, disse a fonte.

As três aulas que o participante anônimo frequentou foram projetadas para recrutar alunos do ensino médio para clubes GSA (Aliança Gay-hétero, na sigla em inglês), disse ela.

“O tema geral das aulas que participei foram os professores da Califórnia instruindo outros professores sobre como inserir disfarçadamente o currículo LGBTQ+ de uma maneira que não chame a atenção dos pais”, afirma.

Dois professores da Buena Vista Middle School conduziram um workshop chamado “Como administramos um ‘GSA’ em Comunidades Conservadoras”, e descreveram os obstáculos que enfrentaram como professores ativistas para ocultar as atividades desses clubes dos pais.

No arquivo de áudio, um professor aconselhou outros colegas que lideram clubes LGBTQ a manterem um ar de negação plausível para que possam se fazer de sonsos se forem questionados pelos pais.

“Como os clubes não são oficiais, não temos listas de participantes. Não mantemos nenhum registro”, disse a professora, que é líder de um clube LGBTQ. “Na verdade, às vezes não queremos realmente manter registros, porque se os pais ficarem chateados com a chegada de seus filhos? Nós pensamos, ‘Sim, eu não sei. Talvez eles tenham vindo? Você sabe, nós nunca queremos que uma criança tenha problemas por comparecer se seus pais estiverem chateados.’”

Outra professora apoiou a colega, sugerindo que os professores ativistas disfarçassem a natureza dos clubes GSA chamando-os de algo menos óbvio. Ela deu um exemplo próprio. Em vez de chamar de clube GSA, denominou de “Clube da Igualdade” e mais tarde mudou o nome para clube “Você é Você”.

Os professores se gabaram de espionar pesquisas de ferramentas de busca e atividades online dos alunos, bem como de espionar suas conversas para identificar e recrutar alunos do sexto ano para esses clubes LGBTQ, cujas listas de membros são mantidas ocultas dos pais.

“Nós rastreamos totalmente o que eles estavam fazendo no Google”, disse um dos professores.

Após os áudios se tornarem públicos, os superintendentes educacionais das escolas envolvidas informaram que o clube “Você é Você” foi extinto e que os professores estão proibidos de rastrear ou monitorar atividades online dos alunos.

Endereço eletrônico: <https://sensoincomum.org/2021/11/29/professores-da-california-recrutaram-alunos-para-clubes-lgbt-audios-revelam/>

Anexo 6

Notícia 6: ONU Mulheres critica violência de gênero na Copa 2018

ONU Mulheres critica violência de gênero na Copa 2018

22 junho 2018



Legenda: Foto: EBC

A ONU Mulheres emitiu nesta sexta-feira (22) uma nota pública sobre a violência de gênero durante a Copa do Mundo 2018, considerando "inaceitável a intenção deliberada de alguns torcedores brasileiros de assediar sexualmente mulheres durante a Copa do Mundo". "Ao fazê-lo, violentaram as mulheres do mundo inteiro. Com palavras de baixo calão, eles reduziram as mulheres a objetos sexuais na demonstração de como a misoginia que, inclusive fundamenta a cultura do estupro, assume diferentes formas e não tem fronteiras, ocorrendo num evento que se propõe a promover a integração dos povos e os sentimentos de união pelo esporte", afirmou a nota assinada pela representante da ONU Mulheres Brasil, Nadine Gasman.

Leia a nota completa:

É inaceitável a intenção deliberada de alguns torcedores brasileiros de assediar sexualmente mulheres durante a Copa do Mundo, valendo-se de constrangimento, engano, e assim violando os direitos humanos das mulheres. Ao fazê-lo, violentaram as mulheres do mundo inteiro. Com palavras de baixo calão, eles reduziram as mulheres a objetos sexuais na demonstração de como a misoginia que, inclusive fundamenta a cultura do estupro, assume

diferentes formas e não tem fronteiras, ocorrendo num evento que se propõe a promover a integração dos povos e os sentimentos de união pelo esporte. Às mulheres russas e às mulheres de todas as nacionalidades, a ONU Mulheres Brasil manifesta a sua solidariedade.

A discussão pública sobre os vídeos sexistas e as consequências dos fatos mostram, mais uma vez, o repúdio do mundo ao machismo. A forte reação pública de repúdio é fundamental para que fique cada vez mais sólida a convicção da sociedade contra todas as formas de violência contra as mulheres. Os casos de violência contra as mulheres russas demonstram como não há mais lugar no mundo para o machismo, e os homens precisam entender isso e atuar firmemente para acabar com o sexismo.

Grandes eventos devem colocar a questão de gênero e os direitos das mulheres no centro dos encaminhamentos preparativos por meio de medidas de prevenção e consciência pública sobre a violência contra as mulheres. Iniciativas de prevenção, a exemplo da campanha do Secretário-Geral da ONU “UNA-SE pelo Fim da Violência contra as Mulheres”, precisam ser adotadas pelas próprias instituições organizadoras de grandes eventos, ampliando o alcance e a circulação de mensagens de conscientização sobre práticas e comportamentos sociais baseados no respeito e na igualdade de direitos e alerta sobre como a violência de gênero acontece, como evitar, como apoiar as vítimas e como responsabilizar os agressores.

Por fim, é responsabilidade dos homens fazer da Copa um espaço seguro para todas e todos.

Nadine Gasman
Representante da ONU Mulheres Brasil

Endereço eletrônico: <https://brasil.un.org/pt-br/80366-onu-mulheres-critica-viol%C3%Aancia-de-g%C3%AAnero-na-copa-2018>

Anexo 7



COMO LER ESTE DOCUMENTO?

MÊS		
EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADE - CURRÍCULO	CONHECIMENTO PRÉVIO
Neste campo, elencamos as expectativas específicas de aprendizagem para o mês, respondendo à seguinte questão: ao final deste mês, os estudantes devem ser capazes de quê?	Neste campo, elencamos as habilidades do Currículo da Rede Municipal de Ensino de Joinville (código alfanumérico e descrição) que serão desenvolvidas neste mês.	Neste campo, elencamos conhecimentos prévios de forma clara e objetiva, respondendo à seguinte questão: o que o aluno deve saber para que as expectativas de aprendizagem sejam consolidadas?
RECURSOS DIDÁTICOS		
Neste campo, elencamos os recursos didáticos que podem apoiar o professor no desenvolvimento dessas aprendizagens esperadas.		
AVALIAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO		
Neste campo, elencamos notas metodológicas (sugestões de links, livros e atividades) com orientações para avaliação referente às expectativas de aprendizagem e indicações de estratégias para recomposição das aprendizagens aos alunos que não as atingirem.		

2º TRIMESTRE

MÊS JUNHO		
EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADE - CURRÍCULO	CONHECIMENTO PRÉVIO
<p>Ao final deste mês, os estudantes devem ser capazes de quê?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender os fatores da expansão colonialista na África e na Ásia e o papel dessas colônias no capitalismo internacional. - Conhecer a crise do colonialismo e o advento dos nacionalismos africanos e asiáticos. - Reconhecer que a ONU foi estruturada ainda durante a segunda guerra mundial, visando pôr fim aos conflitos entre nações. - Reconhecer a importância da Carta dos Direitos Humanos da ONU de 1948. 	<p>(EF09HI14) Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.</p> <p>(EF09HI15) Discutir as motivações que levaram à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto do pós-guerra e os propósitos dessa organização.</p> <p>(EF09HI16) Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa</p>	<p>O que o aluno deve saber para que as expectativas de aprendizagem sejam consolidadas?</p> <p>Compreender o conceito de colonização, capitalismo, nacionalismo e regionalismo.</p> <p>Noção de direitos humanos.</p> <p>Identificar o contexto da 1ª e 2ª Guerra Mundial.</p>

<p>- Contextualizar o panorama histórico do Brasil de 1946 a 1964.</p>	<p>desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação. (EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946. (EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.</p>	
RECURSOS DIDÁTICOS		
<p>Atividade 12/Slides 12 - Em nome do Deus Todo-Poderoso: a partilha da África - Google Drive 3 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI14 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 2 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI15 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 3 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI16 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 2 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI17 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 3 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI18 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br)</p>		
AVALIAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO		
<p>A recomposição da aprendizagem deve acontecer conforme a análise dos resultados das avaliações anteriores, com o objetivo de garantir a progressão de conhecimentos que ajudem a desenvolver as habilidades propostas no período. É importante olhar os resultados nas avaliações de Rede para ter um diagnóstico dos conhecimentos prévios, ou seja, aqueles que os alunos já possuem em relação aos conhecimentos a serem construídos e, também, aqueles os alunos ainda não possuem, em relação às lacunas de aprendizagem que impedem a progressão. Outros pontos a serem considerados: - Planejar as aulas considerando formas de atendimento individual e possibilidades de trabalho colaborativo. - Organizar grupos produtivos com alunos com níveis diferentes de desempenho, cujas orientações produzem interações que promovam a aprendizagem. - Oportunizar material manipulativo/concreto para o desenvolvimento das habilidades. - Disponibilizar conteúdos personalizados por meio do uso da tecnologia ou que utilizem estratégias diversificadas. OBS: O processo de avaliação serve para verificar a aprendizagem da criança e a partir deste orientar os próximos passos de um planejamento com qualidade. IMPORTANTE: Caso o assunto seja muito extenso sugere-se ao professor utilizar de estratégias diferenciadas de pesquisa e trabalho para completar o currículo a ser desenvolvido.</p>		

MÊS AGOSTO		
EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADE - CURRÍCULO	CONHECIMENTO PRÉVIO
<p>Ao final deste mês, os estudantes devem ser capazes de quê? - Reconhecer os movimentos indígenas e quilombolas como formas de contestação à política desenvolvimentista do regime ditatorial (1964-1985). - Caracterizar o papel da sociedade civil pela democratização. - Reconhecer que a sociedade não ficou passiva e que pressionou pela abertura política, mesmo diante da tentativa de fechamento do regime pela "linha dura" militar. - Conhecer e discutir as mudanças ocorridas no Brasil, de 1989 aos dias atuais, em setores diversos (política, economia, cultura, comunicação, sociedade etc.), identificando aquelas prioritárias à cidadania e aos valores democráticos. - Contextualizar, a visibilidade, atuação social e organização mais institucional, a partir de 1990, dos movimentos sociais populares de agendas diversas.</p>	<p>(EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura. (EF09HI22) Discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988. (EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo. (EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos. (EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.</p>	<p>O que o aluno deve saber para que as expectativas de aprendizagem sejam consolidadas? Compreender a importância dos Direitos Humanos. Conceito de movimentos sociais, cidadania e democracia.</p>
RECURSOS DIDÁTICOS		
<p>Slides 15 - Redemocratizar é preciso: Diretas Já.pptx - Apresentações Google Atividade 16/Slides 16 - A Constituição Cidadã de 1988 - Google Drive 2 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI21 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 3 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI22 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 2 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI23 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 3 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI24 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 2 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI25 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br)</p>		
AVALIAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO		
<p>A recomposição da aprendizagem deve acontecer conforme a análise dos resultados das avaliações anteriores, com o objetivo de garantir a progressão de conhecimentos que ajudem a desenvolver as habilidades propostas no período. É importante olhar os resultados nas avaliações de Rede para ter um diagnóstico dos conhecimentos prévios, ou seja, aqueles que os alunos já possuem em relação aos conhecimentos a serem construídos e, também, aqueles os alunos ainda não possuem, em relação às lacunas de aprendizagem que impedem a progressão.</p>		

<p>Outros pontos a serem considerados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Planejar as aulas considerando formas de atendimento individual e possibilidades de trabalho colaborativo. - Organizar grupos produtivos com alunos com níveis diferentes de desempenho, cujas orientações produzam interações que promovam a aprendizagem. - Oportunizar material manipulativo/concreto para o desenvolvimento das habilidades. - Disponibilizar conteúdos personalizados por meio do uso da tecnologia ou que utilizem estratégias diversificadas. <p>OBS: O processo de avaliação serve para verificar a aprendizagem da criança e a partir deste orientar os próximos passos de um planejamento com qualidade.</p> <p>IMPORTANTE: Caso o assunto seja muito extenso sugere-se ao professor utilizar de estratégias diferenciadas de pesquisa e trabalho para completar o currículo a ser desenvolvido.</p>
--

MÊS SETEMBRO		
EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADE - CURRÍCULO	CONHECIMENTO PRÉVIO
<p>Ao final deste mês, os estudantes devem ser capazes de quê?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Discutir as causas da violência contra populações marginalizadas e trabalhar com o reconhecimento das diferenças, com o exercício da empatia, do respeito e da tolerância ao outro. - Avaliar que as desigualdades sociais e econômicas também constituem um tipo de violência, além do etnocentrismo, a xenofobia, a escravidão, o fundamentalismo religioso também podem ser fatores de numerosas formas de violência. - Criticar a banalização da violência e o sensacionalismo da mídia (na linguagem e nas imagens), que desvaloriza e descarta o ser humano, perpetuando a violência. 	<p>(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.</p> <p>(EF09HI27) Relacionar aspectos das mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 ao papel do País no cenário internacional na era da globalização.</p>	<p>O que o aluno deve saber para que as expectativas de aprendizagem sejam consolidadas?</p> <p>Identificar populações marginalizadas.</p> <p>Compreender os conceitos de etnocentrismo, a xenofobia, a escravidão, o fundamentalismo religioso.</p>
RECURSOS DIDÁTICOS		
<p>3 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI26 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br) 3 planos de aula para desenvolver a habilidade EF09HI27 da BNCC Habilidade da BNCC (novaescola.org.br)</p>		
AVALIAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO		
<p>A recomposição da aprendizagem deve acontecer conforme a análise dos resultados das avaliações anteriores, com o objetivo de garantir a progressão de conhecimentos que ajudem a desenvolver as habilidades propostas no período.</p> <p>É importante olhar os resultados nas avaliações de Rede para ter um diagnóstico dos conhecimentos prévios, ou seja, aqueles que os alunos já possuem em relação aos conhecimentos a serem construídos e, também, aqueles os alunos ainda não possuem, em relação às lacunas de aprendizagem que impedem a progressão.</p> <p>Outros pontos a serem considerados:</p>		

<p>Planejar as aulas considerando formas de atendimento individual e possibilidades de trabalho colaborativo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organizar grupos produtivos com alunos com níveis diferentes de desempenho, cujas orientações produzam interações que promovam a aprendizagem. - Oportunizar material manipulativo/concreto para o desenvolvimento das habilidades. - Disponibilizar conteúdos personalizados por meio do uso da tecnologia ou que utilizem estratégias diversificadas. <p>OBS: O processo de avaliação serve para verificar a aprendizagem da criança e a partir deste orientar os próximos passos de um planejamento com qualidade.</p> <p>IMPORTANTE: Caso o assunto seja muito extenso sugere-se ao professor utilizar de estratégias diferenciadas de pesquisa e trabalho para completar o currículo a ser desenvolvido.</p>

3º TRIMESTRE

MÊS OUTUBRO		
EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADE - CURRÍCULO	CONHECIMENTO PRÉVIO
<p>Ao final deste mês, os estudantes devem ser capazes de quê?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar os blocos da Guerra Fria e a participação das potências (EUA e URSS) nesse duelo ideológico. - Contextualizar a guerra armamentista, a luta pela exploração espacial e a luta por zonas de influência como características do período. - Analisar as ditaduras na América Latina no período da Guerra Fria, como resultado de interferências da política estadunidense na região sob o pretexto de combate ao comunismo. - Comparar os regimes ditatoriais latino-americanos naquilo que eles têm em comum (censura à imprensa, opressão e uso da força contra opositores) e no que se diferenciam, em especial na política econômica adotada. - Relacionar as independências africanas ao contexto da Guerra Fria e aos interesses internacionais na exploração dos recursos minerais e petrolíferos (Congo). - Contextualizar o regime do apartheid na África do Sul, (1948-1994), e refletir sobre segregação, discriminação e preconceito racial. 	<p>(EF09HI28) Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.</p> <p>(EF09HI29) Descrever e analisar as experiências ditatoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras.</p> <p>(EF09HI30) Comparar as características dos regimes ditatoriais latino-americanos, com especial atenção para a censura</p>	<p>O que o aluno deve saber para que as expectativas de aprendizagem sejam consolidadas?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os blocos da Guerra Fria, seus ideários, disputas e tensões. - Confrontar e diferenciar os regimes ditatoriais da América Latina em suas práticas e política econômica. - Compreender o processo de independência das Áfricas diante da Guerra Fria e dos interesses globais. - Identificar características de regimes de segregação e discriminação racial.

	<p>política, a opressão e o uso da força, bem como para as reformas econômicas e sociais e seus impactos.</p> <p>(EF09HI31) Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.</p> <p>DESCRIPTORIOS SAEB (Simplificados): LÍNGUA PORTUGUESA D14-Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato. D8-Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la. D15-Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcada por conjunções, advérbios. D17-Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações. D19-Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.</p> <p>MATEMÁTICA D28-Resolver problema que envolva porcentagem.</p>	
RECURSOS DIDÁTICOS		
<p>https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/historia/a-crise-dos-misseis-em-cuba-e-a-guerra-fria/5594 https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/historia/che-guevara-e-a-revolucao-cubana/5683</p>		

Ativar o Wi
Acesse Config

<p>https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/9ano/historia/a-revolucao-chinesa/6017 Plano de aula - 9º ano - As mãos da Praça de Maio e a resistência à ditadura civil-militar argentina (1976-1983) (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Censura e repressão na ditadura chilena de Pinochet (1973-1990) (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Integração internacional nas ditaduras latino - americanas (1945 - 1990): uma análise sobre a operação condor (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Redemocratização e o papel das comissões da verdade na América Latina (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Os direitos humanos e os regimes ditatoriais latino-americanos (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Guiné-Bissau: uma bandeira, uma luta (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Autodeterminação, resistência e independência do Timor-Leste (novaescola.org.br) Historia_9o-Ano_III-Unidade.pdf (educacao.ba.gov.br) Engº. Orlando Flores - 9 ano (google.com)</p> <p>Guerra Fria em charges https://docente.ifrn.edu.br/jordanacosta/disciplinas/caico-2o-ano-2014/vestuario/charges-guerra-fria https://www.unifal-mg.edu.br/remadih/a-guerra-fria/</p> <p>Fotos Guerra Fria https://br.rbth.com/historia/83219-12-fotos-guerra-fria-1970</p> <p>Podcast Ditadura Militar e Guerra Fria https://jornal.usp.br/podcast/diversidade-em-ciencia-108-relacao-historica-entre-a-ditadura-militar-brasileira-e-o-bloco-ocidental-da-guerra-fria/</p> <p>Hércules 56 https://www.youtube.com/watch?v=lhyza7id3fc&list=PLltntJzDHT3K0N5FRV-qgEDMTmqe8uoNc</p> <p>Ditadura na América Latina https://paineira.usp.br/memresist/ http://memorialdademocracia.com.br/card/comeca-a-sangrenta-ditadura-argentina</p> <p>Descolonização da África https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/arrantia-fayad-imagens-of-south-africa/ http://library.au.int/</p> <p>Biografias mulheres africanas https://www.ufrgs.br/africanas/pesquisar-acervo/</p> <p>Livro História da Ásia https://acervo.sead.ufes.br/arquivos/historia-da-asia.pdf</p>	
AVALIAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO	
<p>A recomposição da aprendizagem deve acontecer conforme a análise dos resultados das avaliações anteriores, com o objetivo de garantir a progressão de conhecimentos que</p>	

Ativar o Wi
Acesse Config

ajudem a desenvolver as habilidades propostas no período.
É importante olhar os resultados nas avaliações de Rede para ter um diagnóstico dos conhecimentos prévios, ou seja, aqueles que os alunos já possuem em relação aos conhecimentos a serem construídos e, também, aqueles que os alunos ainda não possuem, em relação às lacunas de aprendizagem que impedem a progressão.
Outros pontos a serem considerados:

- Planejar as aulas considerando formas de atendimento individual e possibilidades de trabalho colaborativo.
- Organizar grupos produtivos com alunos com níveis diferentes de desempenho, cujas orientações produzam interações que promovam a aprendizagem.
- Oportunizar material manipulativo/concreto para o desenvolvimento das habilidades.
- Disponibilizar conteúdos personalizados por meio do uso da tecnologia ou que utilizem estratégias diversificadas.

OBS: O processo de avaliação serve para verificar a aprendizagem da criança e a partir deste orientar os próximos passos de um planejamento com qualidade.

IMPORTANTE: Caso o assunto seja muito extenso sugere-se ao professor utilizar de estratégias diferenciadas de pesquisa e trabalho para completar o currículo a ser desenvolvido.

MÊS NOVEMBRO		
EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADE - CURRÍCULO	CONHECIMENTO PRÉVIO
<p>Ao final deste mês, os estudantes devem ser capazes de quê?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar as mudanças e permanências do processo de globalização (1980), onde os mercados mundiais formam uma aldeia global. - Relacionar a integração econômica global a dois processos simultâneos: a revolução tecnológica e a liberalização dos mercados. - Compreender as diferentes lógicas do neoliberalismo na América Latina, como a oposição dos movimentos populares à abertura comercial, às privatizações e à flexibilização dos direitos trabalhistas. - Reconhecer que alguns países adotaram medidas neodesenvolvimentistas, que, contudo, não romperam com o neoliberalismo. 	<p>(EF09HI32) Analisar mudanças e permanências associadas ao processo de globalização, considerando os argumentos dos movimentos críticos às políticas globais.</p> <p>(EF09HI33) Analisar as transformações nas relações políticas locais e globais geradas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação.</p> <p>(EF09HI34) Discutir as motivações da adoção de diferentes políticas econômicas na América Latina, assim como seus</p>	<p>O que o aluno deve saber para que as expectativas de aprendizagem sejam consolidadas?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as rupturas, continuidades e simultaneidades do processo de globalização. - Distinguir diferentes perspectivas sobre o neoliberalismo na América Latina

Ativar o Wi
Acesse Configu

	<p>impactos sociais nos países da região.</p> <p>DESCRITORES SAEB (Simplificados): LÍNGUA PORTUGUESA D14-Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato. D8-Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la. D15-Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcada por conjunções, advérbios. D17-Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações. D19-Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.</p> <p>MATEMÁTICA D28-Resolver problema que envolva porcentagem.</p>	
RECURSOS DIDÁTICOS		
<p>Plano de aula - 9º ano - A queda do Muro de Berlim e o colapso do bloco soviético (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Neoliberalismo no Brasil e o processo de privatização das empresas estatais (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - A internet e o processo de globalização (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TICS) (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - As políticas locais e globais e sua relação com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - As mídias sociais e as transformações nas relações entre governos e cidadãos (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Meio ambiente e sociedade, e produção da tecnologia (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Consumo Consciente e Políticas Públicas (novaescola.org.br)</p>		

Ativar o Wi
Acesse Configu

MÊS DEZEMBRO		
EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADE - CURRÍCULO	CONHECIMENTO PRÉVIO
<p>Ao final deste mês, os estudantes devem ser capazes de quê?</p> <p>- Identificar os movimentos terroristas mundiais, relacionando o aumento das violências como uma manifestação das mudanças geopolíticas regionais, com o surgimento de ideias de intolerância religiosa e manifestação de poder de grupos armados que não participam do mundo globalizado.</p> <p>- Conhecer os movimentos identitários, urbanos ou rurais, formados por segmentos sociais excluídos pertencentes às camadas populares (mas não exclusivamente), podem incluir mulheres, afrodescendentes, indígenas, grupos geracionais (jovens, idosos), deficientes, seguidores de uma determinada religião etc.,</p>	<p>(EF09HI35) Analisar os aspectos relacionados ao fenômeno do terrorismo na contemporaneidade, incluindo os movimentos migratórios e os choques entre diferentes grupos e culturas.</p> <p>(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.</p> <p>DESCRITORES SAEB (Simplificados): LÍNGUA PORTUGUESA D14-Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato. D8-Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la. D15-Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcada por conjunções, advérbios.</p>	<p>O que o aluno deve saber para que as expectativas de aprendizagem sejam consolidadas?</p> <p>- Reconhecer as ações terroristas e intolerantes como práticas provenientes das modificações locais-globais.</p> <p>- Discernir as características dos diferentes movimentos identitários configurados no contexto de globalização.</p>

Ativar o M
Acesse Confi

	<p>D17-Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações. D19-Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.</p> <p>MATEMÁTICA D28-Resolver problema que envolva porcentagem.</p>	
RECURSOS DIDÁTICOS		
<p>Plano de aula - 9º ano - Islamismo, preconceito e Islamofobia (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Fundamentalismo e religião (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - As faces do terrorismo (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Grupos terroristas (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - A migração internacional e a situação dos refugiados (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - O papel da ONU na mediação de conflitos (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Racismo no Brasil: herança maldita (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Afro-americanos e racismo: pluralidades étnicas no mundo globalizado (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - A inserção dos povos indígenas na construção de seus direitos (novaescola.org.br) Plano de aula - 9º ano - Um novo mundo é possível: Fórum Social Mundial e Direitos Humanos (novaescola.org.br) Historia_9o-Ano_III-Unidade.pdf (educacao.ba.gov.br)</p>		
AVALIAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO		
<p>A recomposição da aprendizagem deve acontecer conforme a análise dos resultados das avaliações anteriores, com o objetivo de garantir a progressão de conhecimentos que ajudem a desenvolver as habilidades propostas no período.</p> <p>É importante olhar os resultados nas avaliações de Rede para ter um diagnóstico dos conhecimentos prévios, ou seja, aqueles que os alunos já possuem em relação aos conhecimentos a serem construídos e, também, aqueles os alunos ainda não possuem, em relação às lacunas de aprendizagem que impedem a progressão.</p> <p>Outros pontos a serem considerados:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Planejar as aulas considerando formas de atendimento individual e possibilidades de trabalho colaborativo. - Organizar grupos produtivos com alunos com níveis diferentes de desempenho, cujas orientações produzem interações que promovam a aprendizagem. - Oportunizar material manipulativo/concreto para o desenvolvimento das habilidades. - Disponibilizar conteúdos personalizados por meio do uso da tecnologia ou que utilizem estratégias diversificadas. 		

Ativar o M
Acesse Confi

OBS: O processo de avaliação serve para verificar a aprendizagem da criança e a partir deste orientar os próximos passos de um planejamento com qualidade.

IMPORTANTE: Caso o assunto seja muito extenso sugere-se ao professor utilizar de estratégias diferenciadas de pesquisa e trabalho para completar o currículo a ser desenvolvido.

APÊNDICES

Apêndice 1

Título	Autor/a	Data da publicação	Link do site
Lavagem cerebral com ideologia de gênero em escola particular de Brasília	Roberta Simão	Abril 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/lavagem-cerebral-com-ideologia-de-genero-em-escola-particular-de-brasilia/
Professora de Português toma invertida após tentativa de promover ideologia de gênero	Miguel Nagib	Abril 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/professora-de-portugues-toma-invertida-apos-tentativa-de-promover-ideologia-de-genero/
MP processa colégio particular de BH por martelar ideologia de gênero na cabeça dos alunos	Administrador	Novembro 2018	http://www.escolasempartido.org/blog/mp-processa-colegio-particular-de-bh-por-martelar-ideologiadegenero-na-cabeca-dos-alunos
Ideologia de gênero na escola e que se dane a lei	Administrador	Setembro 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/ideologia-de-genero-na-escola-e-que-se-dane-a-lei/
A ideologia de gênero no banco dos réus	Miguel Nagib	Setembro 2015	http://www.escolasempartido.org/blog/a-ideologia-de-genero-no-banco-dos-reus/
Porque os pais devem dizer NÃO à ideologia de gênero	Administrador	Setembro 2015	http://www.escolasempartido.org/blog/porque-os-pais-devem-dizernao-a-ideologia-de-genero/
No IFPE, fanáticos da religião do gênero transformam banheiro feminino em banheiro trans	Escola Sem Partido Comunicação	Março 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/denuncia-fanaticos-da-religio-do-genero-transformam-banheiro-feminino-do-ifpe-em-banheiro-trans/
Agenda de gênero: redefinindo a igualdade	Administrador	Fevereiro 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/agenda-de-genero-redefinindo-a-igualdade/

Não aguento mais receber trabalhos cujo objetivo é f*der com a mentalidade dos alunos	Miguel Nagib	Julho 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/nao-aguento-mais-receber-trabalhos-cujo-objetivo-e-fder-com-a-mentalidade-dos-alunos/
Bela Adormecida percebe que universidade não é príncipe encantado	Roberta Simão	Julho 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/bela-adormecida-percebe-que-universidade-nao-e-principe-encantado/
Doutrinação ideológica em Educação Física: autor de denúncia contra UNIVESP mata a cobra e mostra o pau	Miguel Nagib	Março 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/doutrinacao-ideologica-em-educacao-fisica-autor-de-denuncia-contra-univesp-mata-a-cobra-e-mostra-o-pau/
Escola sem Partido disponibiliza modelo de petição para garantir direito de gravar aulas	Administrador	Janeiro 2019	http://www.escolasempartido.org/blog/escola-sem-partido-disponibiliza-modelo-de-peticao-para-garantir-direito-de-gravar-aulas/
Depoimento de Beatriz Hidalgo (12.11.2016)	Administrador	Novembro 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/depoimento-de-beatriz-hidalgo-12-11-2016/
Depoimento de M.S.S. (30.07.2015)	Administrador	Novembro 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/depoimento-de-m-s-s-30-072015/
Prova de concurso público em Goiânia é mais um caso de estupro coletivo	Administrador	Julho 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/prova-de-concurso-publico-em-goiania-e-mais-um-caso-de-estupro-coletivo/
Depoimento de Dorcas J. Alves da Silva, via Facebook (24.05.2016)	Administrador	Julho 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/depoimento-de-dorcas-j-alves-da-silva-via-facebook-24-05-2016/

As Ciências Humanas na Base Nacional Comum Curricular	Bráulio Matos	Junho 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/as-ciencias-humanas-na-base-nacional-comum-curricular/
A pedofilia vai à escola	Percival Puggina	Março 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/a-pedofilia-vai-a-escola/
Totalitarismo através da educação	Percival Puggina	Janeiro 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/totalitarismo-atraves-da-educacao/
Quem deve aprovar a BNCC?	Miguel Nagib	Janeiro 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/quem-deve-aprovar-a-bncc/
O vale-tudo ideológico da Deputada Margarida Salomão	Administrador	Novembro 2015	http://www.escolasempartido.org/blog/o-vale-tudo-ideologico-da-deputada-margarida-salomao/
Guarulhos: onde a Marcha das Vadias se mete na educação de crianças	Thiago Cortês	Mai 2015	http://www.escolasempartido.org/blog/guarulhos-onde-a-marcha-das-vadias-se-mete-na-educacao-decriancas/
Livro Infantil Promove Satanismo	Administrador	Setembro 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/livro-infantil-promove-satani-smo/
Anteprojeto de Lei Municipal e minuta de justificativa	Administrador	Junho 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/anteprojeto-de-lei-municipal-e-minuta-de-justificativa/
Anteprojeto de Lei Estadual e minuta de justificativa	Administrador	Junho 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/anteprojeto-de-lei-estadual-e-minuta-de-justificativa/
Pais católicos reagem!	Klauber Cristofen Pires	Abril 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/pais-catolicos-reagem/

Engenharia comportamental nas escolas de Santa Catarina	Administrador	Junho 2013	http://www.escolasempartido.org/blog/engenharia-social-e-comportamental-nas-escolas-de-santa-catarina/
Estão detonando as nossas crianças	Administrador	Junho 2013	http://www.escolasempartido.org/blog/estao-detonando-as-nossas-criancas/
Abade do Mosteiro de São Bento denuncia uso do sistema de ensino para a difusão de valores contrários à família	Administrador	Dezembro 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/abade-do-mosteiro-de-sao-bento-denuncia-uso-do-sistema-deensino-para-a-difusao-de-valorescontrarios-a-familia/
Anteprojeto - Decreto municipal	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/anteprojeto-decreto-municipal/
Anteprojeto - Decreto estadual	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/anteprojeto-decreto-estadual/
Anteprojeto de lei municipal e minuta de justificção	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/anteprojeto-lei-municipal/
Anteprojeto de lei estadual e minuta de justificção	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/anteprojeto-lei-estadual/
Anteprojeto de lei federal e minuta de justificção	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/anteprojeto-lei-federal/
Parecer sobre a constitucionalidade	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/constitucionalidade-parecer/
TEXTOS BASE	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/off-textos-base/

Ataque ao ESP revela falsos amigos das crianças e adolescentes	Miguel Nagib	Mai 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/ataque-ao-esp-revela-falsosamigos-das-criancas-e-adolescentes/
Perguntas frequentes	Não informado	Não informado	http://www.escolasempartido.org/perguntas-e-respostas/
Por que o pensamento pedagógico de Paulo Freire leva à doutrinação ideológica, política e partidária?	Jonas da Silva Azevedo	Julho 2019	http://www.escolasempartido.org/blog/por-que-o-pensamento-pedagogico-de-paulo-freire-leva-a-doutrinação-ideologica-politica-e-partidaria/
Fundamentos constitucionais e legais do Escola sem Partido	Administrador	Dezembro 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/fundamentos-constitucionais-e-legais-do-escola-sem-partido/
Sala de aula não é Facebook	Marcelo Rech	Julho 2016	http://www.escolasempartido.org/blog/sala-de-aula-nao-e-facebook/
FAQ	Administrador	Novembro 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/faq-footer/
Escola sem limites: o papel das universidades na crise da autoridade docente	José Maria e Silva	Julho 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/escola-sem-limites-o-papel-das-universidades-na-cri-se-da-autoridade-docente/
Coordenador do ESP responde às críticas de um professor-candidato	Administrador	Julho 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/coordenador-do-esp-responde-as-criticas-de-um-professor-candidato/
Plano Nacional de Educação irá aprofundar doutrinação no ensino	José Maria e Silva	Abril 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/plano-nacional-de-educacao-ira-aprofundar-doutrinação-no-ensino/

Plano Nacional de Educação: o que está acontecendo no Congresso	Luiz Gomes Jardim	Abril 2014	http://www.escolasempartido.org/blog/plano-nacional-de-educacao-que-esta-acontecendo-no-congresso/
Entrevista de Miguel Nagib à revista Profissão Mestre	Administrador	Junho 2015	http://www.escolasempartido.org/blog/entrevista-de-miguel-nagib-a-revista-profissao-mestre/
3 – Farinha do mesmo saco?	Julio Severo	Outubro 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/farinha-do-mesmo-saco-3/
Flagrante de doutrinação ideológica em livro didático	Klauber Cristofen Pires	Agosto 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/flagrante-de-doutrinacao-ideologica/
Universidade Federal de Uberlândia (junho 2012)	Administrador	Junho 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/universidade-federal-de-uberlandia-junho-2012/
Mensagens de apoio – 5	Administrador	Mai 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/mensagens-de-apoio-5/
Mensagens de apoio – 4	Administrador	Mai 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/mensagens-de-apoio-4/
Entrevista do coordenador do ESP ao site Portaberta (09.08.2008)	Administrador	Mai 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/entrevista-do-coordenador-do-esp-ao-site-portaberta-09-08-2008/
Debate sobre doutrinação ideológica na revista Época (outubro/2007) – 3ª parte	Administrador	Mai 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/debate-sobre-doutrinacao-ideologica-na-revista-epoca-outubro-2007-3-parte/
Representação ao MP	Administrador	Fevereiro 2018	http://www.escolasempartido.org/blog/representacao-ao-mp/

ITALIA – Senador italiano propõe CPI contra doutrinação em livros didáticos	Administrador	Janeiro 2012	http://www.escolasempartido.org/blog/senador-italiano-propoe-cpicontra-doutrinacao-em-livros-didaticos/
Uma tragédia na UFF	Administrador	Outubro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/uma-tragedia-na-uff/
Pedagogia da USP: a epifania do crime	José Maria e Silva	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/pedagogia-da-usp-a-epifania-do-crime/
A situação do ensino no Brasil: doutrinação ideológica e incapacidade de desenvolver competências	Luis Lopes Diniz Filho	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/a-situacao-do-ensino-no-brasil-doutrinacao-ideologica-e-incapacidade-de-desenvolver-competencias/
Consciência reprimida: duas Notas	Olavo de Carvalho	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/consciencia-reprimida-duasnotas/
Por uma escola sem Partido	Miguel Nagib	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/por-uma-escola-sem-partido/
Para que serve a História? Para nada...	Ricardo da Costa	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/para-que-serve-a-historia-para-nada/
O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das Palavras	Ricardo da Costa	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/o-conhecimento-historico-e-a-compreensao-do-passado-o-historiador-e-a-arqueologia-das-palavras/
Por uma educação Liberal	J. O. de Meira Penna	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/por-uma-educacao-liberal/

A doutrinação ideológica nas escolas	Nelson Lehmann da Silva	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/a-doutrinacao-ideologica-nas-escolas/
FAQ	Administrador	Setembro 2011	http://www.escolasempartido.org/blog/faq/
Aluna desabafa: “Estou CANSADA, CANSADA!”	Roberta Simão	Julho 2020	http://www.escolasempartido.org/blog/aluna-desabafa-estou-cansada-cansada/
ENEM (2007)	Reinaldo Azevedo	Outubro 2007	http://www.escolasempartido.org/blog/enem-2007/

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Apêndice 2

ESCOLA MUNICIPAL PREFEITO MAX COLIN

Professora: Elionay Rodrigues Marques

Data: ___/___/___

Estudantes: _____ Turma: _____

ATIVIDADE DE HISTÓRIA - LEITURA CRÍTICA

Passo 1: Leia a notícia

- Leia cuidadosamente a notícia e sublinhe as ideias principais;
- Procure palavras ou conceitos que não entenda e anote-os para procurar o seu significado.

Passo 2: Identifique o tema principal

- Destaque qual é o tema principal da notícia;
- Escreva uma frase que resuma o tema principal.

Passo 3: Analise a estrutura da notícia

- Local da notícia;
- Data da publicação;
- Pessoas envolvidas;
- Site/rede social em que se encontra a informação;
- Manchete.

Passo 4: Procure detalhes relevantes

- Leia novamente a notícia e procure detalhes específicos que sustentem o tema principal;
- Anote os detalhes que encontrar.


Passo 5: Pesquisas complementares

- Procure informações sobre a notícia lida em outros locais/sites;
- Cruze as informações encontradas e identifique convergências e divergências de informações.

Após realizar todas as etapas acima do checklist, descreva o sentimento que a manchete e a notícia despertou no grupo antes das verificações.

Identifique as aproximações e divergências de como a palavra “gênero” é apresentada na notícia e a definição da mesma estudada na aula anterior.

Apêndice 3

 Prefeitura de Joinville		EDUCAÇÃO
PLANEJAMENTO DE AULAS - ANOS FINAIS		
Professora	Elionay Rodrigues Marques	
Componente Curricular	História	
Ano	9º	
Número de aulas	9	
Mês	Dezembro	
Expectativa de Aprendizagem		
<p>Identificar os movimentos terroristas mundiais, relacionando o aumento das violências como uma manifestação das mudanças geopolíticas regionais, com o surgimento de ideias de intolerância religiosa e manifestação de poder de grupos armados que não participam do mundo globalizado. Conhecer os movimentos identitários, urbanos ou rurais, formados por segmentos sociais excluídos pertencentes às camadas populares (mas não exclusivamente), podem incluir mulheres, afrodescendentes, indígenas, grupos geracionais (jovens, idosos), deficientes, seguidores de uma determinada religião etc.</p>		
Habilidade		
<p>(EF09HI35) Analisar os aspectos relacionados ao fenômeno do terrorismo na contemporaneidade, incluindo os movimentos migratórios e os choques entre diferentes grupos e culturas. (EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.</p>		
Conhecimento Prévio		
<p>Reconhecer as ações terroristas e intolerantes como práticas provenientes das modificações locais-globais. Discernir as características dos diferentes movimentos identitários configurados no contexto de globalização.</p>		
Sequência Didática		
<p>Primeira semana (3 aulas): Aula 1: Realização de uma nuvem de palavras com os estudantes, utilizando os chromebooks (agendados previamente), na plataforma Mentimeter. Os estudantes serão orientados a enviar palavras que relacionem com o termo “gênero”. Os estudantes terão 5 minutos para enviar suas palavras. Após a nuvem formada, discutiremos seu resultado. Após a conversa, será disponibilizado aos estudantes uma definição do conceito de gênero a partir do</p>		

Dicionário Online: Definição da palavra “gênero”

The screenshot shows the Dicio online dictionary page for the word "gênero". The page includes a search bar at the top with the text "Buscar no Dicionário". Below the search bar, the word "gênero" is displayed with a speaker icon and social media sharing icons (Facebook, Twitter, WhatsApp). The page is divided into several sections:

- Significado de Gênero**:
 - substantivo masculino
 - Conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum.
 - [Biologia] Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes; família, raça: o lobo é uma espécie do gênero *canis*.
 - Maneira de ser ou de fazer; estilo, tipo: é esse o seu gênero de se vestir?
 - Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.
 - [Gramática] Categoria gramatical que se baseia na diferenciação entre masculino, feminino e neutro.
- expressão**:
 - Gênero literário. Variedade da obra literária, classificada de acordo o assunto, o modo de o tratar, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático.
 - Gênero humano. Designação da espécie humana, do homem.
 - Gênero de vida. Modo de viver, de proceder; tipo de vida.
- Etimologia** (origem da palavra **gênero**). Do latim generu, genere, "nascimento, origem".
- Sinônimos de Gênero**:
 - Gênero é sinônimo de: [espécie](#), [tipo](#), [forma](#)
- Definição de Gênero**:
 - Classe gramatical: **substantivo masculino**
 - Separação silábica: **gê-ne-ro**
 - Plural: **gêneros**

Os estudantes serão orientados de que a categoria gênero que pautará as aulas seguintes será focada na definição abaixo:

Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.

Após a leitura, os estudantes serão convidados a refletir se a definição condiz com aquilo que eles entendiam previamente sobre o assunto. Deverão escrever um parágrafo no caderno falando sobre as suas impressões. O parágrafo deverá ser apresentado à professora ao final da aula, que será visto e registrado no controle de atividades.

Aulas 2 e 3:

Na aula seguinte os estudantes serão orientados a unirem-se em trios. Após a organização dos trios, os grupos receberão uma notícia veiculada sobre gênero. Dentre as notícias, algumas serão falsas e outras não. Ao receber a notícia, os estudantes seguirão um roteiro de investigação para checar a validade dela, baseado em uma atividade de Checklist: [atividade leitura crítica](#)

Notícias recebidas e lidas pelos estudantes:

Notícia 1: [Projeto sobre gênero revela como trabalhar o tema dentro e fora da escola](#)

Notícia 2: [Mutirão em Montes Claros promove retificação do nome e gênero para pessoas trans](#)

Notícia 3: [Três escolas primárias da Alemanha vão instalar banheiros com “terceiro gênero”](#)

Notícia 4: [Escola traumatiza crianças de 5 anos com “teatro transgênero”](#)

Notícia 5: [Professores da Califórnia recrutaram alunos para clubes LGBT, áudios revelam](#)

Notícia 6: [ONU Mulheres critica violência de gênero na Copa 2018](#)

A verificação das informações será realizada com a utilização dos chromebooks.

Segunda semana (3 aulas):

Aula 1:

Os grupos que chegaram a conclusão que analisaram uma notícia falsa se juntarão com os grupos

que verificaram informações confiáveis. Num primeiro momento, irão falar sobre a notícia lida e como chegaram as suas conclusões. Para enriquecer as discussões entre os grandes grupos, serão instigados com questionamentos de forma oral do tipo “Já haviam visto outras desinformações como essa antes? Onde? Quando?”; “Quais as últimas notícias que viram sobre o tema gênero nas últimas semanas?”. A discussão será mediada pela professora.

Após esse momento de interação os estudantes serão convidados a refletir sobre o que são fake news. De antemão, serão questionados sobre o que sabem sobre o termo e poderão, inclusive, apontar as notícias lidas como fake news. Após a discussão inicial, haverá uma explicação sobre o que são fake news a partir de uma apresentação de slides: [FAKE NEWS, o que é isso?](#)

Ao final da explicação, os estudantes serão convidados a pensar nos impactos que as fake news podem causar nas suas vidas, na educação e, principalmente, no desenvolvimento da história. Ainda de forma oral, retomaremos os exemplos de notícias falsas que circularam e ainda circulam sobre a categoria gênero e faremos uma reflexão baseada na importância de seus estudos, afinal, a implicação de não discutirmos o assunto em sala de aula, acaba por perpetuar estereótipos e a estrutura machista e rígida da nossa sociedade. As discussões serão desenvolvidas em rodas de conversa, deixando sempre que os estudantes tragam suas impressões e mediando qualquer conflito que o assunto possa despertar, bem como desconstruir falas equivocadas ou preconceituosas.

Aulas 2 e 3:

Os estudantes irão produzir um infográfico na plataforma Canva como síntese das discussões realizadas nas aulas anteriores. Os grupos que desenvolverão os infográficos serão compostos pelos mesmos seis estudantes que discutiram o assunto na aula anterior.

Para que desenvolvam o trabalho receberão as instruções a seguir de forma impressa:

- Reúnam-se novamente com os grupos de discussão da aula anterior (6 estudantes);
- Acesse a plataforma Canva com o seu login e senha institucional;
- A partir do consenso do grupo, escolha um design de infográfico que atenda as expectativas do trabalho;
- O infográfico deverá demonstrar a compreensão do grupo de como verificar informações e evitar a propagação de notícias falsas, principalmente sobre “gênero”, que foi o assunto discutido nas aulas anteriores;
- O infográfico deve incluir pelo menos três estratégias para detectar notícias falsas e três dicas para evitar sua propagação;
- Pontos-chave do infográfico:
 - O que são notícias falsas e por que é importante verificar as informações;
 - Estratégias para verificar a veracidade das notícias;
 - Dicas para evitar a propagação de notícias falsas;
 - Exemplos de informações falsas que circulam sobre “gênero” e apontamento dos seus equívocos;
 - Citar as fontes das informações encontradas.

Ao final da terceira aula da semana os estudantes deverão enviar o infográfico para o e-mail institucional da professora em formato PDF.

Recursos Didático (metodologias, práticas pedagógicas ou ferramentas)

Materiais digitais (lousa, computador e chromebooks)
Materiais para resolução das atividades (papel, lápis, caneta, caderno)

Avaliação

Infográfico sobre a verificação de notícias e importância dos estudos sobre gênero.

Avaliação Público Alvo da Educação Especial

Conforme estabelecido nos Art. 27 ao 30 da Lei Brasileira de Inclusão: LBI nº13.146 de 6 de julho de 2015, é de suma importância que esse público seja atendido em sua totalidade, com as adequações e adaptações necessárias para o melhor desenvolvimento na realização das atividades/avaliações.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

Lei nº13.146/2015				
Ao planejar as avaliações, além de providenciar as adequações e adaptações necessárias, o professor deverá inserir as seguintes informações:				
<input type="checkbox"/> Aplicador Intérprete;				
<input checked="" type="checkbox"/> Aplicador Ledor;				
<input type="checkbox"/> Aplicador para acompanhamento, mas sem intervenção;				
<input type="checkbox"/> Aplicador Transcritor;				
()	Materiais	concretos	-	Quais?
<hr/>				
() Sala de aula individual;				
()	Tecnologia	assistiva	-	Qual?
<hr/>				
<input type="checkbox"/> Tempo extra de aplicação com interrupção;				
<input type="checkbox"/> Tempo extra de aplicação sem interrupção;				
<input type="checkbox"/> Ampliação de conteúdo;				
<input type="checkbox"/> Material de suporte.				
Atividades Adaptadas disponibilizadas pelo professor.				
Os alunos que necessitam de atividades adaptadas terão questões reduzidas na avaliação, com letras ampliadas e utilização de elementos visuais para auxiliar no entendimento.				
Recuperação				
As atividades de recuperação deverão seguir o que dispõe os Art. 157 a 163 do Regimento Único das Unidades de Ensino da Rede Municipal de Joinville. De acordo com o documento, a recuperação da aprendizagem:				
<ul style="list-style-type: none"> ● É direito de todos os alunos e deverá acontecer de forma paralela e contínua, no decorrer do ano letivo, com vistas à reorientação dos estudos e à criação de novas oportunidades de aprendizagem; ● Deverá ser possibilitada sempre que houver a necessidade de melhoria da aprendizagem, podendo ser em forma de recuperação de conteúdo; avaliação substitutiva, ofertada aos alunos com dificuldades de aprendizagem; na forma de trabalho, servindo como nota complementar; ou intervenções individuais e em grupo; ● No caso de avaliação escrita e individual, deverá ser ofertada nova avaliação a todos os alunos com notas inferiores a sete (7,0), lembrando que será preservada sempre a maior. 				

Apêndice 4

Definição da palavra “gênero”

Dicionário Online
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>

gênero



 Lexicógrafa responsável: Débora Ribeiro

Significado de Gênero

substantivo masculino

Conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum.

[Biologia] Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes; família, raça: o lobo é uma espécie do gênero *canis*.

Maneira de ser ou de fazer; estilo, tipo: é esse o seu gênero de se vestir?

Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.

[Gramática] Categoria gramatical que se baseia na diferenciação entre masculino, feminino e neutro.

expressão

Gênero literário. Variedade da obra literária, classificada de acordo o assunto, o modo de o tratar, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático.

Gênero humano. Designação da espécie humana, do homem.

Gênero de vida. Modo de viver, de proceder; tipo de vida.

Etimologia (origem da palavra **gênero**). Do latim generu, genere, "nascimento, origem".

Sinônimos de Gênero

Gênero é sinônimo de: [espécie](#), [tipo](#), [forma](#)

Definição de Gênero

Classe gramatical: **substantivo masculino**

Separação silábica: **gê-ne-ro**

Plural: [gêneros](#)

Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.

Apêndice 5

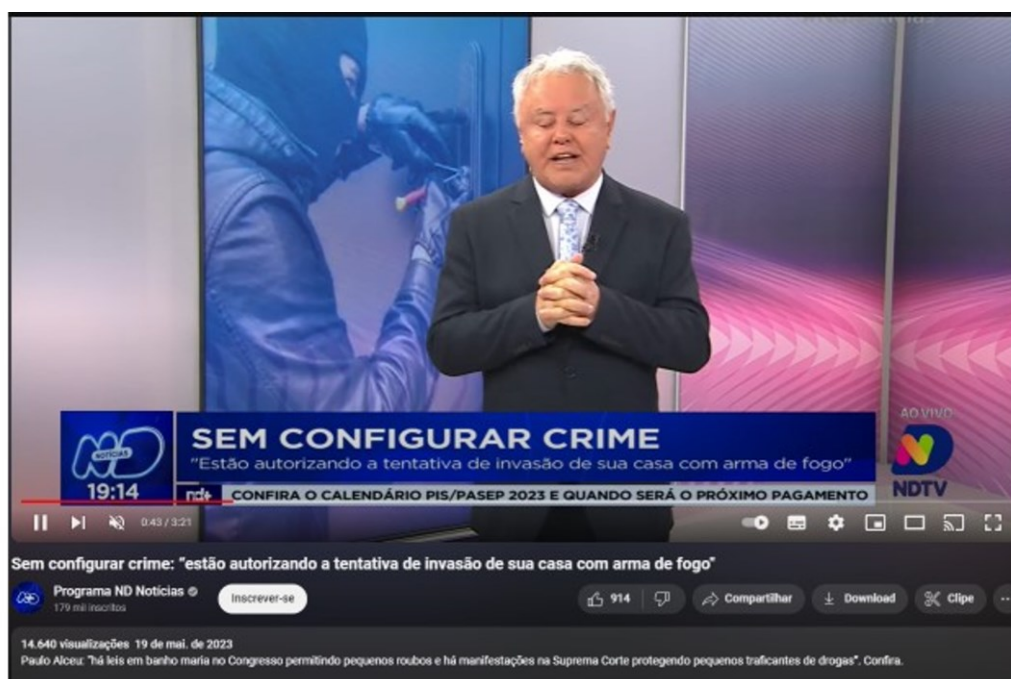
FAKE NEWS, o que é isso?

Fake news: “notícia falsa”

- Notícias falsas, também conhecidas como informações falsas ou desinformação, são um fenômeno cada vez mais comum na era digital;
- Estas histórias falsas espalham-se rapidamente pelas redes sociais e outras plataformas online e podem ter um impacto significativo na forma como percebemos o mundo que nos rodeia.

Manchetes chocantes

- As notícias falsas costumam usar manchetes atraentes e sensacionalistas para atrair a atenção dos leitores;
- Essas manchetes costumam ser exageradas ou dramáticas e podem despertar fortes emoções em quem as lê.

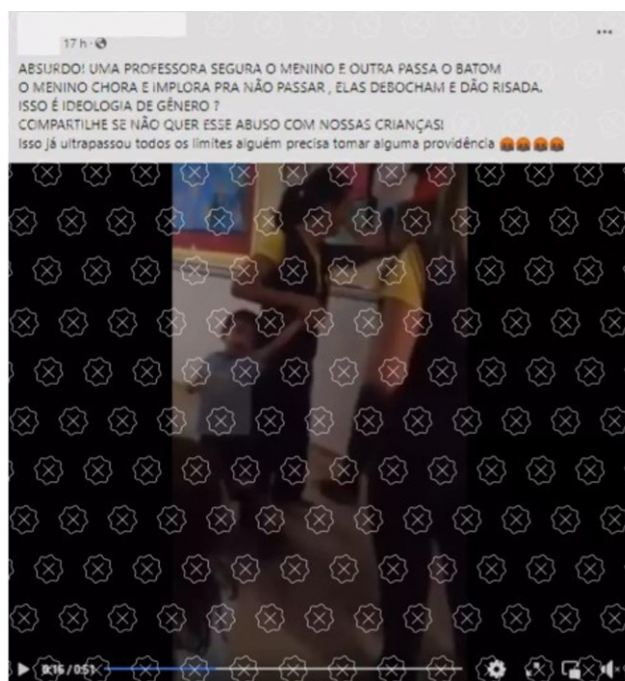


Fontes não confiáveis

- As notícias falsas são frequentemente criadas por fontes não confiáveis ou desconhecidas;
- Estas fontes podem ter um preconceito particular ou podem simplesmente procurar gerar lucros através da disseminação de informações falsas.

Dados imprecisos ou fora de contexto

- As notícias falsas muitas vezes incluem fatos imprecisos ou retirados do contexto para apoiar as suas afirmações;
- Os criadores de notícias falsas podem manipular dados para apresentar uma imagem distorcida da realidade.



Ausência de evidências ou fontes verificáveis

- Uma característica comum das notícias falsas é a falta de provas ou fontes verificáveis para apoiar as afirmações feitas;
- Uma história pode não fornecer links para artigos ou estudos originais, ou as fontes citadas podem não ser reais.

Uso de imagens manipuladas

- As notícias falsas costumam usar imagens manipuladas para apoiar suas afirmações;
- Essas imagens podem ter sido editadas para mostrar uma realidade distorcida ou simplesmente serem completamente falsas.



Fontes:

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/01/09/e-falso-que-arrombar-casa-deixou-de-ser-crime-apos-decisao-do-stj>

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/01/16/suzane-von-richthofen-nao-foi-convidada-para-integrar-ministerio>

<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-canada-vacinados-covid-19-aids/>

<https://www.aosfatos.org/noticias/falso-professoras-menino-batom/>

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/03/27/papa-francisco-casaco-estiloso>